



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**LIVRO-REPORTAGEM: A INFLUÊNCIA DE BERTA LUCIA NA RELIGIOSIDADE
POPULAR**

**AMANDA CAROLINE MONTEIRO LIMA
ANA CAROLINE NEZI DA SILVA
ANDRÉ AUGUSTO ORNIZ ESTEVES
DANIEL VIEIRA DE LUCENA SOUZA
ITAMAR RAMOS BATISTA JUNIOR
TAINÁ CASSIANA DA CONCEIÇÃO**

Presidente Prudente – SP
2017



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**LIVRO-REPORTAGEM: A INFLUÊNCIA DE BERTA LUCIA NA RELIGIOSIDADE
POPULAR**

**AMANDA CAROLINE MONTEIRO LIMA
ANA CAROLINE NEZI DA SILVA
ANDRÉ AUGUSTO ORNIZ ESTEVES
DANIEL VIEIRA DE LUCENA SOUZA
ITAMAR RAMOS BATISTA JUNIOR
TAINÁ CASSIANA DA CONCEIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como requisito parcial para sua conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Orientador:

Prof. Me. Tchiago Inague Rodrigues

**AMANDA CAROLINE MONTEIRO LIMA
ANA CAROLINE NEZI DA SILVA
ANDRÉ AUGUSTO ORNIZ ESTEVES
DANIEL VIEIRA DE LUCENA SOUZA
ITAMAR RAMOS BATISTA JUNIOR
TAINÁ CASSIANA DA CONCEIÇÃO**

**LIVRO-REPORTAGEM: A INFLUÊNCIA DE BERTA LUCIA NA RELIGIOSIDADE
POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Comunicação Social “Jornalista Roberto
Marinho”, curso de Jornalismo,
Universidade do Oeste Paulista, como
parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 31 de outubro de
2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fabiana Aline Alves – Presidente

Prof. Me. Wagner Aparecido Caetano – Membro

Prof. Me. Tchiago Inague Rodrigues – Orientador

DEDICATÓRIA

*Aos contadores de histórias, que nos apresentaram o caminho
perene da literatura, seja real ou ficcional.*

*A todos os devotos, que encontram na abstratividade uma
forma de suportar a concretude.*

*Também aos céticos, que, independente de crenças, lutam por
um mundo onde impere a mais importante das religiões: a tolerância.*

*Aos nossos pais, pares, amigos e formadores, aos quais
somos gratos.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente às nossas famílias, que apoiaram a nossa decisão de seguir o jornalismo, mesmo quando tantos outros desacreditavam esta profissão.

Ao nosso querido orientador Tchiago Inague Rodrigues, pela confiança depositada na proposta do nosso trabalho, por todos os livros emprestados e por compartilhar conosco seu vasto conhecimento sobre literatura e jornalismo literário. Mais do que um orientador, foi um grande amigo e parceiro de trabalho.

À professora Fabiana Aline Alves, que nos introduziu a esta pesquisa e ficou tão entusiasmada com a ideia, nos estimulando a desenvolvê-la como pré-projeto. Vale ressaltar que este TCC não seria possível sem o auxílio teórico prestado por ela.

Ao professor Rogério do Amaral, pela paciência durante as correções e por todas as dúvidas esclarecidas.

A todos os nossos professores, que nos acompanharam ao longo destes quatro anos e contribuíram direta ou indiretamente para a concretização do presente trabalho.

À banca examinadora, que se propôs a avaliar este estudo e participar de um momento tão importante para nós.

Ao diretor executivo do jornal *O Imparcial*, Leandro Nigre, que, acompanhado de um dos autores em uma passagem pelo Cemitério Municipal São João Batista, apresentou a capela de Berta Lucia e sugeriu que sua história poderia render um livro.

À Eliana Galvão Martinelli, por abraçar o nosso propósito e abrir sua casa e seu coração, dividindo conosco todas as suas memórias e seus conhecimentos sobre a breve trajetória de Berta Lucia e o resistente fenômeno de fé em torno da irmã.

A todos os devotos, pelas experiências compartilhadas, sem as quais este fragmento da cultura popular prudentina não poderia ser explorado.

A todos os futuros pesquisadores que aqui chegarem para obter conhecimentos e propagar novos.

*Eu já de há muito tempo vos espio
Na vossa estranha caminhada.
Como quisera estar entre o vosso cortejo
Para viver entre vós a minha vida humana...
Talvez, unido a vós, solto por entre vós
Eu pudesse quebrar os grilhões que vos prendem...*

*Sou bem melhor que vós, almas acorrentadas
Porque eu também estou acorrentado
E nem vos passa, talvez, a ideia do auxílio.
Eu estou acorrentado à noite murmurosa
E não me libertais...
Sou bem melhor que vós, almas cheias de humildade.
Solta ao mundo, a minha alma jamais irá viver convosco.*

*Eu sei que ela já tem o seu lugar
Bem junto ao trono da divindade
Para a verdadeira adoração.*

*Tem o lugar dos escolhidos
Dos que sofreram, dos que viveram e dos que compreenderam.*

Vinícius de Moraes, *Místico*, 1993

RESUMO

Livro-reportagem: a influência de Berta Lucia na religiosidade popular

Dentro do contexto da religiosidade popular, este presente trabalho analisa a construção da santidade de Berta Lucia, a “santa prudentina”, falecida em 1944 em função de uma meningite e cuja imagem é até hoje cultuada por aqueles que acreditam em sua capacidade milagreira. O estudo resultou na confecção de um livro-reportagem a fim de identificar os discursos que fundamentaram a criação deste imaginário e que mantêm o fenômeno imune ao tempo. Para tal finalidade, a abordagem metodológica utilizada foi a pesquisa qualitativa do tipo exploratória e os métodos escolhidos foram a história oral e o estudo de caso. As técnicas adotadas para a coleta de dados consistiram na entrevista em profundidade, pesquisa bibliográfica e no levantamento documental. Para a análise de dados, empregou-se a triangulação de métodos. A escolha do livro-reportagem levou em consideração o fato deste veículo permitir maior riqueza de detalhes, aprofundamento de informações e pesquisa e a possibilidade de contar uma história fazendo uso dos recursos literários sem abrir mão do viés jornalístico.

Palavras-chave: religiosidade popular, santidade, Berta Lucia, livro-reportagem.

ABSTRACT

Non-fictional book: the influence of Berta Lucia in popular religiousness

Inside the context of popular religiousness, this present work analyses the construction of Berta Lucia's holiness, the "saint of Presidente Prudente", who died in 1944 of meningitis and whose image is worshiped until today by the ones who believe in her miracle capacity. The study resulted in the development of a non-fictional book in order to identify the speeches that founded the creation of this imaginary and that kept the timeless phenomenon. For this purpose, the methodological approach used was the qualitative exploratory research and the methods chosen were the oral story and the case study. The data collection techniques were the in-depth interview, bibliographic research and the documental survey. For the data analysis, the triangulation was used. The non-fictional book was chosen considering the fact of this mean allows greater abundance of details, deepen information and research and the possibility of telling a story using the literary resources without giving up the journalistic technique.

Keywords: popular religiousness, holiness, Berta Lucia, non-fictional book.

LISTA DE SIGLAS

EMUBRA	– Enciclopédia dos Municípios Brasileiros
FACOPP	– Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
UNOESTE	– Universidade do Oeste Paulista
TCC	– Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Exemplo de retrato.....	39
FIGURA 2 – Exemplo de fotografia social.....	39
FIGURA 3 – Exemplo de comunicação não-verbal.....	40
FIGURA 4 – Localização do antigo Cemitério Municipal (1923).....	55
FIGURA 5 – Localização do Cemitério Municipal São João Batista.....	55
FIGURA 6 – Atestado de óbito de Berta Lucia.....	57
FIGURA 7 – Ana Fonseca de Oliveira, mãe de Berta Lucia.....	59
FIGURA 8 – Exemplo de placa votiva 1.....	63
FIGURA 9 – Exemplo de placa votiva 2.....	64
FIGURA 10 – Fonte: Garamond.....	71
FIGURA 11 – Capa do livro-reportagem.....	74
FIGURA 12 – Contracapa do livro-reportagem.....	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	16
2.1	Problema e justificativa	16
2.2	Objetivos	19
2.2.1	Objetivo geral.....	19
2.2.2	Objetivos específicos	19
2.3	Metodologia	20
3	A REPORTAGEM EM LIVRO: QUANDO O JORNALISMO E A LITERATURA SE ESBARRAM	24
3.1	O hibridismo entre os discursos jornalísticos e literários	24
3.2	Livro-reportagem: o relato em profundidade	31
3.3	A fotografia como retrato da fé	36
4	BERTA LUCIA: A SANTA PRUDENTINA	42
4.1	Imaginário popular	42
4.2	Religiosidade popular e santidade não institucionalizada	44
4.3	Berta Lucia na imprensa: o fenômeno documentado nas páginas de jornais	48
4.3.1	Repercussão em <i>O Imparcial</i>	48
4.3.2	Repercussão no <i>Oeste Notícias</i>	53
4.4	A mudança do cemitério municipal	54
4.5	Memórias que resistiram ao tempo: uma recuperação histórica por meio das fontes orais e documentais	57
4.6	Perspectivas de canonização	62
4.7	Devotos de Berta Lucia: os patrocinadores da crença popular	64
5	PROJETO EDITORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM “BERTA LUCIA: A SANTA PRUDENTINA”	69
5.1	Introdução	69
5.2	Objetivos	69
5.2.1	Objetivo geral.....	69
5.2.2	Objetivos específicos	70
5.3	Justificativa	70
5.4	Público alvo	70
5.5	Estrutura	70
5.6	Recursos técnicos	70

5.7	Recursos financeiros	72
5.8	Projeto gráfico	72
5.8.1	Capa e contracapa	76
6	MEMORIAL DESCRITIVO	78
6.1	Concepção	78
6.2	Planejamento	79
6.3	Indexação	80
6.4	Entrevistas iniciais	78
6.5	Produção	81
6.6	Estrutura e formatação.....	84
6.7	Diagramação	85
6.8	Finalização	85
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXOS.....	97
	ANEXO A: INDEXAÇÕES.....	98
	ANEXO B: ENTREVISTAS (EM ORDEM CRONOLÓGICA).....	124
	APÊNDICES.....	194
	APÊNDICE A: PAUTAS.....	195

1 INTRODUÇÃO

Religião e sociedade são, em muitas civilizações, fatores indissociáveis. A primeira não apenas encontra-se enraizada na história de um povo, como interfere nas relações sociais e na forma como a coletividade enxerga o mundo. As manifestações que buscam estabelecer um vínculo com o sagrado atendem ao conceito de religiosidade, diretamente ligado à cultura de uma sociedade. Considerando que Presidente Prudente, interior de São Paulo, possui um fenômeno devocional que se mantém por décadas e gera impactos na cultura popular do município, os autores viram a necessidade de entender como tal fragmento se fundamenta e se desenvolve.

Nascida em 15 de novembro de 1939 e falecida em 16 de fevereiro de 1944, Berta Lucia Fonseca tornou-se postumamente célebre na região de Presidente Prudente em virtude de sua capacidade milagreira que povoa o imaginário popular, sendo designada como “a santa prudentina”, da qual se afirma receber graças os que a ela intercedem.

A crença na menina atravessou décadas e gerações e desta forma permanece, atraindo anualmente milhares¹ de pessoas ao seu jazigo, localizado no Cemitério Municipal São João Batista, em Presidente Prudente, sobretudo, no dia de Finados. Nestas ocasiões, o número de visitantes é tão acentuado que os veículos de comunicação locais tradicionalmente abordam o evento em suas publicações e reportagens acerca do feriado de dois de novembro. Por sua relevância no cenário da religiosidade popular no município, tal fenômeno foi escolhido como objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Com esta finalidade, o conteúdo foi dividido em cinco partes. O segundo capítulo apresenta a problemática da pesquisa, a justificativa para o tratamento do tema, quais os objetivos propostos e o processo metodológico percorrido a fim de atingir os resultados esperados. Sendo assim, a abordagem utilizada foi a pesquisa qualitativa do tipo exploratória e os métodos escolhidos foram a história oral e o estudo de caso. As técnicas adotadas para a coleta de

¹ De acordo com Carlos Alberto de Lima, administrador do Cemitério Municipal São João Batista, em Presidente Prudente, a estimativa de visitantes no período de Finados gira em torno de 30 mil pessoas, sendo que cerca de cinco mil visitam a capela de Berta Lucia.

dados consistiram na entrevista em profundidade, pesquisa bibliográfica e no levantamento documental. Para a análise de dados, empregou-se a triangulação de métodos.

Em relação às fontes documentais, a pesquisa se valeu de dois periódicos: *O Imparcial*, que inicia a repercussão do fenômeno na década de 1970, e o *Oeste Notícias*, o qual informa sobre a capela de Berta Lucia desde o primeiro ano de sua circulação, em 1995. Já em termos de fontes orais, o método de história oral foi o recurso mais apropriado por oferecer a possibilidade de reconstruir o passado por meio das memórias de cada entrevistado.

Atendendo às exigências da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, que propõe a confecção de um produto jornalístico a partir do tema dissecado, o livro-reportagem foi o veículo escolhido a fim de servir como documento para a história de Berta Lucia.

Neste sentido, o terceiro capítulo se propõe a elucidar o conceito deste meio de comunicação e sua evolução ao longo do tempo, bem como contextualizar o segmento no qual está inserido, isto é, o jornalismo literário, que visa romper com as correntes do jornalismo convencional praticado nas redações. Neste ponto, também são enfatizados o *New Journalism* e o papel da fotografia como documento histórico e social, pois além de tornar o livro-reportagem mais atraente, cumpre com a função de registrar eventos que preservem uma época e/ou uma sociedade.

O quarto capítulo é destinado a apresentar a vida de Berta Lucia e o fenômeno devocional subsequente à sua morte. Nesta parte, buscou-se também esclarecer os conceitos de imaginário popular, religiosidade popular e santidade não institucionalizada, dado que a santificação de Berta Lucia é uma construção social e não possui qualquer ligação oficial com a Igreja Católica.

O capítulo expõe ainda o contexto histórico e social de Presidente Prudente na década do falecimento da menina; indexa os principais pontos destacados pela imprensa local a respeito das manifestações populares em torno da santa; e introduz o leitor a alguns discursos que fundamentam a crença em sua figura, isto é, os testemunhos de quem afirma ter recebido as graças de Berta Lucia.

O quinto capítulo é dedicado ao projeto editorial do livro-reportagem *Berta Lucia: a santa prudentina*, que visa antecipar como a teoria será aplicada na confecção do produto jornalístico.

Por fim, o sexto capítulo, intitulado Memorial Descritivo, apresenta todas as etapas para a composição do referido livro-reportagem, desde a concepção do projeto até a finalização do produto.

Em suma, seja por meio da peça teórica ou da peça prática, este trabalho destaca uma realidade social que, embora fundamentada por uma concepção abstrata – a religiosidade –, perdurou diante do avanço das civilizações e ainda desperta a fé ou a mera curiosidade de devotos e céticos.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problema e justificativa

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca compilar informações sobre Berta Lucia, cujos resultados têm como finalidade a composição de um livro-reportagem, este que surge a partir do *New Journalism*, oriundo da imprensa americana, com o objetivo de estabelecer a confluência entre Jornalismo e Literatura. Subsequente ao estudo do gênero em questão, a produção da peça prática tem como foco discorrer sobre a posição de Berta dentro da devoção/religiosidade popular. Por conseguinte, este estudo traz à luz o seguinte problema: de que forma o livro-reportagem pode contribuir para a discussão da influência de Berta Lucia na religiosidade popular?

José Carlos Pereira (2001), em seu livro *A eficácia simbólica do sacrifício: estudos das devoções populares*, explana que a devoção compõe o campo da religiosidade, precisamente a Religiosidade Popular. Ele expõe que, durante o período da Cristandade Medieval², quando o catolicismo era a religião oficial da Europa, este termo ganhou conotação pejorativa, pois o poder clerical estava empenhado em desacreditar as manifestações religiosas populares, visando o controle sobre os fiéis.

O Concílio Vaticano II³ gerou transformações intrínsecas no modelo eclesial até então vigente, como a permissão para a liberdade religiosa e missas rezadas no idioma nativo de cada país. Entre as mudanças, também estava a abolição das imagens dos santos não-canonizados nos templos. Neste cenário, as manifestações de fé populares ou devoções eram desqualificadas por não estarem enquadradas no modelo romanizado (PEREIRA, 2001).

² É denominado Cristandade o sistema de relações entre a Igreja e o Estado dentro de uma sociedade e cultura. Entre suas características, está o fato do cristianismo se apresentar como a única religião do Estado. Na Cristandade Medieval, a estrutura homogeneizadora foi favorecida pelo estabelecimento de uma gradativa rede paroquial e clerical, onde todas as instituições eram de natureza oficialmente cristã. A Igreja, por sua vez, era a responsável por conduzir os discursos e os comportamentos coletivos que construiriam as relações sociais (GOMES, 2002).

³ Com início em 11 de outubro de 1962 e término em 8 de dezembro de 1965, o Concílio Vaticano II é considerado um marco na história do catolicismo, uma vez que foi o primeiro a envolver bispos do mundo todo – havia representantes de 116 países diferentes. Durante suas quatro sessões, estima-se que 2.200 bispos participaram em algum momento (O'MALLEY, 2012). Isto posto, destacou-se como a maior revisão da Igreja Católica até então, marcando a reconciliação desta com a modernidade após um grande histórico de conflitos e resistências (ANDREATTA, 2012).

Hoje, embora os santos locais permaneçam não legitimados, a Igreja não nega a existência da devoção popular. Neste sentido, Pereira (2001) estabelece um conceito geral para o termo “devoção”, retirado do Dicionário Aurélio, compreendido como o ato de dedicação a alguém ou divindade, tornado um objeto de especial veneração. O autor complementa acerca de tal concepção:

A devoção nasce, geralmente, da crença em determinados poderes naturais que o Santo de devoção possa ter. [...] Na relação devocional a promessa é algo fundamental e ela precisa ser cumprida. O devoto não pode ficar em débito com o Santo, porque da próxima vez não será mais atendido. [...] A devoção tem como característica a fidelidade, este pacto entre o santo e o devoto. (PEREIRA, 2001, p. 84-85)

Thiago Rodrigues Tavares (2013), em seu artigo *A religião vivida: expressões populares da religiosidade*, enfatiza que a concepção popular de santos não é a mesma pregada pela Igreja, posto que estes são pessoas que, na condição de seres celestiais e próximos de Deus, têm poderes sobrenaturais e coexistem no plano terreno por meio de suas imagens.

O autor salienta que, nos cultos coletivos, o santo atua como o elemento central e estabelece uma relação direta e pessoal com os seus devotos. Tal ação também incide em Berta Lucia: “o espaço onde acontece o culto se modifica, sai das casas e se direciona ao espaço público” (TAVARES, 2013, p. 40). É justamente o que ocorre no feriado de Finados, quando os devotos da menina deixam seus lares para visitarem a capela e demonstrarem sua fé; cumprirem promessas, geralmente por meio da entrega de brinquedos; levarem votos; e acenderem velas. Juntos, totalizam um grande aglomerado de pessoas, o que configura um culto coletivo.

Para a realização da peça prática, os pesquisadores deste trabalho escolheram como plataforma o livro-reportagem por acreditarem ser esta a mais adequada para explorar o assunto, lançando mão no aprofundamento das informações coletadas e na riqueza de detalhes, além de fazer uso dos recursos literários sem renunciar às técnicas jornalísticas. Atende-se, desta forma, à necessidade de um espaço maior para a discussão sobre o assunto, que requer um veículo sem limite de páginas determinado, por se tratar de uma história que tem início na década de 1940. Neste sentido, o professor Edvaldo Pereira Lima (1993) apresenta o livro-reportagem como um veículo de comunicação não periódico e que

possui característica de aprofundamento da reportagem, quando esta demanda um espaço maior do que aquele fornecido pelos jornais impressos e emissoras de televisão.

O livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. (LIMA, 1993, p. 7)

Sendo assim, a partir dos conceitos apresentados e da religiosidade popular existente em torno de Berta Lucia, acredita-se que é necessária a apresentação de um trabalho que vise expor tal devoção, pois, com exceção das publicações veiculadas por periódicos locais, não há documento que reúna esse tipo de informação. Isto posto, a produção do livro-reportagem favorece não apenas a organização dos fatos em um único espaço, como também a perpetuidade destes. Nos exemplares de jornais, as matérias dividem espaço com diversas outras e estão sujeitas ao descarte por seus leitores, exigindo uma consulta cautelosa aos acervos municipais em caso de pesquisa. Em contrapartida, tanto este presente trabalho quanto a peça prática resultante dele possibilitam a perenidade das informações e o fácil acesso de pesquisadores e sociedade de forma geral.

No campo acadêmico, a religiosidade popular configura-se em um objeto do jornalismo no sentido de analisar uma situação antropológica, bem como os seus reflexos dentro de uma cultura e território, tendo em vista que a manifestação devocional aqui abordada constitui em um fenômeno social resistente e que influencia as relações sociais e o modo de pensar dos indivíduos. Além de retratar a vida de Berta Lucia, as consequências de sua morte prematura no contexto do imaginário popular e a construção de sua santidade, o estudo também enfatiza conceitos importantes para a compreensão da cultura popular, como a religiosidade popular, a santidade não institucionalizada e o imaginário coletivo, cujas definições serão tratadas mais adiante.

Além da abordagem inédita na Facopp, este Trabalho de Conclusão de Curso também serve para fomentar a discussão sobre livro-reportagem no ambiente acadêmico, levando em conta que a referida faculdade reúne apenas três trabalhos

já publicados sobre este veículo⁴. Desta forma, o estudo pode servir como referência aos futuros pesquisadores interessados em dar sequência aos conhecimentos até aqui edificados.

Para os pesquisadores, o estudo possibilita a satisfação de contribuir para a compreensão de um fragmento da cultura popular de Presidente Prudente, bem como a vivência prática das técnicas jornalísticas, como apuração e o tratamento de informações, e o ingresso no campo da literatura, ainda pouco explorado na graduação. Somam-se a isso o preparo para o mercado de trabalho e a promoção de ações contributivas para o campo da pesquisa e à comunidade.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

- Discutir, por meio de um livro-reportagem, a influência de Berta Lucia na religiosidade popular.

2.2.2 Objetivos específicos

- Explorar os conceitos de imaginário popular, religiosidade popular e santidade não institucionalizada;
- Retratar a vida de Berta Lucia e a popularização da crença na menina em Presidente Prudente e região;
- Aprofundar os conhecimentos sobre a concepção e técnicas do livro-reportagem, bem como do jornalismo literário, com a finalidade de desenvolver a peça prática;
- Produzir um livro-reportagem a partir das informações coletadas.

⁴ *Prudentina e o último dos porquês: livro-reportagem conta história do futebol apeano*, de 2005; *Livro-reportagem: documento da vida de pescadores*, de 2015; e *A conquista olímpica no atletismo regional sob a ótica de um livro-reportagem*, de 2016.

2.3 Metodologia

Para Carvalho (2000, p. 147), “a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, que se utiliza de um método para investigar e analisar estas soluções, buscando também algo ‘novo’ no processo do conhecimento”.

Parafrazeando Marconi e Lakatos (2009), sua finalidade é descobrir a resposta para uma determinada questão, por meio de métodos de pesquisa, mesmo que a sua fonte não seja completamente confiável. Por meio dela, é possível identificar se as hipóteses levantadas são ou não reais, além de ter acesso a ferramentas que ajudam a traçar uma lógica e otimizar a pesquisa.

Tal ideia é reforçada por Demo (1995), que descreve o termo como o “estudo dos caminhos”. Logo, este recurso norteia a coleta de dados e, conseqüentemente, a análise científica dos mesmos, posto que “toda pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para a investigação bem-sucedida de um problema” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 3).

Barros e Lehfeld (2000) afirmam que metodologia é o que nos permite compreender o objeto estudado. “É a aplicação do método, por meio de processos e técnicas, que garante a legitimidade científica do saber obtido” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 2). Desta forma, torna-se o caminho efetivo para sistematizar o problema central deste trabalho, isto é, como um livro-reportagem pode contribuir para a discussão da influência de Berta Lucia na religiosidade popular. Para tal, os pesquisadores visaram de antemão a importância do estudo do livro-reportagem e como este atende ao jornalismo, bem como a originalidade do assunto escolhido, dado que, segundo Gil (2002, p. 62), “o problema identificado deve corresponder a uma lacuna no conhecimento da área e que o trabalho deve ser inédito”.

Por intermédio da abordagem de caráter qualitativo, foi possível entender subjetivamente e de forma aprofundada o fenômeno da devoção e, a partir disso, constatar como esta se imprime no âmbito social, visto que a fé, diante de sua imaterialidade, não pode ser quantificada. “Essas abordagens têm em comum o fato de buscarem esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta” (GIBBS, 2009, p. 8).

Para Gibbs (2009), a pesquisa deve proporcionar a reflexão, logo, é preciso ser isenta de opinião. A respeito disso, Goldenberg (2004, p. 17) afirma em seu livro *A arte de pesquisar*: “o pesquisador não pode fazer julgamentos nem

permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa”. Para a autora, os dados qualitativos devem ser analisados de forma flexível, pois mudam de indivíduo para indivíduo e não são padronizados como os dados quantitativos. “[...] é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais” (GOLDENBERG, 2004, p. 63). Em suma, uma vez que este estudo parte de uma temática abstrata, os pesquisadores entenderam que a abordagem qualitativa é a melhor escolha para o tratamento aprofundado das informações.

Diehl e Tatim (2004) explicam que é função da pesquisa qualitativa descrever os complexos problemas vividos por grupos sociais, além de proporcionar maior profundidade para o assunto, de modo a possibilitar melhor compreensão do mesmo. Esclarece ainda que a utilização dessa técnica permite uma visão subjetiva de quem a descreve, desde que coerente. Ou seja, o enfoque deste trabalho foi discutir por que a devoção na figura de Berta Lucia se tornou tão popular e como isso se deu, visto que a fé na menina ultrapassou o limite municipal e se disseminou regionalmente.

O tipo de pesquisa adotado foi o exploratório, para que, de acordo com Gil (2002), estimule a compreensão. Segundo ele, seu objetivo é “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Expõe que esse tipo de pesquisa parte para a coleta e análise das experiências vivenciadas por personagens que podem contribuir para o desenvolvimento deste estudo.

Posto que este é um trabalho inédito e não existe qualquer documento que discorra sobre a referida devoção, com exceção do material publicado na mídia impressa, a história oral foi o método ao qual os pesquisadores lançaram mão para o desenvolvimento da pesquisa, considerando que, a exemplo das publicações veiculadas nos periódicos, o resgate histórico partiu das fontes, relacionadas ao fenômeno em diferentes períodos da história. “*Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida*” (DELGADO, 2010, p. 15-16, grifo do autor).

Em função do fator histórico, a principal fonte do depoimento oral é a memória, na qual o tempo se manifesta de forma individual, pois depende de vários estímulos e emoções marcantes na vida de quem relata. Dado que o tempo exerce influência sobre a memória, Delgado (2010, p. 34) explica que o primeiro “atua

modificando e reafirmando o significado do que foi vivido e a representação individual ou coletiva sobre o passado”.

As professoras Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna (2011) complementam que, uma vez que cada ser histórico vislumbra o meio social no qual está enquadrado de forma característica, é ingênuo determinar a veracidade de uma história, entretanto, pode-se afirmar que cada testemunho se trata de uma assimilação verdadeira do real, que, ao ser exposto, contribui para o esclarecimento parcial do fato em questão. Embora o emprego da fonte oral seja permeado por muito preconceito, as autoras defendem que os movimentos de renovação metodológica fizeram com que esse campo de pesquisa se ampliasse e fosse explorado de forma mais regular.

Além da história oral, tornou-se também imprescindível adotar o estudo de caso, tendo em vista que, para Goldenberg (1997), a exploração intensa de um único caso é o caminho para conhecer o fenômeno estudado. Gil (2004, p. 54) cita algumas dificuldades encontradas no emprego desse método:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Em termos de técnicas, estes autores empregaram a entrevista em profundidade, a qual proporciona humanização entre os personagens e os pesquisadores. Gil (2004, p. 115) a define como “a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde”.

Para o levantamento de dados, fez-se necessário o uso da pesquisa bibliográfica, que permite verificar o que já foi tratado sobre o assunto e quais informações ainda requerem investigação. Como explica Gil (2004, p. 45) com mais propriedade, a pesquisa bibliográfica “[...] reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Também foi empregado o levantamento documental. Diehl e Tatim (2004) explicam que este se assemelha à pesquisa bibliográfica, o que muda é a

fonte, pois a documental contempla materiais que ainda não receberam nenhum tratamento. Aplicado à prática, o uso desta técnica buscou analisar os documentos que a família de Berta possui e que serviram de subsídios ao trabalho, como cartas, fotografias e depoimentos escritos por devotos, bem como os periódicos *O Imparcial* e *Oeste Notícias*, cujas análises são descritas em capítulo mais adiante.

Por fim, a análise de dados ocorreu por meio da triangulação. Para Goldenberg (2004), esse tipo de análise consiste na vasta descrição de um fato. Pode ser definida como aquilo que não fornece uma resposta exata sobre um assunto humano, diferente do método quantitativo, contudo, oferece a possibilidade de observar de forma aprofundada a realidade que justifica a realização do trabalho.

Como explicam Minayo, Assis e Souza (2005) em seu livro *Avaliação por triangulação de métodos*, esta análise visa fazer ponte entre várias áreas distintas do conhecimento, unindo o estudo teórico com a visão prática de um indivíduo ou mais, além de harmonizar as técnicas qualitativas e quantitativas, combinar e cruzar múltiplos pontos de vista e estabelecer uma visão de vários informantes e a utilização de uma variedade de técnicas de coleta de dados. “Seu uso, na prática, permite interação, crítica intersubjetiva e comparação” (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p. 29).

3 A REPORTAGEM EM LIVRO: QUANDO O JORNALISMO E A LITERATURA SE ESBARRAM

3.1 O hibridismo entre os discursos jornalísticos e literários

Uma vez que um dos objetivos deste trabalho é a confecção de um livro-reportagem que discuta a influência de Berta Lucia na religiosidade popular, os pesquisadores viram a necessidade de estudar o que é o livro-reportagem, produto do jornalismo literário. Este, por sua vez, é uma especialização do jornalismo convencional, termo utilizado por Lima (2014) em seu livro *Jornalismo literário para iniciantes*, a fim de distinguir ambos os exercícios, que possuem a mesma base, mas o emprego diferente de técnicas. Neste primeiro momento, buscamos destacar determinados elementos do jornalismo convencional que convergem e divergem do jornalismo literário.

De acordo com o professor Marcelo Bulhões (2007), em seu livro *Jornalismo e literatura em convergência*, a partir da segunda metade do século XX, o modelo americano de jornalismo começou a se difundir pelo Ocidente e a ser adotado pelos cursos superiores de comunicação. Este processo foi motivado pelo interesse de incorporar um efeito de objetividade ao exercício, que teria como base a urgência informativa e a dedicação restrita aos fatos. Do outro lado, a ficção e a fantasia seriam limitadas à literatura, cujo sentido não seria “extrair uma verdade factual, mas uma verdade simbólica ou alegórica” (BULHÕES, 2007, p. 16).

O autor expõe que o jornalismo conseguiu de fato se distanciar dos produtos de ficção e fantasia e, nesse sentido, consagraram-se na imprensa estadunidense determinados critérios fundamentais para o texto noticioso, como, por exemplo, a ordem direta da oração e o uso comedido de adjetivos, que conduziram, no final do século XIX, à popularização das fórmulas da pirâmide invertida e o uso das seis perguntas básicas: *quem?*, *o que?*, *quando?*, *onde?*, *como?* e *por que?*.

Conforme Clóvis Rossi (1980), em seu livro *O que é jornalismo*, uma notícia que atenda a esses elementos de modo claro e detalhado consegue, de maneira efetiva, oferecer ao leitor uma gama maior de informações. Contudo, neste cenário, tornou-se regra que eles já aparecessem no primeiro parágrafo do texto – ou, de acordo com o termo técnico, lide –, de forma que a abertura fosse suficientemente capaz de prender a atenção do leitor para o resto do conteúdo.

O primeiro ponto de confluência entre jornalismo e literatura é, de acordo com Bulhões (2007), a narratividade, posto que a produção de textos narrativos, isto é, compostos por uma sequência de eventos cronológicos, é um fator compartilhado pelos dois campos. A narratividade está associada ao empenho humano de descobrir a realidade, sendo assim, o autor enfatiza que ambas as áreas são fontes de conhecimento do mundo. Mesmo que na última isso ocorra por meio da prática imaginativa, não a torna menos “verdadeira” que a alternativa jornalística.

Em relação à narratividade nos gêneros jornalísticos, Bulhões (2007) destaca que o ponto de partida é a reportagem, a qual, como uma extensão da notícia, abre mão da linguagem enxuta para investir no detalhamento dos fatos. Ele a define como um material de diferentes formatos, sejam descritivos, narrativos, expositivos ou dissertativos, sendo construído por meio de entrevistas e da consulta a versões distintas.

Nilson Lage (2006), em seu livro *Estrutura da notícia*, destaca que a reportagem pode atender a dois sentidos. O primeiro deles diz respeito ao setor das redações responsável pela coleta e apuração de dados, enquanto o segundo trata-se de um gênero jornalístico diferente da notícia, pois enquanto esta cuida de um fato singular ou uma sequência de fatos, a reportagem consiste no relato de um episódio complexo, sob um ângulo previamente estabelecido. A pauta é o que demarcará a distância de ambos os gêneros. Na notícia, o planejamento é feito conforme eventos programados ou situações das quais se esperam os desdobramentos. Já na reportagem, os assuntos já se encontram disponíveis e podem ou não ser atualizados. Seu estilo varia de acordo com o veículo e o público e gira em torno de uma linguagem mais livre, aceitando, inclusive, a narrativa em primeira pessoa. Lage (2006) ainda ressalta a predominância da investigação e do levantamento de dados ou da interpretação a partir de uma perspectiva e métodos de análise.

Fernando Belo (2006) expõe que a potencialização da reportagem em livro como um subgênero da literatura começou na Europa do século XIX. Naquela época, o jornalismo, enquanto profissão, não era visto como nos dias atuais, embora muitos já o utilizassem como fonte de renda. Os jornais eram, em sua maioria, preenchidos com artigos, ensaios, editoriais e até literatura, ainda pouco distinguida do jornalismo.

Felipe Pena (2006, p. 32), em seu livro *Jornalismo literário*, afirma que “o casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos”. Uma vez que os livros tinham preço elevado e somente classes mais nobres podiam adquiri-los, os jornais passaram a publicar romances em capítulos nos exemplares diários. Como a veiculação dessas histórias era descontínua, ou seja, o leitor precisava esperar a próxima edição para retomar do ponto onde parou, era necessário “cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal no dia seguinte. E para isso, seria necessário inventar um novo gênero literário: o folhetim” (PENA, 2006, p. 32). Na imprensa internacional, destacam-se neste período os nomes de Honoré de Balzac, cuja narrativa era fortemente vinculada aos fatos sociais e acontecimentos do cotidiano, e Victor Hugo, do qual partiu histórias que retratavam a sociedade francesa. No Brasil, por sua vez, Machado de Assis e José de Alencar são os nomes mais óbvios. Sobre este cenário, Pena (2006, p. 40) argumenta:

[...] os jornais estavam muito próximos da Literatura. Primeiro por causa da linguagem utilizada e, segundo, pela enorme presença de escritores na imprensa, seja como editores, repórteres e cronistas, ou como autores dos folhetins, narrativas romanescas cujos capítulos eram publicados nos periódicos e atraíam um grande número de leitores.

Pena (2006, p. 40) aponta que, nos anos 50, a literatura era apenas um suplemento dos jornais, isto é, algo que servia somente para “ampliar, adicionar, complementar, portanto, não se refere a nada que seja essencial”. Este panorama mudou com o advento do *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, na década de 60, resultante da insatisfação dos profissionais da imprensa estadunidense “com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura lead, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor” (PENA, 2006, p. 53). Ele denota que, com este movimento, os repórteres buscavam a subjetividade, o valor estético, o abuso das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. “Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?!” (PENA, 2006, p. 54).

Lima (2003), em capítulo compilado na obra *New Journalism: A reportagem como criação literária*, intitulado *Jornalismo literário: o legado de ontem*, expõe que profissionais como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman

Mailer, George Plimpton, Joan Didion, Barbara L. Goldsmith, Rex Reed e John Sack são alguns dos principais nomes que se destacaram neste novo modo de fazer jornalismo e tornaram-se referência para os escritores que buscam uma narrativa mais imersa na realidade. Diferentemente do jornalismo convencional, no qual o modelo da captação, apuração e registro segue critérios demarcados e permite pouca autonomia para o repórter, a proposta do *New Journalism* encontrou inspiração em uma área que já existia antes mesmo de *A sangue frio*⁵, de Truman Capote, se tornar célebre: o jornalismo literário, que incorporou técnicas de captação e redação oriundas da literatura. A respeito desta especialidade, Lima (2003, p. 10) completa:

É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto.

Lima (2003) acrescenta que quando os novos jornalistas americanos entraram em cena, o jornalismo literário já havia se estabelecido, resultante de experimentações feitas por A. J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross e Ernest Hemingway. Tais técnicas foram aperfeiçoadas por Gay Talese e seus contemporâneos das décadas de 60 e 70, que também foram responsáveis pela inclusão de duas outras. Segundo Lima (2003), Tom Wolfe introduziu no jornalismo a técnica do fluxo de consciência, presente já na ficção de James Joyce, em *Ulisses*, ao passo que Norman Mailer incorporou a técnica do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa. “Assim, o *new journalism* configura-se como uma versão própria e renovadora do jornalismo literário” (LIMA, 2003, p. 12, grifo do autor).

A partir da teoria de Tom Wolfe, Susana Bragatto (2007), em *Jornalismo literário como literatura: o “Novo Jornalismo” de Armies of the night, de Norman Mailer*, elenca quatro critérios básicos que caracterizam o *New Journalism*, sendo eles, portanto, o diálogo estendido ou realista; a construção cena-a-cena; a descrição detalhada de gestos, costumes, hábitos e espaço do evento narrativo; e o ponto de vista na terceira pessoa, que trata-se da técnica adotada pelo escritor para

⁵ Publicada originalmente na revista “The New Yorker” e produzida após cinco anos de pesquisa, a reportagem narra o assassinato de uma família no interior do Kansas, sendo considerada a pioneira do Jornalismo Literário moderno (BRASILEIRO; GAMA, 2015).

expor os fatos sob a perspectiva de uma personagem, possibilitando que o leitor vivencie a realidade emocional descrita.

Lilian Juliana Martins (2010), em sua dissertação *Aproximações entre jornalismo e literatura no debate sobre a crise do jornal: o caso de Eliane Brum*, acrescenta que esta conexão com o ponto de vista do personagem se dá por meio do uso do fluxo de consciência, que é uma técnica que “intercepta presente e passado, quebrando os limites espaço-temporais” (MARTINS, 2010, p. 43). Segundo ela, no fluxo de consciência, ocorre uma ruptura da narrativa linear, em que a distinção entre as memórias do personagem e o fato em narração já não é tão evidente. Para ilustrar este conceito, a autora utiliza como exemplo a obra de Clarice Lispector.

Lima (2003), em capítulo da obra *New Journalism: A reportagem como criação literária*, intitulado *Jornalismo literário: o desafio de agora*, ressalta ser um equívoco afirmar que o jornalismo literário foi substituído pelo *New Journalism*. Conforme o professor, embora os periódicos tenham dado menor espaço para a grande reportagem, a versão do século atual do jornalismo literário permanece presente em jornais, revistas e, sobretudo, no livro-reportagem. Para Lima (2003), em âmbito nacional, o segmento é quase que totalmente ignorado pelas redações, contudo, é bastante visado nas instituições acadêmicas, as quais viabilizam o contato das novas gerações com a “empolgante escola de reportar em profundidade o mundo contemporâneo” (LIMA, 2003, p. 91).

Na percepção de Lima (2003), os periódicos enfrentam uma crise de linguagem que os deixam presos a textos opacos e sem peso para competir com a televisão. Para ele, a solução é “produzir matérias que aliem profundidade de abordagem e excelência narrativa” (LIMA, 2003, p. 93).

O fato é que a história em curso deste nosso complexo século XXI em início requer abordagens narrativas de qualidade, inovadoras, capazes de oferecer ao leitor um sentido e um significado profundo dos acontecimentos que raramente encontra na mídia convencional. Se o jornalismo impresso brasileiro perder a chance de abrigar o *jornalismo literário*, terá desperdiçado uma oportunidade importante de renovação, empurrando para longe de si a vocação da narrativa elegante e eficaz do real. (LIMA, 2003, p. 94, grifo do autor)

Embora os teóricos defendam a ruptura com o modelo tradicional da atividade jornalística, Pena (2006) expõe que profissional da área não rejeita tudo

aquilo que aprendeu no exercício do jornalismo convencional, apenas busca aprimorar de modo a constituir novas táticas profissionais. As técnicas, no entanto, não dispensam os tradicionais critérios frisados no ambiente acadêmico e utilizados nas redações, tais como “a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expor claramente, entre outras coisas” (PENA, 2006, p. 13-14).

Para Lidia Porto Martins (2005), em *O jornalismo literário e a crise do jornalismo impresso: possibilidades e limites de inserção do gênero no jornalismo tradicional*, além da valorização do repórter e de uma atenção maior ao desenvolvimento da narrativa, já que sua construção dispensa o *deadline*, o jornalismo literário tem a função de contribuir para a assimilação e tradução da realidade, além de possibilitar a popularização do conhecimento, sempre sustentado pelos princípios éticos.

Pena (2006) destaca que o conceito jornalismo literário abre possibilidades para diferentes interpretações. Na Espanha, por exemplo, esta especialidade se divide em dois gêneros, o *periodismo de creación* e *periodismo informativo de creación*. Enquanto o primeiro consiste em textos exclusivamente literários e que são difundidos apenas em jornais, o segundo associa a informação com uma estética narrativa apurada. A contradição disso está no fato de que o texto apenas informativo não possui uma narrativa trabalhada, característica do jornalismo literário.

A classificação do gênero também ocorre no Brasil. Conforme Pena (2006, p. 21), determinados estudiosos tratam o jornalismo literário como a fase em que “os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins”, enquanto outros o aludem ao momento em que há a crítica de obras literárias veiculada em periódicos. Há também aqueles que, como já mencionado, o entendem como o resultado do *New Journalism*, além dos que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística.

Pena (2006) esclarece que entre romance-reportagem e ficção jornalística há uma linha que os distingue: o primeiro utiliza técnicas literárias para abordar fatos reais de forma aprofundada, ao passo que o segundo “apenas parte desses mesmos fatos para construir seu enredo, que será complementado por novas narrativas inventadas pelo autor” (PENA, 2006, p. 103). O objetivo destes pesquisadores é, portanto, trabalhar com o romance-reportagem, no intuito de

documentar acerca do fenômeno Berta Lucia, uma realidade social existente em Presidente Prudente, com desdobramentos na região, fazendo o emprego das técnicas literárias e a linguagem aprofundada.

Pena (2006) destaca os traços básicos para o exercício do jornalismo literário: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. No entanto, o autor enfatiza que não basta apenas empregá-los para se tornar um profissional do gênero. É preciso de antemão conversar exaustivamente com cada uma de suas fontes “até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível” (PENA, 2006, p. 55). Mais tarde, no ato de registrar os diferentes pontos de vista obtidos, se faz necessário utilizar o poder de descrição de tal forma que supere os melhores romances realistas. “Mas lembre-se de que você está trabalhando com um texto de não-ficção” (PENA, 2006, p. 55).

A respeito das características básicas apontadas por Pena (2006) para a atividade do jornalismo literário, Lima (2009), em suas *Páginas Ampliadas*, define como voz autoral a adoção de uma postura própria por parte do autor e que traduza seu modo de expressar a realidade e se relacionar com os personagens da narrativa. Isso é o que molda o seu estilo, uma forma também singular de mesclar os elementos que compõem a história. A humanização, por sua vez, permite que o escritor trate seus personagens não apenas como fontes financiadoras de conteúdo, mas sobretudo protagonistas dos fatos. Para tal, o autor precisa imergir na realidade destas pessoas e experimentar a vida delas.

Pena (2006) pontua que, do conceito de jornalismo literário, partem outras vertentes, como o da Literatura da Realidade, que é sinônimo de jornalismo literário e literatura de não-ficção. Segundo o autor, ela diz respeito ao método de narrar sobre temas reais por meio da reportagem sob um conceito espaço-temporal e de forma mais ampla do que nos jornais, sendo bastante praticada por jornalistas, escritores, historiadores e cientistas sociais. Por fim, o objetivo deste trabalho nada mais é do que exercitar o jornalismo literário, a partir da literatura da realidade, com a produção de um livro-reportagem que tenha como ponto de partida um tema real (o fenômeno da religiosidade popular em torno de Berta Lucia), dentro de um conceito espaço-temporal (a necessidade de entender o contexto onde a figura está inserida e resgatar historicamente os fatos por meio de sua cronologia).

3.2 Livro-reportagem: o relato em profundidade

O livro-reportagem é classificado por Edvaldo Pereira Lima (2009), em sua obra *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, como um subsistema do sistema jornalismo e descrito como um meio de comunicação jornalística não-periódico, cuja função é prestar informação de forma ampliada a respeito dos fatos de relevância social a partir de uma variedade significativa de temas, desde simples aos mais complexos, com o objetivo de interpretar e discernir o sentido dos acontecimentos e dar luz a um assunto, evidenciando ângulos pouco visíveis ou compreendidos.

Ao questionar se livro-reportagem é um tipo diferente de jornalismo, Eduardo Belo (2006), na obra *O que é livro-reportagem*, argumenta que o instrumento não é substituto de nenhum meio de comunicação, mas um complemento de todos, pois é capaz de contemplar a maior gama de informação organizada e contextualizada acerca de um tema e oferecer diversas possibilidades para experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento das abordagens e construção narrativa, constituindo-se na mídia de maior profundidade, com exceção do videodocumentário.

A definição acima permite perceber o quanto o conceito de livro-reportagem guarda uma lição estreita com a concepção de jornalismo. Em especial com o jornalismo “de profundidade”, mais crítico e mais analítico. Do ponto de vista técnico, o livro revela-se como um instrumento mais rico para o exercício da profissão. Tirando o fator temporal, já que em geral o veículo não comporta temas de caráter efêmero, todos os demais princípios do ofício podem ser aplicados e explorados intensamente. Forma, conteúdo e, em especial, dimensão consistem no conjunto de características que diferencia o jornalismo em livro do praticado em outros meios. (BELO, 2006, p. 41)

Belo (2006, p. 55) ainda defende que, embora o livro-reportagem não seja um substituto do jornal e da revista, ocupa perfeitamente “os espaços deixados pelas deficiências da cobertura cotidiana – complementando-a ou fazendo o que os outros meios não fazem”. O autor evidencia que a expansão deste veículo no Brasil ocorreu quase simultaneamente com a inauguração da era da informação digital, pois é o momento em que uma parte do público combate a ideia de não ter a necessidade de textos longos e aprofundados e recorre ao livro.

Lima (2009) demarca três condições essenciais que traçam uma linha de diferenciação entre livro-reportagem e demais livros. O primeiro diz respeito ao conteúdo, pois o objeto de abordagem deve ser condizente ao real e ao factual. Para isso, fatores como veracidade e verossimilhança são essenciais em sua composição. O segundo é que o livro-reportagem precisa ser eminentemente jornalístico, o que também compreende linguagem, montagem e edição de texto. Por fim, este veículo pode apresentar diferentes finalidades típicas do jornalismo, as quais se estendem desde a função básica do exercício, que é o de informar, explicar e orientar.

De acordo com Belo (2006), são critérios básicos do livro-reportagem e devem ser levados em conta na hora de escrevê-lo: a exatidão, detalhamento dos fatos, levantamento de dados que permita a conexão entre os acontecimentos, descrição e contextualização. Segundo o autor, quando o repórter se dispõe a fazer uma apuração mais aprofundada, consegue captar muitos detalhes que são desconhecidos ao público. “Um livro só atrairá o interesse do leitor se tiver novidades suficientes que compensem não só o gasto com a compra da obra, mas também o tempo empregado na leitura” (BELO, 2006, p. 49).

O autor aponta que, apesar dos números não especificarem o gênero, a biografia ainda é o que fomenta a maior parte da produção de livro-reportagem no Brasil. Ela permanece como o subgênero mais popular, “em especial aquelas rotuladas como vencedoras ou que tenham, por alguma razão não necessariamente positiva, alcançado a notoriedade” (BELO, 2006, p. 61). Embora o livro-reportagem que serve como peça prática para esta pesquisa não seja puramente uma biografia, mas a análise de um fenômeno, o produto trabalha com aspectos biográficos ao fazer o resgate de quem foi Berta Lucia.

Em relação a este gênero, Pena (2006) afirma que consiste na parte do jornalismo literário que discorre sobre um determinado personagem, responsável pelo desencadeamento de todo o enredo. “Os acontecimentos, por mais importantes que sejam, são apenas satélites. Tudo gira em torno da história de uma vida” (PENA, 2006, p. 70). O autor acrescenta que o relato biográfico normalmente intenta ordenar fatos de uma vida de modo cronológico, “na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente” (PENA, 2006, p. 72). Ele faz alguns questionamentos acerca do papel do escritor que deseja construir uma biografia:

[...] Que tipo de discurso ele deve construir? Que linguagem empreender? Que informações priorizar? Como fugir da ilusão de que se pode apresentar a vida como uma história coerente? Como explorar as múltiplas identidades? E, principalmente, quem escolher como personagem e de que maneira evitar a “celebrização” de sua imagem? (PENA, 2006, p. 90)

Lima (2009, p. 427), por sua vez, aponta outras duas vertentes: o perfil, que visa traçar o retrato de uma pessoa a partir dos “seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias”; e os textos de memórias, apropriados para este trabalho, considerando que tratam sobre uma fase da vida de uma pessoa ou acerca de um ou mais eventos dos quais ela fez parte, sendo geralmente lembranças de um período remoto e distinguindo-se da biografia por não estarem incumbidos de narrar a vida inteira do personagem-alvo.

Sobre o mercado, Belo (2006) destaca que os livros-reportagem sobrevivem mesmo com o avanço da tecnologia quanto aos arquivos digitais. “Assim como o jornal não sucumbiu inteiramente à televisão nem à internet, o livro em papel ainda resiste à chegada de obras digitais” (BELO, 2006, p. 59).

O autor diz que a prova de que a demanda por livros-reportagem existe está concentrada na grande oferta de títulos disposta nas livrarias, tais como “retratos dos bastidores da política e da economia, importantes relatos de feitos esportivos, perfis, livros com entrevistas, história da música e narrativas históricas sobre agremiações esportivas ou de crimes de toda natureza etc” (BELO, 2006, p. 63), o que mostra que a grande variedade de gêneros tratados é tão extensa quanto os assuntos suscetíveis de serem contemplados com uma reportagem. “Tende ao infinito. E há mercado para tudo que atice a curiosidade humana” (BELO, 2006, p. 63).

Em *Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo*, Antonio Heriberto Catalão Júnior (2010) elenca os dezoito livros-reportagem mais vendidos no Brasil entre 1966 a 2004: *Olga*, de Fernando Morais (1989); *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*, de Eduardo Bueno (2006); *A terceira onda*, de Alvin Toffler (1980); *1968: o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura (1988); *As vidas de Chico Xavier*, de Marcel Souto Maior (2003); *Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil, 1500-1531*, de Eduardo Bueno (2006); *Chatô, o rei do Brasil*, de Fernando Morais (1994); *A ditadura envergonhada*, de Elio Gaspari (2002); *A ditadura escancarada*, de Elio

Gaspari (2002); *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história*, de Edmund Wilson (1989); *Vinho & guerra: os franceses, os nazistas e a batalha pelo maior tesouro da França*, de Don e Petie Kladstrup (2002); *Capitães do Brasil*, de Eduardo Bueno (2006); *Stupid white men: uma nação de idiotas*, de Michael Moore (2003); *Rota 66: a história da polícia que mata*, de Caco Barcellos (2008); *Abusado: o dono do Morro Santa Marta*, de Caco Barcellos (2008); *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (2007); *Brasil: uma história – a incrível saga de um país*, de Eduardo Bueno (2003); e *Mauá. Empresário do Império*, de Jorge Caldeira (1995).

Lima (2009) denota que a variedade de livros-reportagem quanto aos temas tratados pode ser classificada em diferentes grupos. Os critérios utilizados pelo autor para tal são “o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade” e “a natureza do tema de que trata a obra” (LIMA, 2009, p. 51).

Para Lima (2009), ficam assim estabelecidos: livro-reportagem-perfil (aborda uma personagem pública ou anônima de interesse); livro-reportagem-biografia (relata a vida, o passado e a carreira da pessoa em foco); livro-reportagem-depoimento (reconstitui um fato de relevância conforme o testemunho de um participante); livro-reportagem-retrato (aborda uma localidade, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica); livro-reportagem-ciência (divulga um tema científico); livro-reportagem-ambiente (visa atender aos interesses ambientalistas e causas ecológicas); livro-reportagem-atualidade (seleciona temas atuais cujos desdobramentos ainda são desconhecidos); livro-reportagem-antologia (consiste em reunir reportagens compiladas sob um determinado critério); livro-reportagem-denúncia (tem propósito investigativo e enfoca casos marcados pelo escândalo); livro-reportagem-história (resgata um tema do passado que tenha alguma relação com o presente); livro-reportagem-nova consciência (aborda temas de novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas); e livro-reportagem-instantâneo (focaliza um fato cujos desfechos foram recém-concluídos e já podem ser identificados).

Belo (2006) expõe que, em um livro-reportagem, o ponto de partida é transformar a ideia inicial em um plano de trabalho, isto é, como o tema será abordado. Isso pode ficar claro de antemão na pauta, que também se torna conveniente para apresentar o tamanho da obra e como ela será subdividida. O

autor enfatiza que, neste sentido, “a pauta pode funcionar como uma espécie de argumento, com o resumo dos caminhos que se pretende percorrer com a reportagem e sua concepção final” (BELO, 2006, p. 78). Segundo Belo (2006), o planejamento evita que o escritor se perca no meio do caminho e contribui para incorporar as surpresas na apuração, que, normalmente, são muitas.

Apurar é, conforme Belo (2006, p. 88), “buscar a informação verdadeira e, de preferência, contextualizada”, sendo obrigatória em qualquer livro-reportagem, pois o leitor anseia um compilado além dos fatos e procura entender as causas e consequências. Segundo o autor, os detalhes, curiosidades e informações surpreendentes aparecem conforme a apuração é feita. Para ele, o ideal é que o jornalista estabeleça laços com o objeto tratado, compreendendo a conjuntura em que ele se deu. Se for um personagem, Belo (2006) defende que é necessário familiarizar-se com os hábitos, estilo de vida, relacionamentos pessoais e profissionais, cultura, maneira de pensar, falar e vestir e até mesmo idade e tipo físico. “Ao colocar-se no lugar do personagem, o autor compreende melhor as motivações que levaram a agir de determinada maneira e não outra” (BELO, 2006, p. 91-91). Berta Lucia não é uma personagem que tem participação direta neste trabalho, no entanto, o objetivo dos autores é estar próximos das pessoas que estão vinculadas ao fenômeno abordado.

Embora o livro-reportagem ofereça espaço e tempo maiores para a documentação de fatos aprofundados, Belo (2006) ressalta dois fatores que limitam a prática no Brasil: a dificuldade de acesso às informações e aos bancos de dados, inclusive públicos. Soma-se a isso a precariedade das estatísticas.

Para Belo (2006), é pretensão querer ditar uma fórmula de texto para a produção do livro-reportagem. As recomendações do teórico é que o autor seja ele mesmo, não abuse de recursos que não domine, melhore aquilo que já faz com naturalidade, aprenda novas formas de se expressar pela escrita – e antes de praticá-las, teste-as – e nem exagere na presença de adjetivos para passar emoção. “O que passa emoção é o modo de contar, não são adjetivos que o escrito emprega” (BELO, 2006, p. 120).

3.3 A fotografia como retrato da fé

A fotografia é um componente muito importante para a produção da peça prática deste trabalho, tendo em vista que sua utilização permite a melhor compreensão sobre as situações descritas e cenários mencionados, além de oferecer uma melhor visão acerca dos personagens entrevistados pelos autores. Ademais, conforme explica José de Souza Martins (2002), em seu artigo *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*, este recurso objetiva a afirmação da fé e é por esta razão que a religiosidade popular se apropriou rapidamente dele. Com a chegada da fotografia do Brasil, não havia mais a necessidade de representar o imaginário popular por meio de esculturas barrocas ou pinturas, que por mais imaginativas que fossem, não carregavam em si o mesmo valor de veracidade da fotografia.

Bastante utilizada para reproduzir os ex-votos, a pintura comumente trazia a imagem do enfermo na cama, enquanto do outro lado do quarto levitava a imagem do santo, cumprindo a sua função de vigilante e protetor. Estes testemunhos pictográficos, no entanto, necessitavam da palavra escrita para narrar os milagres e as circunstâncias nos quais ocorreram. Embora a fotografia não tenha dispensado a utilização de textos para explicar os milagres, a economia de escritos comprova a sua maior eficácia testemunhal (MARTINS, 2002).

O sociólogo enfatiza que a consolidação da fotografia como ícone e ex-voto estabelece, portanto, o imaginário de um real sem ocultações ou invisibilidades, além de dar rosto, nome e até mesmo endereço a um crente identificado diante de Deus ou do santo intermediador.

A organização das fotografias e objetos nas salas dos milagres não buscam apenas a garantia de sua visualização, mas a sensação de pequenez do observador perante os milagres testemunhados. Estes espaços se transformam, desta forma, em lugares onde a fé pode ser vista e presenciada. Aqueles que receberam as graças tornam-se cúmplices do santo e difundem os seus poderes (MARTINS, 2002).

Em relação ao registro dos fenômenos devocionais, Martins (2002) pondera que, embora seja pouco provável que o fotógrafo compreenda a dimensão antropológica do que fotografa, este ponto evidencia a relevância da fotografia enquanto documento, já que as cenas, pessoas ou objetos que lhe chamaram a

atenção trazem consigo uma grande gama de significados, configurando-se naquilo que o autor denomina como fato social total. Ou seja, as manifestações, mesmo silenciosas, falam por si próprias, conectam os gestos aos objetos e definem a totalidade do cumprimento de uma promessa.

Martins (2002) salienta que estas expressões religiosas se mostram intensamente visuais e aqueles que as registram se tornam parte da cena sagrada. Nesses casos, a iconoclastia do fotógrafo está na necessidade de superar e negar o realismo da verossimilhança. O teórico destaca que é justamente neste momento que a fotografia cumpre com o seu papel antropológico e sociológico, o que leva o autor a supor que o tempo e o espaço do sagrado é permite a fotografia ter ou não ter abrigo e sentido.

Considerada a importância da fotografia como um registro testemunhal dos fenômenos devocionais, os autores deste presente trabalho também viram a necessidade de analisar a importância do uso da imagem para fins informativos. Na imprensa de modo geral, a técnica está inserida no campo do fotojornalismo, que, de acordo com Jorge Pedro Sousa (2002, p. 7-8), em seu artigo *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*, pode ser entendido como “uma actividade sem fronteiras claramente delimitadas”, compreendendo desde as fotografias de notícias e fotografias dos grandes projetos documentais até as ilustrações fotográficas⁶ e os *features*⁷. O autor defende que, assim como outros tipos de jornalismo, a principal função do fotojornalismo é informar.

Sousa (2002) destaca que, para cumprir essa finalidade, o fotojornalismo se vale da conciliação entre fotografia e texto, uma vez que a fotografia, por si só, não é capaz de oferecer determinadas informações, havendo a necessidade de ser complementada com textos que contribuam para a construção de sentido. O caminho oposto é ressaltado por por Ivan Lima (1998) em seu livro *A fotografia é a sua linguagem*. Segundo ele, a fotografia visa complementar aquilo que o texto deixou vago, além de ser um componente que gera interesse, levando

⁶ Imagens fabricadas ou planejadas com a finalidade de gerar um determinado efeito e ilustrar, na maior parte das vezes, assuntos “menos sérios”, como cozinha ou moda, embora não estejam restritas somente a eles (SOUSA, 2002).

⁷ Conforme Sousa (2002), são imagens fotográficas que, ao produzirem sentido próprio, reduzem o texto complementar às informações básicas (quando aconteceu, onde aconteceu, etc.).

em conta que uma publicação acompanhada de imagem está mais propensa a deter a atenção do leitor do que aquela que não possui.

Sobre a relação entre texto e fotografia, Sousa (2002, p. 76) complementa que embora “não sejam estruturas homogêneas [o texto ocupa, geralmente, um espaço contíguo ao da fotografia, não invadindo o espaço desta, a não ser para construir mensagens gráficas], não existe jornalismo sem texto”.

Lima (1988) explica que o real papel da fotografia é “transmitir a informação esgotando suas possibilidades, ou seja, adquirindo também um caráter estético e transmitindo valores culturais” (LIMA, 1988, p. 24). Para ele, não é finalidade deste recurso gerar a informação suplementar, mas propiciar a informação que é intrínseca à linguagem fotográfica. “Essa linguagem se dará com o uso de todos os recursos visuais de que dispõe a fotografia como forma de expressão, como técnica e como documento” (LIMA, 1988, p. 24).

De acordo com Lima (1988), para que a comunicação por meio da fotografia seja bem-sucedida, é preciso atender a três condições. A primeira é saber “ler” o que a imagem imprime, a segunda é conhecer os elementos que compõem a fotografia e a terceira é compreender a língua na qual a mensagem é expressada. “No caso da imagem fotográfica, essa língua comum pertence ao mesmo meio sócio-cultural” (LIMA, 1988, p. 19). Ainda conforme Lima (1988), é preciso que a fotografia tenha linguagem própria, seja clara e contextualize o fato dentro de seu espaço e de sua época.

Uma vez que o livro-reportagem fruto desta pesquisa encontra na história oral o ponto de partida para a sua confecção, o retrato (FIGURA 1) é a melhor forma de representar as fontes que contribuirão para o desenvolvimento da narrativa. Para Sousa (2002), o retrato fotojornalístico é fruto do interesse que o leitor tem de conhecer as pessoas que fazem parte da história. Desta forma, cabe ao fotojornalista reproduzir não apenas a faceta física exterior de um ou mais personagens, como também expor um traço da personalidade individual ou coletiva. “A expressão facial é sempre muito importante no retrato, já que é um dos primeiros elementos da comunicação humana” (SOUSA, 2002, p. 121).

Embora a pose seja aceita no momento da composição de um retrato, até mesmo para imprimir um sentido à imagem, Sousa (2002) não descarta a perda da naturalidade. Posada ou não, a forma como a pessoa será fotografada é uma

decisão do fotojornalista ou do próprio retratado, o que, para o autor (2002, p. 122), “será identicamente revelador da sua personalidade”.

FIGURA 1 – Exemplo de retrato



Foto: André Esteves

Lima (1988), por sua vez, menciona a fotografia social (FIGURA 2), que capta “o dia-a-dia das pessoas da cidade, do campo, do país, das diversas classes da sociedade” (LIMA, 1988, p. 95). Ele acrescenta que esta categoria contempla a fotografia de festas populares, que, no produto jornalístico resultante deste trabalho, configura-se na documentação das manifestações populares no dia de Finados. Em termos de enquadramento, os autores entendem que, com relação ao livro-reportagem *Berta Lucia: a santa prudentina*, o Plano de Conjunto é o mais apropriado para compor esse tipo de imagem, considerando que consiste em um plano geral mais fechado, onde se distinguem os intervenientes da ação e a própria ação com facilidade e por inteiro (SOUSA, 2002).

FIGURA 2 – Exemplo de fotografia social



Foto: Daniel Lucena

Lima (1988) argumenta que os movimentos de ação são mensagens transmitidas inconscientemente pelo seu executor, portanto, podem traduzir informações que não são verbalizadas. As comunicações não-verbais (FIGURA 3) se sustentam no corpo, nos artefatos e no espaço. No primeiro, a mensagem se expressa por meio da expressão (rosto e, especialmente, olhos), gestos (braços e mãos) e postura (corpo direcionado pelos membros inferiores). Ao lançar mão na fotografia como recurso documental, estes pesquisadores almejam captar as emoções emanadas pelos personagens da narrativa diante do fenômeno da devoção, como, por exemplo, o modo que os fiéis se posicionam para pedir graças ou cumprir os votos e como seus semblantes reagem ao falarem sobre a menina. Já os artefatos são as roupas e os objetos próximos que contribuem para a identificação. Por fim, o espaço é a forma como os indivíduos estão dispostos nos espaços que ocupam ou os cercam. No livro-reportagem, o ambiente de maior relevância é o cemitério, que se transforma anualmente no ponto de encontro de milhares de devotos que visitam a capela de Berta Lucia.

FIGURA 3 – Exemplo de comunicação não-verbal



Foto: Daniel Lucena

Levando em consideração os conceitos apresentados, o objetivo dos autores é utilizar as fotografias, assim como a palavra escrita, para a reconstrução deste fragmento da cultura popular prudentina. Para tanto, serão empregadas fotos produzidas pelo próprio grupo, tendo em vista que o fenômeno devocional ainda pode ser acompanhado.

4 BERTA LUCIA: A SANTA PRUDENTINA

4.1 Imaginário popular

A crença em Berta Lucia é descrita neste trabalho como uma construção social, cuja produção de sentidos está enquadrada no campo historiográfico da História Cultural, conceito utilizado por Roger Chartier (2002, p. 16-17), em seu livro *A história cultural: entre práticas e representações*, para identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Sandra Jatahy Pesavento (2005), em sua obra *História & História Cultural*, expõe que, a partir da História Cultural, o imaginário é o conceito central para a análise da realidade, uma vez que traduz a experiência daquilo que já foi vivenciado e do que não foi. A construção imaginária do mundo parte do real, no entanto, não é seu reflexo ou cópia, pois embora tenha como fio condutor elementos do cotidiano da vida dos homens, engloba concepções mentais a respeito de seres, objetos ou situações que não existem de forma concreta.

Pesavento (1995) reforça esta ideia em seu texto *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*, em que destaca que esta área do conhecimento “faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Enfatiza, no entanto, que tais imagens ou discursos não traduzem o real, a exemplo de um espelho, mas referem-se a um outro ausente, ao qual se reporta.

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer outra coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer. (PESAVENTO, 1995, p. 24)

As imagens produzidas por uma sociedade não são apenas visuais, como também verbais e mentais, explica José D’Assunção Barros (2004), em seu livro *O campo da história: especialidades e abordagens*. Da mesma forma que Pesavento (2005), Barros (2004) defende que o imaginário aponta para uma

realidade tão presente quanto aquilo que pode ser denominado como vida concreta. Como exemplo, o teórico denota as Cruzadas⁸, cujas motivações se deram muito mais em função do imaginário cristão do que por razões econômicas ou políticas, ainda que estas também justifiquem. “O imaginário mostra-se desta forma uma dimensão tão significativa das sociedades humanas como aquilo que corriqueiramente é encarado como a realidade efetiva” (BARROS, 2004, p. 91-92).

Barros (2004) argumenta que o imaginário se estabelece quando há a relação de imagens, símbolos, mitos, visões de mundo e questões sociais e políticas de interesse maior, trabalhando seus elementos como uma forma de compreender a vida social, econômica, política, cultural e religiosa. Para tanto, é fundamental que o imaginário ofereça materiais para a efetivação de interconexões diversas.

A influência da religião no imaginário popular é exemplificada por meio da obra de Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos*, de 1924, mencionada por Barros (2004), a qual analisa a crença na capacidade dos reis franceses e ingleses de duas dinastias medievais curarem com o toque os sintomas visíveis de doenças pouco conhecidas naquele período. De acordo com Barros (2004), o autor investiga, desta forma, a história de uma crença alinhada ao campo político e social da época, fundamentada por “um imaginário que tem uma história e que foi se entranhando na maneira medieval de conceber uma realeza que dialoga com a sacralidade” (BARROS, 2004, p. 99).

Seja por meio do direito divido ou de leis constitucionais, Márcia Janete Espig (1998), em seu artigo *Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas*, ressalta que a construção dos imaginários sociais é apenas eficiente quando possui a capacidade de produzir sentido para um determinado grupo social, que independe de classe, nacionalidade, etnia, religião e sexo. “Caso esta identidade falhe, a linguagem e o imaginário tenderão a desaparecer ou reduzir-se a funções meramente decorativas, que não terão eficácia como canalizadores de ações sociais” (ESPIG, 1998, p. 163). A autora salienta que, neste sentido, o imaginário não visa a questão do verdadeiro, mas identificar as condições que o determinaram e tornaram possível a sua apropriação por determinado grupo, revelando, desta forma, a riqueza da diversidade social.

⁸ Também denominadas guerras santas, as Cruzadas foram peregrinações militares empreendidas contra os inimigos da Cristandade. Em função disso, eram legitimadas pela Igreja, que retribuía os adeptos com privilégios espirituais e materiais. O principal deles era o da indulgência (FRANCO JR., 1989).

4.2 Religiosidade popular e santidade não institucionalizada

Antes de analisar a influência de Berta Lucia na religiosidade popular, é preciso abordar questões primordiais como a santidade não institucionalizada e a religiosidade popular. Para Mara Regina do Nascimento (2009), em seu artigo *Religiosidade e cultura popular: catolicismo, irmandades e tradições em movimentos*, o termo religiosidade, por si próprio, refere-se ao que vem do povo, ao contrário do vocábulo religião, que alude aos dogmas, prescrições e hierarquia eclesiástica de uma instituição. A autora defende que, em contrapartida, quando inserido no contexto religioso, a expressão cultura normalmente acompanha o termo “popular”, que, somados à “religiosidade”, entram em conformidade, provavelmente pelo fato de julgar-se que a melhor forma de entender a cultura popular é por meio do estudo do religioso, das crenças e manifestações de fé, sejam elas expressas ou contidas.

Isnard de Albuquerque Câmara Neto (2002), em seu artigo *Diálogos sobre religiosidade popular*, por sua vez, delineia que a religiosidade popular não constitui o corpo eclesial e sua materialidade surge da humanização do sagrado por parte dos próprios devotos, que propagam sua crença por meio da oralidade. Para ele, este não é um tema cujo modelo de estudo é convencional, pois varia conforme suas interferências socioculturais em cada região. Além disso, sua heterogeneidade se mantém mesmo quando manifestações distintas apresentam características mútuas. Em suma, o autor destaca que enquanto o catolicismo visa a universalidade, a religiosidade popular é restrita à esfera regional ou, no máximo, nacional.

Gilbraz S. Aragão (2002), em seu estudo *A religiosidade popular e a fé cristã*, explana que, a partir da segunda metade do século passado, foi implantado no Brasil um catolicismo marcado pela igreja repleta de fiéis aos domingos, associações piás, festas tradicionais do mês de maio e dos padroeiros, procissões e vigário de batina. À época, o plano do clero era substituir a devoção aos santos tradicionais por outras que o liberalismo anticlerical combatia na Europa, tais como Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Auxiliadora e o Sagrado Coração de Jesus. Em contrapartida, festas como a da Coroação de Nossa Senhora substituíram as Folias de Reis e do Divino, Procissão das Almas e as festas juninas.

Ao levar as imagens dos oratórios para os templos, o clero transformou-se no principal festeiro. Entretanto, tal reforma só alcançou dez a quinze por cento dos católicos. Preservando elementos da antiga tradição, grande parte da população reinterpretou o catolicismo romano. Aragão (2002, p. 45, grifo do autor) destaca:

Assim, entre setenta e oitenta por cento dos católicos brasileiros praticam sua religião de modo privatizado e/ou em comunidades de “cura divina”, muito inconstantes e abertas ao sincretismo. O núcleo é a devoção aos santos, não somente os canonizados, também as denominações locais e familiares (crianças assassinadas) e santos anônimos (almas vaqueiras ou benditas). Além do que, em cada imagem, ainda que do mesmo santo, há um santo diferente: carregado com outros poderes de intermediação para o Deus todo-poderoso.

Em sua tese *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*, Vera Irene Jurkevics (2004) destaca que as devoções celebradas fora das igrejas ou voltadas para santos não canonizados não ganham menção pela hierarquia eclesiástica, que, no entanto, não as restringe nem nega a sua existência. Ao passo que para a Igreja é válido apenas o que ela reconhece; ao fiel, o que importa é a sua fé, independentemente do que a instituição propõe. Na tradição cristã, para que uma pessoa seja proclamada santa, a vida desta deve ser analisada pelas autoridades eclesiásticas competentes.

Iara Toscano Correia (2003), em sua dissertação *João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia / MG (1956 – 2002)*, aponta que o reconhecimento oficial da Igreja era feito a princípio pelos próprios bispos em suas dioceses, entretanto, a partir do século XII, o direito foi reservado ao papado. Enfatiza que este procedimento é muito semelhante aos processos judiciais e demandam quantias significantes de dinheiro. “São critérios burocráticos rigorosos, onde um advogado do diabo é eleito para apresentar as possíveis objeções ao processo canônico” (CORREIA, 2003, p. 160). Além de requerer provas comprobatórias dos milagres, há a exigência de um relato bio/hagiográfico que garanta os suplícios realizados em nome de Deus. A hagiografia possibilita, portanto, a criação de um modelo biográfico em volta dos santos dentro de um aspecto moral e exemplar necessário para a mensagem ideológica que a Igreja busca transmitir.

Berta Lucia é considerada uma santa por aqueles que afirmam ter recebido graças da menina ou que frequentam anualmente seu túmulo, no Cemitério

Municipal São João Batista, em Presidente Prudente. Além dela, outros santos oriundos do imaginário popular e não declarados pela Igreja Católica são passíveis de menção. Entre eles, estão Antonio Marcelino, conhecido como o “Menino da Tábua”; Maria Bueno, a “santinha de Curitiba”; e Clodimar Pedrosa Lô, cuja santidade é tratada no artigo *Manifestações populares do catolicismo em Maringá: o culto ao ‘santo’ Lô*.

Neste último trabalho, os autores Roberto dos Santos Viana e Solange Ramos de Andrade (2009) narram que, após o desaparecimento de uma quantia de R\$ 500 do quarto de um hóspede do hotel onde Clodimar trabalhava, o menino foi acusado de roubo. Na Delegacia de Polícia, sofreu abusos classificados como tão graves que precisou ser levado para o hospital, onde sua morte foi atestada. Após a disseminação da história, seu túmulo passou a atrair grande número de visitas, fato seguido pela santificação do garoto por parte do imaginário popular.

Já a história de Antonio Marcelino, “o menino da Tábua”, é explanada no artigo *A religiosidade católica e seus santos*, da professora Solange Ramos de Andrade (2013). Paralítico, o menino, como a própria alcunha deixa explícita, vivia preso a uma tábua e, devido ao seu estado físico, era visto como um anjo, o que motivou a credence popular em sua figura. Se fossem recebidas por ele com um sorriso, as pessoas teriam uma boa vida, mas caso ele chorasse, seria um mau presságio. Ao falecer, seu túmulo passou a receber romeiros que fazem preces e orações.

O artigo *Maria Bueno: um diálogo sobre religiosidade católica* trata o fenômeno de devoção em torno da figura Maria Bueno, a “santinha de Curitiba”. Conforme aponta Tônia Kio F. Piccoli (2012), Maria Bueno passava por um matagal numa noite de janeiro de 1893 quando foi assassinada pelo soldado do Exército, Ignácio José Diz, com quem supostamente teria tido um relacionamento. Comovida com o fato, a população passou a frequentar o túmulo da vítima e, mais tarde, agradecer aos pedidos que afirmava terem sido atendidos por ela.

Tendo em vista os personagens mencionados e outros que aqui foram omitidos, Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta (1999), em seu artigo *“Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira*, pontua que estas figuras cultuadas nunca farão parte do santoral oficial e não se aproximarão de um processo canônico, entretanto, os próprios devotos reconhecem sua legitimidade. Ela reflete que esse universo é constituído normalmente por crianças,

jovens ou até mesmo adultos que eternizaram “[...] uma aparência infantil, ingênua, provocada pelas deformações, ou doenças fatais” (GAETA, 1999, p. 65), como é o caso de Berta Lucia, que morreu vítima de meningite.

A negação de uma infância feliz, roubada pelas tragédias que provocaram as mortes prematuras, constituiu-se na arquitetura de um sentimento de dor e de comoção coletiva. As tragédias suscitaram compaixões e construíram as imagens de santidades. Esses apelos são retratados nas fotografias dos ‘santos’, conservadas em ‘santinhos’ ou nos túmulos, onde a infância ou a juventude ficaram eternizadas e os personagens são tratados oficialmente como “o Menino ou a Menina”. As fotos cristalizam a memória de um termo que poderia ter sido de magia e de fantasias, mas que foi roubado pelos martírios. (GAETA, 1999, p. 65)

Gaeta (1999, p. 72) salienta que essas “santidades” são cultuadas por pessoas de camadas sociais distintas que visitam os túmulos e fazem suas intercessões, ocorrendo, desta forma, “um processo de privatização religiosa, onde os indivíduos saem da esfera pública e, num percurso intimista, realizam individualmente suas experiências com o sagrado”. Segundo a autora, a força transmitida pela imagem das santidades, que exalam inocência diante de um cenário de “brutalidade, anormalidade dos assassinos e/ou presença de uma doença inexplicada sem outorgação de sentido” (GAETA, 1999, p. 73), as tornam legítimas perante seus devotos. “O que conta realmente é que existe uma história que comprova a eleição divina. Se é verdadeira ou não historicamente, pouco importa” (GAETA, 1999, p. 73). A autora ainda defende:

O que se visualiza atualmente é que a religião tem um papel decisivo neste cenário histórico. Movidos pela força da emoção, pela busca de uma identidade, grupos de indivíduos se reúnem para cantar, rezar, acender velas, ou cultuar ‘santos’. Na religião as pessoas reencontram o seu núcleo subjetivo e recriam as suas inter-relações sociais, econômicas e culturais, logo, mantendo o seu encantamento. (GAETA, 1999, p. 74)

Andrade (2013) argumenta que o cemitério é o santuário não oficial escolhido pelos fiéis para cultuar os santos, visitado especialmente no dia de Finados ou no aniversário da morte da santidade. A autora pondera que adentrar uma necrópole é deixar o cotidiano comum para se aproximar espiritualmente do além ou de uma dimensão sagrada, que reserva para si a verdade que não pode ser refutada, a de que um dia todos os indivíduos vão morrer. É no cemitério que estão sepultados os familiares e amigos e onde se concentram as preces deixadas em sua

memória. Andrade (2009) ressalta que, além destes, há outro personagem que também recebe homenagens: o santo. Tomando conhecimento de sua capacidade miraculosa, as pessoas se dirigem aos seus sepulcros a fim de pedir graças. Constata ainda que o espaço central da devoção é o altar, onde, anualmente, em datas comemorativas, fiéis acendem velas ou agradecem ao milagre concedido. Caso o santo tenha uma capela ou uma sala de milagres, são depositados nela objetos em gesso ou cera representando a parte do corpo curada, fotografias, chupetas e outros objetos que simbolizam a intercessão alcançada. Na capela de Berta Lucia, por exemplo, a menina é contemplada especialmente com bonecas, as quais, após um tempo, são doadas em forma de caridade. As necessidades que fundamentam as preces estão ligadas a problemas relacionados a dinheiro e emprego, saúde, amor, afetividade e vida familiar.

4.3 Berta Lucia na imprensa: o fenômeno documentado nas páginas de jornais

Por mais de cinquenta décadas, a crença na imagem de Berta Lucia é tradicionalmente evidenciada pela imprensa local, sobretudo nos dias de Finados. Uma vez que são poucos os familiares vivos, os periódicos tornam-se fontes fundamentais para resgatar historicamente a construção e resistência do fenômeno. Os autores deste estudo entendem, desta forma, que a documentação dos impressos contribui para compreender a realidade social na qual Berta está inserida e comprovar a existência da fé em sua figura. Para a indexação das informações, foram contemplados dois jornais impressos do município de Presidente Prudente: *O Imparcial*, de 1976 a 2016; e *Oeste Notícias*, de 1995 a 2012.

Apesar de a primeira notícia abordada a seguir ser de 1976, o levantamento abrangeu as edições a partir de 1944, período em que nenhum conteúdo relacionado foi identificado. Abaixo, foram selecionadas algumas publicações que relatam a história de Berta Lucia e a construção da santidade pelo imaginário popular. Para o material na íntegra, vide Anexos A.

4.3.1 Repercussão em *O Imparcial*

Embora a morte de Berta Lucia tenha ocorrido em 1944, apenas em 1976 uma grande aglomeração de pessoas em seu túmulo foi noticiada em *O*

Imparcial. A edição 7.920, de 4 de novembro, não menciona o nome da menina, enfatizando apenas a “concentração de muita gente junto a um coral evangélico e a alguns túmulos como o do saudoso prefeito Florivaldo Leal e de uma jovem sepultada há alguns anos da qual se afirma receber graças os que oram por ela” (MUITA..., 1976). Na edição 10.022 de 1983, em 4 de novembro, o periódico reporta que “o túmulo mais visitado foi o de Berta Lúcia, com alguns buscando e outros fazendo promessas” (NO DIA..., 1983). No ano seguinte, em 2 de novembro, a edição 10.321 acrescenta que segundo a confirmação popular, a menina faz milagres por meio de interferência espiritual e, pela primeira vez, traz informações inéditas sobre Berta, fazendo uso de linguagem literária para descrevê-las.

Conforme a reportagem, intitulada *Berta Lúcia desperta fé no elenco dos milagres*, “a criança Berta Lúcia de Oliveira” (no atestado de óbito não consta Oliveira e sim Fonseca) nasceu em Cataguases, em Minas Gerais, em 15 de novembro de 1939. Ainda com pouca idade, ficou órfã do pai, que faleceu em um acidente de caminhão que transportava ferro, na cidade de Friburgo, no Rio de Janeiro. Em decorrência disso, a mãe de Berta, Ana Fonseca de Oliveira, mudou-se para Presidente Prudente, levando consigo a “menina”, termo que a matéria traz entre aspas, alegando ser este um tratamento especial e carinhoso, que até hoje é dispensado à Berta Lucia quando é referenciada.

O texto prossegue informando que, após pouco mais de três anos vivendo em Prudente, a mãe de Berta tinha visões do seu falecido esposo e pai da menina. Em suas aparições advertia que viria buscar a menina antes de Ana se casar novamente. “Considerando algo sem sentido”, a mulher “ficava impressionada, mas não levava muito a sério o que era dito” (BERTA..., 1984).

Enquanto isso, a vida continuava e dona Ana trabalhava, para alimentar e sustentar com dignidade a sua “menina”. Certo dia - três dias antes de morrer (um domingo) Berta Lúcia, acarinhando a mãe, disse “mãezinha tenho tanta pena da senhora, a senhora trabalha tanto e eu vou ter que deixar a senhora sozinha...” Dona Ana levou o assunto para o lado das tolices infantis e não deu muita atenção a fala de Berta. Um dia depois (na segunda-feira) exatamente, ao meio dia - do dia 15 de fevereiro de 1944 - dona Ana estava penteando os cabelos (compridos) de Berta e disse-lhe: “Bertinha, eu estou com vontade de cortar um pouco os teus cabelos porque eles estão compridos e está fazendo muito calor..” A menina, prontamente, respondeu: “Não faça isso mamãe, porque quem vai cortar os meus cabelos será Jesus e ninguém mais”. (BERTA..., 1984)

A matéria expõe que, poucas horas após este diálogo, Berta Lucia começou a apresentar uma febre elevada e sua mãe, preocupada, a levou para ser examinada pelo médico José Cupertino D'Arce (grafado erroneamente como Cupertino Darci). Vinte e duas horas mais tarde, Berta faleceu. A causa de sua morte foi atribuída pelos legistas à meningite e colite, “fato triste ocorrido no dia 16 de fevereiro de 1944” (BERTA..., 1984).

Dessa forma a pequenina Berta Lucia, menina simples que gostava de arroz doce e grão de bico (que chamava de carne de bico) e que também, cantarolava para sua mãe, a música – muito tocada na época - “Sempre no meu coração”, deixou de existir, entretanto, ressurgiu nas intermináveis visões de dona Ana (que tudo indica tratar-se de uma vidente) embora confesse não ser espírita ou ligada a qualquer seita Kardecista. (BERTA..., 1984)

Em um intertítulo *As aparições e os milagres*, a reportagem explica que, pouco tempo depois da morte, Berta começou a figurar nas visões de sua mãe. Quando lhe aparecia, falava claramente tudo o que desejava ou tinha vontade que fosse feito. “Certo dia, apareceu para dona Ana e disse. ‘Maezinha quero que a senhora pegue dinheiro, vinte mil cruzeiros, e leve para as crianças’” (BERTA..., 1984). A ocasião era Dia das Crianças e, como a mãe não tinha o recurso, pediu para amigas conhecidas, que fizeram o empréstimo e permitiram que as crianças indicadas por Berta recebessem o dinheiro.

O texto evidencia que, conforme Ana, o primeiro milagre ocorrido por interferência da menina foi no ambiente doméstico. Certo dia, uma panela de pressão explodiu e jogou todo o feijão “superaquecido” que estava dentro “sobre uma criança sentada nas proximidades” (BERTA..., 1984), que se trata de Eliana Galvão Martinelli, irmã de Berta por parte de mãe.

Dona Ana, desesperada com o acidente, gritou: “Valha-me “menininha”, eu só tenho está filha, você já foi embora, não deixe minha filha morrer”. A seguir, dona Ana apanhou a criança Eliana – coberta de feijão fervendo - levou até a pia da cozinha, lavou-a e Eliana não apresentava uma bolha de queimadura sequer em todo o seu corpo. Segundo afirma dona Ana, esse fato foi o primeiro milagre feito por Berta Lucia, salvando sua própria irmã de uma queimadura de consequências imprevisíveis. Pouco tempo passado, o irmão de Berta Lucia, Roberto, foi queimado – com queimaduras do 5.o grau – por uma espírita de álcool e também socorrido por Berta, conseguiu sobreviver e não ficar com sequelas graves. (BERTA..., 1984)

A reportagem avança expondo que, desde a morte de Berta, fato ocorrido na Rua Casemiro Dias, em Presidente Prudente, Ana dizia que as aparições e conversas mantidas com a menina milagreira eram constantes e, por uma razão inexplicável ou por uma espécie de vontade íntima, resolveu realizar orações na sua própria casa, onde reunia pessoas amigas e conhecidas para a prática.

Entre os milagres mais recentes e que podem ser citados, com o testemunho das pessoas que forem atingidas pelos seus benefícios atribuídos à Berta Lúcia, podemos apontar dona Tionila, que durante o ultimo temporal (vendaval) que desabou sobre Prudente, ao ver sua casa estar quase sendo arrastada pelo ventarrão, disse: “Salve-me Berta Lúcia e não deixe o vento destruir o nosso lar”. Tão logo pronunciou tais palavras, o vento fez um rodaminho (afirma dona Tionila) e deixou sua casa sem o menor vestígio de destruição. O sr. Albano Rodrigues, encontrado por nossa reportagem no interior da capela da menina, disse-nos: “O meu filho - com 11 anos - Albano Rodrigues Junior, estava possesso, endiabrado, como que tomado pelo demônio. Levei-o a muitos médicos e curandeiros e nada, o menino estava cada vez mais atacado, finalmente, cheguei junto a mãe de Berta Lucia, expliquei o problema e depois de algumas orações para a “menina” o meu filho voltou ao normal e nunca mais teve nada”. Segundo o pai do garoto curado, fazem seis anos que o seu filho ficou livre do terrível mal que o havia transformado num verdadeiro monstro. (BERTA..., 1984)

O texto conclui que os fatos mencionados como milagres são inúmeros e das mais diversas procedências, não apenas em Prudente, mas na região e em municípios distantes. “Presentes, bilhetes, manifestações de fé, no auxílio espiritual da pequena morta, são de tal volume e variedade, que seria tarefa difícil, senão impossível, de registrar numa só reportagem com espaço limitado, embora ampla (BERTA..., 1984).

A edição 10.923 de 2 de novembro de 1986 destaca o túmulo de Berta Lucia como o mais visitado e ressalta o vandalismo do qual recentemente havia sido alvo.

Centenas de pessoas de muitas partes do país chegam a Presidente Prudente hoje para visitar o túmulo de Berta Lucia, por curiosidade, devoção ou até mesmo à procura de uma graça, pois muitos acreditam que a menina é capaz de conceber milagres. (MILHARES... 1986)

Em 2 de novembro de 1991, a edição 12.422 de *O Imparcial* veicula que, mesmo debaixo de chuva, a capela da menina Berta Lucia foi “um dos pontos mais visitados” (NEM..., 1991). É apresentado que cerca de 300 pessoas passaram

pela capela no dia 1 de novembro e que eram esperadas cerca de três mil para o dia de Finados.

As pessoas chegavam a se aglomerar dentro da capela da menina. Rezavam em silêncio e acendendo velas. No chão, ao redor do altar, onde ao alto descansa um quadro de Berta Lúcia, bonecas espalhadas. Lembranças do último Dia das Crianças, quando a mãe da menina fez uma festa para cerca de 300 crianças. Foram suas mães que levaram estes brinquedos para pagar promessas, e que serão doados por Dona Ana, mãe de Berta Lúcia, às crianças pobres, segundo João de Souza, um dos zeladores do cemitério. (NEM..., 1991)

A matéria da edição 12.423 de 3 de novembro de 1991 expõe que “foi formada uma longa fila para que as pessoas pudessem entrar na capelinha onde a garota está enterrada e fazer uma prece. Presentes, flores, velas e agradecimentos, são depositados no seu oratório” (CERCA..., 1991). É a primeira reportagem a mencionar a torneira no lado externo do jazigo, onde devotos “lavam a mão, tomam a água e existe até aqueles que levam a água em uma garrafinha para tomar em casa” (CERCA..., 1991). Em 1 de novembro de 1994, por sua vez, o periódico aponta que 70% dos visitantes do Cemitério São João Batista buscavam pagar promessas ou fazer algum pedido no túmulo da menina, “sempre o mais visitado” (AUMENTA..., 1994). Esta matéria informa erroneamente que Berta Lucia morreu aos cinco anos de idade.

Na edição de 3 de novembro de 1996, a reportagem veiculada traz como personagem a mãe de Berta Lucia, Ana Fonseca de Oliveira, que disse se sentir feliz pelas pessoas que se lembram de rezar pela filha nesse dia e agradecer às bênçãos que recebe. Ela enfatizou que os presentes entregues são deixados por um tempo na capelinha e, quando em grande quantidade, recolhidos e doados para instituições de caridade. Em 3 de novembro de 2007, Eliana Galvão Martinelli contou que não teve a oportunidade de conhecer a irmã, a qual morreu em um período de 24 horas. Eliana apontou que a menina chegou a ser levada para o hospital, mas sem sucesso, e voltou a reforçar a história já publicada anteriormente pelo periódico, nas palavras da mãe de Berta Lucia:

“Depois que a minha mãe perdeu a filha, ela engravidou pela segunda vez e eu nasci. Eu estava deitada em um colchão e de repente a panela de feijão explodiu em cima de mim. Minha mãe rezou muito e orou em nome de Berta Lucia e de Nossa Senhora dizendo que não aguentaria a dor de perder mais uma filha. Não aconteceu nada comigo”, ressalta. (CAPELA..., 2007)

A matéria ainda traz o zelador Souza (João de Souza), que na época, acumulava 15 anos de trabalho no local. O cuidador afirmou que a capela da menina foi construída por um descendente de japoneses, como forma de agradecimento por Berta Lucia ter curado o homem de uma doença.

4.3.2 Repercussão no *Oeste Notícias*

O periódico *Oeste Notícias* mencionou Berta Lucia em suas publicações sobre o dia de Finados desde o seu primeiro ano de circulação, em 1995. Na edição 269 do ano em questão, no dia 1 de novembro, a reportagem repercutiu a fama da menina em âmbito internacional, por meio das palavras da mãe Ana Fonseca de Oliveira, a qual relatou que “até um estrangeiro, que sarou de uma doença incurável ao pedir ao retrato da menina, já visitou o túmulo de Berta Lúcia” (NO TÚMULO..., 1995). Ainda na mesma matéria, a mulher salientou que “chegou a receber uma caminhonete cheia de bonecas presenteadas à filha, da Prefeitura de Mirante do Paranapanema” (NO TÚMULO..., 1995).

Ainda no mesmo ano, uma reportagem publicada em 3 de novembro de 1995 voltou a repercutir com Ana Fonseca de Oliveira o fenômeno de devoção. Na ocasião, já aos 80 anos, a mulher oferecia fitinhas de cetim, balas e rosas. Ela narrou que as fitinhas eram providenciadas todos os anos e, neste em questão, foram 300 metros:

“[...] As pessoas gostam de carregá-las no peito ou guardar. Com as rosas fazem chás, tomam banhos, são boas para livrar de algum mal. Hoje um senhor trouxe mil rosas para os visitantes e para enfeitar a capela. Ele deve ter alcançado alguma graça”, afirmou. (CEM..., 1995)

A edição de 1 de novembro de 1997, por sua vez, aponta que “dos 11.650 túmulos existentes no São João Batista, o da menina Berta Lúcia é o mais visitado” (CEMITÉRIO..., 1997), além de destacar que nem sempre é a fé que motiva as visitas ao sepulcro, mas a curiosidade. Uma das personagens entrevistadas para a matéria, a dona de casa Odete Rodrigues, afirmou visitar a capela todos os anos, no entanto, “sem qualquer tipo de crença” e por “questão de hábito”.

O material sobre Berta Lucia disponibilizado na edição de 31 de outubro de 1998 informa erroneamente que a menina morreu de difteria, “uma doença provocada por bactérias que atacam a laringe da criança, formando placas que comprimem a garganta e evitam a respiração, levando à morte” (BERTA..., 1998). O periódico faz um adendo sobre a discussão quanto à canonização de Berta Lucia:

Pelas regras da igreja católica, uma pessoa que já morreu só pode ser considerada santa se for canonizada e ter a santidade autorizada pelo Vaticano, Itália. Segundo o padre Tuti, da paróquia Maristela, o processo de canonização leva mais de dez anos para ser autorizado. Ele disse que o pedido tem que partir de uma entidade religiosa ou da própria igreja, que realiza um minucioso estudo sobre o caso e busca a comprovação dos milagres pós morte. (BERTA..., 1998)

Na edição 1.899 do dia 2 de novembro de 2000, o periódico volta a informar de forma equivocada que Berta Lucia morreu em “consequência de uma doença na garganta”. A reportagem traz como personagem o irmão de Berta Lucia, que, no texto, quis ser identificado apenas como Roberto. Ele contou que, somente no dia de Finados, a menina é presenteada com cerca de 300 bonecas, além de flores e dinheiro, e, apesar de sua capela ter se tornado célebre em Presidente Prudente, ela não foi sepultada no local a princípio:

“Ela foi enterrada no antigo cemitério, onde fica atualmente o Terminal Rodoviário. Depois o túmulo foi transferido para o cemitério São João Batista, na frente do cruzeiro central. Nesta época, muitas pessoas já recebiam os milagres de Berta Lúcia, então, decidiram construir a capela, que permanece até os dias de hoje”, explica o irmão. (BERTA..., 2000)

A edição 4.669 de 3 de novembro de 2009 expõe que, de acordo com o encarregado geral do Cemitério São João Batista, Carlos Alberto Lima, naquele ano, “cerca de oito a dez mil pessoas visitaram o túmulo” (TÚMULO..., 2009).

4.4 A mudança do cemitério municipal

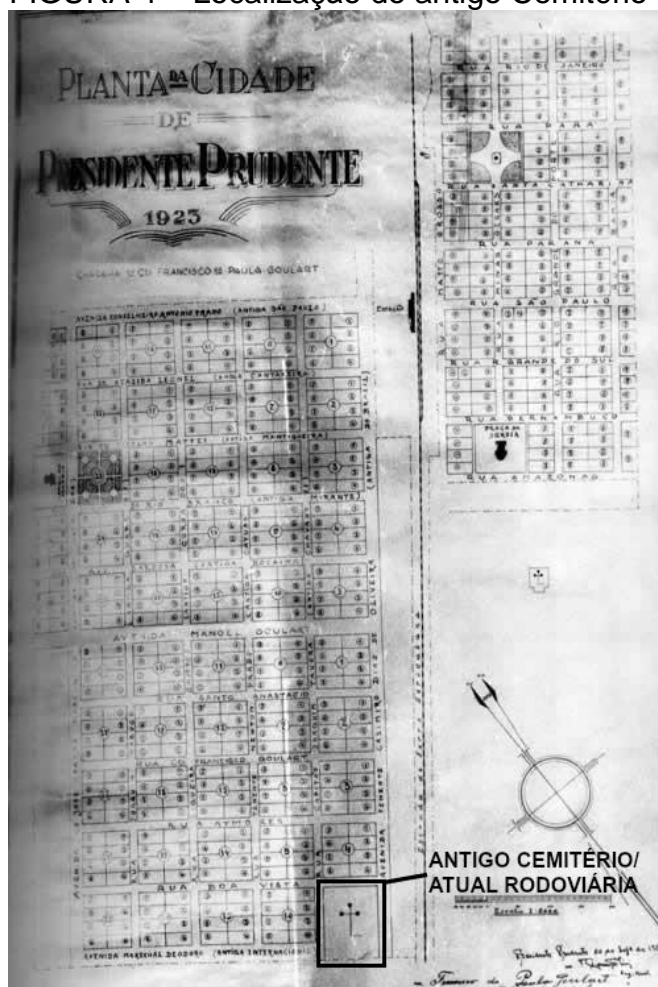
A princípio, o cemitério municipal de Presidente Prudente era localizado onde hoje está instalado o Terminal Rodoviário Urbano “Comendador José Lemes Soares” (FIGURA 4), sendo, posteriormente, transferido para a Rua José Bongiovani (FIGURA 5). A este respeito, Heloísa Leite Bernardes (2012), em

seu trabalho *Lugares para vivenciar o tempo às margens da Avenida Brasil*, aponta que, durante a década de 1920, a Vila Goulart consistia no atual quadrilátero central de Prudente. Visando a expansão territorial e urbana da cidade, Coronel Goulart implantou a Vila Nova, que era delimitada pelas Avenidas Manoel Goulart, Casemiro Dias, Marechal Deodoro e Coronel José Soares Marcondes. A Vila Nova era a área de intervenção escolhida por abranger, à época, o cemitério municipal, ali implantado até a década de 1930. Como já não atendia mais às necessidades do município, a necrópole foi transferida para a Rua José Bongiovani, onde, em 1947, foi inaugurado sob o nome de Cemitério Municipal São João Batista. O antigo espaço deu lugar, em 14 de setembro de 1974, ao novo Terminal Rodoviário da cidade.

De acordo com o historiador Ronaldo Macedo⁹, em virtude do crescimento territorial e urbano de Prudente, a ideia foi tirar o cemitério municipal de onde estava concentrado e levá-lo para “fora da cidade”, numa área mais isolada, além do Córrego do Veado, onde até hoje encontra-se instalado. Até então, o referido córrego era uma limitação para a expansão da cidade. Tal área somente passou a receber movimento depois da década de 60 com a chegada do Jardim Bongiovani, quando ocorreu a abertura de novos bairros e a extensão da Avenida Coronel Marcondes além do Córrego do Veado, possibilitando o acesso a uma zona que anteriormente era rural.

⁹ Ronaldo Macedo. Historiador de Presidente Prudente. Entrevista sobre a mudança de localização do cemitério municipal, 30 mar. 2017.

FIGURA 4 – Localização do antigo Cemitério Municipal (1923)



Fonte: Emubra (modificado pelos autores)

FIGURA 5 – Localização do Cemitério Municipal São João Batista



Fonte: Google Maps

4.5 Memórias que resistiram ao tempo: uma recuperação histórica por meio das fontes orais e documentais

Nascida em 15 de novembro de 1939 e falecida em 16 de fevereiro de 1944, Berta Lucia Fonseca não é natural de Presidente Prudente, conforme conta a única irmã viva, Eliana Galvão Martinelli¹⁰. A menina veio de Cataguases, município de Minas Gerais, junto com a mãe, Ana Oliveira Fonseca. De origem humilde e com poucos recursos, a família aqui se instalou em busca de uma vida melhor. Na época, a criança já era órfã de pai, que morreu em um acidente de trânsito enquanto trabalhava. Para garantir o sustento, Ana levava a vida como faxineira e seguia para o emprego todos os dias na companhia de Berta Lucia.

O adoecimento da menina é descrito pelos familiares e parentes como repentino. Martinelli¹¹ afirma que, no dia da fatalidade, Berta Lucia começou a se sentir mal e apresentar quadro de vômito e febre, sendo conduzida ao médico José Cupertino D'Arce, que fez o diagnóstico da meningite. Uma vez que os recursos daquele período eram escassos, Berta Lucia veio a falecer.

Segundo o documento lavrado (FIGURA 6) em 17 de fevereiro de 1944, Berta Lucia Fonseca, filha de Luiz Rodrigues e de dona Ana Fonseca, natural de Cataguases e domiciliada e residente em Presidente Prudente, faleceu em 16 de fevereiro de 1944, às 12 horas, na Rua Casemiro Dias, número 665. O atestado de óbito foi firmado por José Cupertino D'Arce (grafado erroneamente como José Lupersino), que deu como causa de morte meningoencefalite.

¹⁰ Eliana Galvão Martinelli. Irmã de Berta Lucia. Entrevistas sobre a vida de Berta Lucia e a popularização de sua imagem, 16 out. 2016 e 23 fev. 2017.

¹¹ Idem.

FIGURA 6 – Atestado de óbito de Berta Lucia

51 393 569/0001-03

OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
AV. CEL. MANDONCEL LIMA - FOS. CENTRO - CEP. 13050-000 - PRESIDENTE PRUDENTE - SP

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO
MUNICÍPIO E COMARCA DE PRESIDENTE PRUDENTE

Ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais
Dênio Alessi Oficial Interino Silio Rodrigues Alessi Oficial Maior

ÓBITO N.º 6.841

CERTIFICO, que às fls. 314 do livro n.º C. 09.

de registro de óbitos, foi lavrado o assento de

de sexo feminino, de cor branca, profissão ---
nascida em 16 de FEVEREIRO de 1.944, às 12 horas
e 00 minutos, na rua Casseiro Dias nº665 - desta cidade.

natural de CATAGUAZES -MG
domiciliada e residente neste distrito

com --- anos de idade, estado civil ---
filha de LUIZ RODRIGUES -:-
profissão ---, natural de ---
e de dona ANA FONSECA -:-

profissão --- natural de ---
domiciliada e residente em --- e naturais deste País -:-
Foi declarante ANTONIO FERREIRA digo ANTONIO FERMINO DA FONSECA sendo
o atestado de óbito firmado pelo Dr. José Lupersino -:-
que deu como causa de morte meningite - (linferococico digo linferocolite) -:-

O sepultamento foi feito no cemitério local.
Observações: Assento lavrado aos 17 de fevereiro de 1.944. -:-

O referido é verdade e dou fé. Presidente Prudente, 25 de JULHO de 19 93.

Extraída por
Conferida por Antonia Maria Petre Escobedo Escrevente Autorizada

Foto: Ana Caroline Nezi

De acordo com a Emubra, José Cupertino D'Arce foi um dos primeiros pediatras de Presidente Prudente. Na época, o atendimento médico era prestado em consultórios particulares ou por meio de visitas domiciliares. Aos pacientes sem recursos, não eram cobrados honorários, enquanto aqueles que precisavam ser internados eram encaminhados aos hospitais locais.

Após o falecimento de Berta Lucia, a mãe da menina, descrita pelos familiares como uma mulher muito querida pela população, dedicou-se a manter a imagem da menina viva. Martinelli¹² conta que a casa da matriarca era muito visitada por pessoas que buscavam por oração ou serem benzidas. Do segundo casamento de dona Ana, nascem, em 1947, Roberto Galvão de Oliveira, e, em 1952, Eliana Galvão, que teria recebido o primeiro milagre da irmã, narrado por Martinelli¹³:

¹² Eliana Galvão Martinelli. Irmã de Berta Lucia. Entrevistas sobre a vida de Berta Lucia e a popularização de sua imagem, 16 out. 2016 e 23 fev. 2017.

¹³ Idem.

Quando eu era bebezinha, minha mãe me colocou em um daqueles colchonetes que faziam antigamente. Eu já estava começando a engatinhar. Ela colocou o feijão para cozinhar e a panela explodiu. No que explodiu, veio para cima de mim e me cobriu. Eu era miudinha, porque nasci muito pequenininha, e minha mãe já veio e gritou para a minha madrinha, que morava do lado, em uma daquelas casinhas da Fepasa. Minha mãe gritou por Nossa Senhora Aparecida e gritou por Berta: 'ô, minha filha Berta Lucia, Deus já te levou, não deixe que nada aconteça com sua irmã, eu não aguento ficar sem mais um!'. Aí, minha madrinha já chegou, no desespero, e disse: 'calma, comadre! Calma, comadre! Porque não vai acontecer nada!'. Aí, começou a me puxar, toda coberta de feijão e, ao me limpar, me colocar debaixo da água, lavando, eu não tinha uma bolha. Essa foi uma das graças.

Segundo Martinelli¹⁴, com a mudança do cemitério, os restos mortais de Berta Lucia foram transferidos para o cruzeiro do local, onde permaneceu até ganhar a capela, cujo primeiro aspecto é diferente daquele que a população conhece hoje. O zelador da estrutura, João de Souza¹⁵, é funcionário público aposentado e dedicou boa parte de sua vida ao serviço de limpeza do Cemitério São João Batista. Ele ainda é responsável pela manutenção de 15 túmulos e o sepulcro da garota, ao qual presta serviços gratuitamente. Souza¹⁶ complementa que, antes de existir a capela, a menina estava enterrada em uma carneira revestida de azulejos cor de rosa. Após a intercessão à Berta Lucia, seguida pela concessão da graça, um japonês não identificado pelo zelador e pelos familiares vivos providenciou a construção da capela.

Souza¹⁷ diz não ter conhecimento sobre as transferências do corpo de Berta Lucia, posto que, quando ouviu falar sobre a menina pela primeira vez, ela já estava enterrada no local onde hoje se situa a capelinha. Na época, ele acompanhava a dedicação constante de dona Ana (FIGURA 7) para manter o sepulcro da filha sempre conservado, muitas vezes até por mais de dez horas nos dias em que o visitava. Em determinado momento, Souza¹⁸ começou a auxiliá-la com a limpeza e manutenção, sem fazer qualquer cobrança. O gesto foi uma forma que o zelador encontrou de retribuir a generosidade da mulher para com ele. Quando dona Ana ficou doente, ele assumiu a tarefa e até hoje a executa.

¹⁴ Eliana Galvão Martinelli. Irmã de Berta Lucia. Entrevistas sobre a vida de Berta Lucia e a popularização de sua imagem, 16 out. 2016 e 23 fev. 2017.

¹⁵ João de Souza. Zelador da capela de Berta Lucia. Entrevista sobre seu envolvimento voluntário na manutenção do túmulo, 03 mar. 2017.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

FIGURA 7 – Ana Fonseca de Oliveira, mãe de Berta Lucia



Fonte: O Imparcial (Cemitério..., 1984)

Embora o sepulcro de Berta Lucia continue atraindo centenas de devotos todos os anos, Souza¹⁹ relata que, no passado, as manifestações de fé eram mais intensas, tendo em vista que o túmulo recebia um número muito maior de visitas e não restritas ao dia de Finados:

Mas isso acabou tudo. Hoje, nesse cemitério, se você for andar, não vai ter ninguém aí para baixo. Perderam o amor pelo cemitério. Antigamente não. O dia dos pais era lotado, o dia das mães. Todos os feriados. Agora acabou. Você não vê uma alma aqui dentro. É até perigoso andar sozinho por aqui. É mais fácil achar um malandro aqui do que pessoas boas.

¹⁹ João de Souza. Zelador da capela de Berta Lucia. Entrevista sobre seu envolvimento voluntário na manutenção do túmulo, 03 mar. 2017.

Souza²⁰ enfatiza que o dia das crianças também era uma data popular no cemitério, pois Eliana entregava comidas e presentes aos devotos. O zelador acrescenta que a tradição foi interrompida com a morte de dona Ana, em 2003.

Segundo Martinelli²¹, a mãe “morreu do coração, que estava muito fraquinho”, no dia 31 de agosto, aos 87 anos. No ano anterior, ela já havia se despedido de Roberto, falecido em 10 de outubro de 2002, vítima das complicações de um aneurisma. Em vida, o irmão foi proprietário de uma agência de turismo, a Prudentur, e também era responsável por cuidar da capela. Em 17 de novembro de 2003, veio a óbito o pai de Eliana, Evangelista Galvão de Oliveira. “Foi uma dor bem grandona”, descreve Martinelli²².

A atual fachada da capela de Berta Lucia foi viabilizada com recursos do ex-prefeito de Presidente Prudente, Agripino de Oliveira Lima Filho. Conforme Souza²³, a irmã de Berta Lucia, Eliana, hoje responsável pela estrutura, dispôs-se a arrecadar recursos para reformá-la. Seu marido, Augusto Martinelli, em uma conversa com Agripino, apresentou a ele o propósito da esposa, informando-lhe que pretendia montar uma rifa com as bonecas doadas para conseguir o dinheiro da restauração. O zelador afirma que Agripino repentinamente recusou a ideia e se prontificou a enviar pedreiros ao local a fim de iniciar a revitalização da capela. Com isso, a estrutura ganhou o aspecto que tem hoje.

O jornalista Altino Correia²⁴ foi um dos principais repórteres envolvidos na cobertura do fenômeno devocional. Embora esteja afastado das redações, o profissional ainda tem a história de Berta Lucia na ponta da língua. Ele conta que a ouviu pela primeira vez na década de 60, quando chegou a Presidente Prudente para trabalhar no rádio. Segundo Correia, o fato era o que mais chamava a atenção no dia de Finados. Na época, também foi correspondente do jornal *Folha de S. Paulo* por meio do periódico *Notícias Populares*, cuja matéria de destaque no feriado de dois de novembro era a história da menina.

²⁰ João de Souza. Zelador da capela de Berta Lucia. Entrevista sobre seu envolvimento voluntário na manutenção do túmulo, 03 mar. 2017.

²¹ Eliana Galvão Martinelli. Irmã de Berta Lucia. Entrevistas sobre a vida de Berta Lucia e a popularização de sua imagem, 16 out. 2016 e 23 fev. 2017.

²² Idem.

²³ João de Souza. Zelador da capela de Berta Lucia. Entrevista sobre seu envolvimento voluntário na manutenção do túmulo, 03 mar. 2017.

²⁴ Altino Oliveira Correia. Jornalista. Entrevista sobre sua participação na cobertura da imprensa a respeito do fenômeno devocional, 13 abr. 2017.

Após a experiência no rádio e no meio impresso, o jornalista ainda realizou matérias sobre o tema para a televisão, durante sua passagem pela afiliada da Rede Globo em Bauru e Rede Bandeirantes. Sobre a possibilidade de um dia o assunto deixar de ser notícia, ele comenta que enquanto houver fé, não há dificuldade para a permanência da devoção.

Correia²⁵ relata que conheceu os irmãos da garota, Roberto e Eliana, bem como Ana Fonseca de Oliveira, de quem se tornou muito amigo. Descreve a mãe de Berta Lucia como uma pessoa “humilde, bastante temerosa e principalmente simples”. Aponta que durante as entrevistas, Ana lembrava das saudades e ressaltava a marca que a menina deixou em sua vida, tendo sido “uma figura de muita alegria e cuja morte deixou um vazio muito profundo”. A respeito de suas considerações acerca do fenômeno que acompanhou de perto, o profissional argumenta que o aspecto que sempre lhe instigou foi a grande fluência de pessoas na capela da criança:

O que eu posso dizer é que Berta Lucia é uma figura muito popular, a quem são atribuídos os milagres. Muita gente se diz curada ou contemplada com as graças, pela fé e tal, então é essa a história dela. Interessante que eles abriram um esquema no cemitério que transforma a sepultura em capela, uma capelinha onde depositam as fotografias, lembranças, flores e etc. Daí conserva a tradição e a lembrança da pessoa que é sepultada. Então, veja bem, se ela nasceu em 1939, teria hoje 60, 70, quase 80 anos, né? 78 anos, a idade da minha mulher. Uma menina de quatro anos e pouco que perpetuou para a história. Gente que não conheceu, mas que vai levada ao cemitério pela crença, pela fé, pela religiosidade frequentemente e mais no dia de Finados.

4.6 Perspectivas de canonização

O maior sonho de Martinelli²⁶ é conseguir viabilizar a canonização da irmã, Berta Lucia. Até então, ela nunca havia procurado saber como funciona o processo, mas, a partir de 2016, começou a reunir documentos que possam ajudá-la em seu objetivo. Desde o dia de finados do mesmo ano, ela possui um caderno fornecido a todos os visitantes da capela, com a finalidade de registrarem os seus testemunhos de fé e graças alcançadas.

²⁵ Altino Oliveira Correia. Jornalista. Entrevista sobre sua participação na cobertura da imprensa a respeito do fenômeno devocional, 13 abr. 2017.

²⁶ Eliana Galvão Martinelli. Irmã de Berta Lucia. Entrevistas sobre a vida de Berta Lucia e a popularização de sua imagem, 16 out. 2016 e 23 fev. 2017.

Na terça-feira, 21 de março de 2017, Eliana se juntou ao bispo da Diocesana de Presidente Prudente, Dom Benedito Gonçalves dos Santos²⁷, para saber quais são as reais chances da menina ser reconhecida oficialmente aos olhos da Igreja. Inicialmente, o religioso explica que antes de ser canonizado, o indivíduo recebe o título de beato, isto é, “a pessoa com alto grau de santidade e bondade”. A denominação de santo, por sua vez, é dada àquele que Deus passa a desejar como seu intercessor, “então toda pessoa antes de ser santa, é beata”.

De acordo com Santos²⁸, para Berta Lucia ser considerada beata, provas também se fazem necessárias, contudo, a idade com que faleceu interfere diretamente no processo, considerando que “uma pessoa só pode ser beata quando canaliza a razão para o bem, sendo que a criança passa a canalizá-la a partir dos sete anos”. Segundo ele, aquelas que morrem antes disso são, por natureza, santas, uma vez que ainda não têm pecados. Quanto à canonização de fato, “é a constituição que dá as regras para o processo de santidade e o homem só é reconhecido santo quando tem o uso da razão”.

O eclesiástico esclarece que, caso a Igreja concordasse em canonizar Berta Lucia, o percurso adotado seria o mesmo dos demais, sem qualquer distinção pelo fato de se tratar de uma criança. No entanto, em sua avaliação pessoal, há muitas que morreram na mesma condição da menina e não ganharam destaque semelhante, provavelmente em virtude dos períodos nos quais os episódios ocorreram. Segundo ele, na década em que Berta Lucia faleceu, os costumes eram outros e a “a cidade ficava muito emocionada por qualquer coisa”. Ainda sob seu ponto de vista, as pessoas oravam pela garotinha porque viam o sofrimento da mãe. O bispo salienta, no entanto, que não subestima a sua imagem, até mesmo porque a santidade de Berta Lucia lhe foi garantida no momento da morte. “Toda pessoa batizada naturalmente é santa. É um filho de Deus que não cometeu pecado, logo vai para o céu, porque o pecado que tem é o pecado original. Quando a pessoa é batizada, ela limpa o pecado original”.

²⁷ Dom Benedito Gonçalves dos Santos. Bispo da Diocesana de Presidente Prudente. Entrevista sobre a possibilidade de canonização de Berta Lucia, 22 mar. 2017.

²⁸ Idem.

Santos²⁹ enfatiza que pretende saber mais a respeito das causas dos santos, porém, dado que Berta Lucia faleceu com quatro anos, três meses e um dia, ela “estava muito longe de ter o uso da razão. Muito longe”.

4.7 Devotos de Berta Lucia: os patrocinadores da crença popular

Anualmente, o Cemitério Municipal São João Batista recebe uma multidão de pessoas que traça um caminho comum: a capela da “santa prudentina”, alcunha pela qual Berta Lucia se tornou conhecida no imaginário popular. A santidade da menina não é decretada pela Igreja e nem está próxima de ser, no entanto, para os fiéis, a condição é legítima. A alguns, o sepulcro é novidade, ao passo que, a outros, é um ambiente com o qual estão familiarizados, já que a visita anual se tornou tradição. Há aqueles que vêm motivados pela curiosidade, já os demais chegam impulsionados pela crença em uma figura que, em função da morte prematura, conserva a pureza e a ingenuidade da infância. No decorrer das décadas, os romeiros têm expressado sua fé e gratidão por meio de flores, velas, fitas e a entrega de presentes, especialmente bonecas, além de ornamentarem a capela com placas que imortalizam as graças alcançadas, como mostram os exemplos:

FIGURA 8 – Exemplo de placa votiva 1



Foto: André Esteves

²⁹ Dom Benedito Gonçalves dos Santos. Bispo da Diocesana de Presidente Prudente. Entrevista sobre a possibilidade de canonização de Berta Lucia, 22 mar. 2017.

FIGURA 9 – Exemplo de placa votiva 2



Foto: André Esteves

Considerando que o intuito deste presente trabalho é analisar a construção da santidade de Berta Lucia no imaginário popular, houve a necessidade de conhecer os discursos que fundamentam a crença na menina e mantêm o fenômeno devocional vivo. Algumas das histórias coletadas foram aqui reunidas e fornecem um panorama sobre a realidade que esta pesquisa se propôs a discutir.

A dona de casa Alessandra Mataruna³⁰ explica que sua relação com a figura de Berta Lucia se dá por meio da troca. Ela se dirige até o sepulcro da menina, faz a promessa e a cumpre conforme o tamanho do milagre alcançado. Ou seja, quanto maior for a graça, maior a boneca que será destinada à capela. Mataruna³¹ conta que conhece a fama da santa “desde que se conhece por gente” e já teve diversas intercessões atendidas.

A mais recente esteve relacionada a um cálculo renal muito grave que a dona de casa teve. Mataruna³² aponta que estava para perder o rim, quando decidiu recorrer à capacidade milagreira da criança e conseguir a cura. Outro evento ocorreu com o seu filho, Nathan Daniel de Carvalho, que sentia dificuldades para aprender a ler, chegando a passar por psicólogos e neurologistas. Sem alternativa, a mãe decidiu se valer do sagrado e fazer a prece para Berta Lucia em um mês de outubro. Mataruna³³ relata que a graça foi concedida e o menino voltou à escola em fevereiro do ano seguinte já sabendo ler.

³⁰ Alessandra Mataruna. Dona de casa. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 02 nov. 2016.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Idem.

Mataruna³⁴ ressalta ainda as propriedades milagreiras da água que corre em uma torneira instalada diante do túmulo de Berta Lucia. Segundo ela, basta o enfermo lavar a região do corpo onde sente a dor e aguardar a melhora:

Se você tiver dor de cabeça, você pode chegar e lavar a sua cabeça. Você tem que ter fé, né! Tudo o que você faz, você tem que ter fé! Não adianta eu chegar aqui e pedir pra ela sem fé. Mesma coisa a Deus. Tudo o que você pede a Deus, se você não tiver fé, não é alcançado. Então ela é assim, ela é uma intercessora. Tudo o que você pede pra ela, ela está mais próxima de Deus e ela vai estar levando o seu pedido.

Luiz César Teixeira da Silva³⁵ conheceu a história de Berta em 1997 por meio de sua esposa, Eliane Cristina Pereira da Silva, que à época era sua namorada. Ele tinha apenas 16 anos quando visitou a capela da menina pela primeira vez e, ao adentrá-la, sentiu que era um lugar onde estava sepultada “uma pessoa muito especial”, embora não fosse um jovem de muita fé. No mesmo ano, a amada, com 19 anos, engravidou de sua primeira filha e teve complicações. Desesperada, Eliane fez a promessa de que se o bebê nascesse com saúde seria batizado com o nome de Berta Lucia. Dívida essa que foi paga com o nascimento da menina.

Mais tarde, ao decidirem ter mais um filho, Eliane sofreu um aborto espontâneo aos dois meses. Silva³⁶ relata que foi um momento muito difícil para o casal e tudo que haviam conquistado perdeu o sentido. Na ocasião, a filha Berta Lucia já estava com 18 anos, ao passo que a esposa, 38. Como era a última chance de serem pais por causa da idade avançada, ambos ficaram preocupados com a possibilidade de não conseguirem dar um irmão para a filha.

Novamente, procuraram o auxílio da santa prudentina e, quatro meses depois, afirmam que foram atendidos. No entanto, aos cinco meses de gestação, Eliane teve um descolamento da placenta, que colocou a gravidez em risco. Naquele período, toda vez que os dois vinham a Presidente Prudente para o pré-natal, a cada vinte dias, faziam uma passagem pelo Cemitério Municipal São João Batista, levavam uma boneca para Berta Lucia e pediam que a menina protegesse o bebê. Silva³⁷ conta que a gestação foi bem-sucedida e, atualmente, sempre que voltam ao

³⁴ Alessandra Mataruna. Dona de casa. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 02 nov. 2016.

³⁵ Luiz César Teixeira da Silva. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 23 abr. 2017.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

município para levar Valentina, de 11 meses, ao pediatra, passam pela capelinha e realizam uma oração de agradecimento. O devoto também atribui à santa a bolsa de estudos integral que a filha mais velha conquistou para estudar Pedagogia.

A importância de honrar o acordo estabelecido com Berta Lucia é mencionada por Silva³⁸:

Elas [as filhas] são um presente que a santinha Berta Lucia ajudou Deus a nos dar. Uma vez, eu fiz um pedido e esqueci de cumprir minha promessa. Por um bom tempo fiquei sonhando que eu brincava de bola com uma menina e o campo ficava dentro de um cemitério. Eu não lembrava do retrato da santinha Berta Lucia. Um dia, eu e minha esposa fomos visitar a capelinha e eu olhei o retrato. Era a menina que eu sonhava e tinha prometido levar uma bola e tinha me esquecido. Fico muito emocionado de lembrar disso até hoje, pois já faz uns dez anos que isso aconteceu e aumentou ainda mais minha fé. Tenho certeza que ela ajudou muita gente, pois se temos fé com certeza ela está ao lado de Deus e vai interceder por nós.

Francisco Ferreira Nobre³⁹ descobriu a capela de Berta Lucia por acaso, após visitar o túmulo do filho assassinado. Ele descreve que, ao ouvir a história da menina, entrou no local, ajoelhou-se e começou a pedir e orar. Na ocasião, uma mulher lhe perguntou se estava sentindo alguma coisa. Foi neste momento que Nobre⁴⁰ percebeu que chorava sem perceber.

Como estava com um problema de estômago, aproveitou o ensejo para tomar três goles de água da torneira localizada diante da capela e passar a mão molhada em cima da região onde sentia dor. Nobre⁴¹ declara que, dois meses mais tarde, o sofrimento desapareceu. Para agradecer a bênção recebida, ele deu uma boneca para a menina e prometeu rezar um Pai Nosso, três Ave Maria e três Santa Maria toda vez que retornasse ao sepulcro, cumprindo o acordo religiosamente desde então.

Cristiana Cícera Brito de Sá⁴² é devota de Berta Lucia por influência da mãe, que lhe ensinou a confiar na menina desde a infância. Ela acredita em outros santos, mas sem a mesma convicção depositada na imagem de Berta Lucia. Segundo Sá⁴³, a garota foi quem lhe atendeu no momento de maior necessidade. Ainda no início da maternidade, descobriu que a filha de seis meses estava com

³⁸ Luiz César Teixeira da Silva. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 23 abr. 2017.

³⁹ Francisco Ferreira Nobre. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 24 abr. 2017.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Cristiana Cícera Brito de Sá. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 21 abr. 2017.

⁴³ Idem.

leucemia e resolveu apoiar-se em Berta Lucia, pois “nem os médicos acreditavam na cura”, chegando a estimar apenas mais um mês de vida para a criança.

Hoje, Lorrana Policarpo das Neves tem 20 anos, está casada e grávida de um menino, que receberá o nome Bernardo. Com a eficácia do tratamento, Sá⁴⁴ presenteou a santa com uma boneca. Ela explica que a escolha do brinquedo é justificada pelo fato de Berta “ser uma criança como a filha era”. Agora, as orações estão voltadas para o nascimento saudável do neto e o auxílio de Berta Lucia na hora do parto.

O que se percebe aqui é que a fé na santa prudentina se transforma em uma herança, transmitida de pais para filhos, enquanto a boneca não simboliza apenas um gesto de gratidão, mas uma forma de homenagear esta que teve a infância roubada em função daquela que teve a infância devolvida.

⁴⁴ Cristiana Cícera Brito de Sá. Entrevista sobre a devoção em Berta Lucia, 21 abr. 2017.

5 PROJETO EDITORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM “BERTA LUCIA: A SANTA PRUDENTINA”

Tendo em vista que a Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente tem como requisito final do Trabalho de Conclusão de Curso a confecção de uma peça prática jornalística, os autores deste trabalho escolheram o livro-reportagem, por razões aqui já justificadas, para documentar a vida de Berta Lucia e a construção de sua santidade pelo imaginário popular.

5.1 Introdução

Considerando o fato de se tratar de um objeto de pesquisa inédito na Facopp e não haver qualquer documento que reúna informações sobre o tema, com exceção dos meios de comunicação locais de Presidente Prudente, ainda de forma pouco aprofundada, os autores deste presente trabalho se dispuseram a analisar o fenômeno de fé em torno de Berta Lucia, vítima de meningite aos quatro anos de idade, na década de 1940.

Embora sua santidade não seja reconhecida pela Igreja Católica, o culto à sua imagem tem se mostrado resistente e perdura até os dias atuais, com destaque no dia de Finados, quando milhares de romeiros se dirigem ao sepulcro da menina, localizado no Cemitério Municipal São João Batista, para fazer pedidos e orações ou agradecer às graças alcançadas.

A partir da recuperação histórica de sua vida e compilação das informações coletadas por meio de arquivos e entrevistas, deu-se a oportunidade de confeccionar um livro-reportagem que visa a discussão e o aprofundamento do referido fenômeno. O intento da peça não é a comprovação dos milagres relatados, mas a reflexão sobre a influência de Berta Lucia na religiosidade popular.

5.2 Objetivos

5.2.1 Objetivo geral

- Documentar a vida de Berta Lucia e a construção de sua santidade no imaginário popular.

5.2.2 Objetivos específicos

- Produzir um livro-reportagem a partir das informações coletadas por meio de arquivos e fontes orais;
- Narrar os discursos que fundamentaram a devoção e que contribuem para a manutenção das expressões de fé até os dias atuais;
- Ilustrar o livro com fotografias que forneçam a visualização dos personagens, situações descritas e cenários mencionados.

5.3 Justificativa

Levando em conta que as manifestações religiosas em torno de Berta Lucia são um fenômeno resistente ao tempo e geram a curiosidade da população local e forasteira, os autores entenderam que o livro-reportagem em questão torna-se relevante para a construção de uma narrativa aprofundada, uma vez que, devido ao ritmo de trabalho das redações, os periódicos raramente tiveram o cuidado de ultrapassar os limites do cemitério. Além disso, a peça promove a discussão de uma realidade social que está diretamente ligada à cultura popular do município onde se insere e a análise das relações humanas com o sagrado.

5.4 Público-alvo

O livro-reportagem *Berta Lucia: a santa prudentina* tem como finalidade atender a todos os interessados pela santidade de Berta Lucia, independente de credo religioso. A obra não tem o intuito de assumir qualquer posição ideológica e faz uso do tema apenas para fins jornalísticos, podendo ser lida por devotos, céticos e indivíduos que tenham mera curiosidade pelo assunto.

5.5 Estrutura

A estrutura organizacional do livro-reportagem *Berta Lucia: a santa prudentina* é composta por frontispício; ficha catalográfica, que foi encomendada junto à bibliotecária chefe da Unidade de Informação 2 da Rede de Bibliotecas

Unoeste “Cecília Guarnieri Denari”, Adriana Maria Evaristo Martinez de Oliveira; dedicatória; epígrafe, a qual se trata do poema *Místico*, de Vinicius de Moraes, alusivo ao tema da obra; sumário; prólogo, agradecimentos e referências.

No que diz respeito ao conteúdo, a obra é dividida em três partes. A primeira, intitulada *O Fenômeno*, é composta por quatro capítulos, sendo eles: 1) *Berta Lucia*; 2) *Transferência de cemitério*; 3) *Religiosidade popular*, e 4) *Perspectivas de canonização*. No primeiro, foi incorporada, na íntegra, a letra da música *Sempre no meu coração*, ao passo que, no quarto, há a reprodução de fragmentos sobre o processo de canonização da Igreja Católica, publicados por sites vinculados à Santa Sé. Todos eles, bem como o prólogo, que os precede, são introduzidos por um versículo da Bíblia Sagrada, na função de epígrafe, associada ao conteúdo tratado.

A segunda parte, *Os devotos*, traz perfis de nove fiéis que promoveram Berta Lucia ao seu santoral particular. Embora separados em forma de capítulos, os textos não recebem numeração e são intitulados com os nomes dos respectivos devotos. Em seguida, há também epígrafes com alguma frase de efeito captada durante as entrevistas.

Por fim, a terceira parte, *A repercussão*, apresenta um conteúdo único, nomeado *Nas páginas dos jornais*, que, em sua grande parte, busca traçar uma linha cronológica sobre a cobertura do fenômeno devocional pelos periódicos *O Imparcial* e *Oeste Notícias* de 1976 a 2016. A epígrafe nele trabalhada apresenta uma citação de Gilberto Freyre. Embora possa ser lida linearmente, esta parte do livro se propõe a servir como um acervo sintetizado a respeito de tudo o que foi veiculado sobre Berta Lucia na imprensa escrita prudentina.

5.6 Recursos técnicos

Para a efetivação da peça prática, os autores fizeram o uso de gravadores, blocos de anotações, câmeras fotográficas e *softwares* de edição de texto e imagem, como Microsoft Word, InDesign e Corel Draw.

5.7 Recursos financeiros

As etapas de produção do livro-reportagem em sua fase final, que se resumem à impressão e encadernação, foram terceirizadas. Para tanto, foram utilizados os serviços da Gráfica Impress, com sede em Presidente Prudente. De acordo com o orçamento solicitado, baseando-se na quantidade de 117 páginas, e obedecendo às especificações exigidas pelo presente projeto, a empresa produzirá cada exemplar pelo valor unitário de R\$ 219,09. Considerando ainda que serão necessárias onze cópias, a serem distribuídas entre os integrantes do grupo, banca examinadora e a irmã da menina Berta Lucia, Eliana Galvão Martinelli, o valor total da produção será de R\$ 2.410, rateado igualmente.

5.8 Projeto gráfico

O mesmo cuidado tomado com a apuração, linguagem e escrita do livro-reportagem se estendeu ao *layout* da peça prática, pois os autores entenderam que a identidade visual se configura em um fator importante para a avaliação final deste trabalho. Neste sentido, a diagramação foi um dos pontos relevantes para a organização das informações, com o propósito de garantir a legibilidade e fluidez à leitura. De acordo com Timothy Samara (2013), em sua obra *Grid: construção e desconstrução*, é tarefa da diagramação evitar o cansaço visual e preservar o interesse do leitor enquanto consome o conteúdo.

O corpo do texto foi escrito em apenas uma coluna, a fim de favorecer a continuidade da peça. Já os recursos gráficos foram empregados por meio da técnica de composição por grid. Jennifer Cole Phillips e Ellen Lupton (2008), em *Novos Fundamentos do Design*, explicam que os grids contribuem para a criação de composições ativas e centradas. “Dividindo o espaço em unidades menores, eles estimulam os designers a deixar algumas áreas abertas, no lugar de preencher a página inteiramente” (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p. 75).

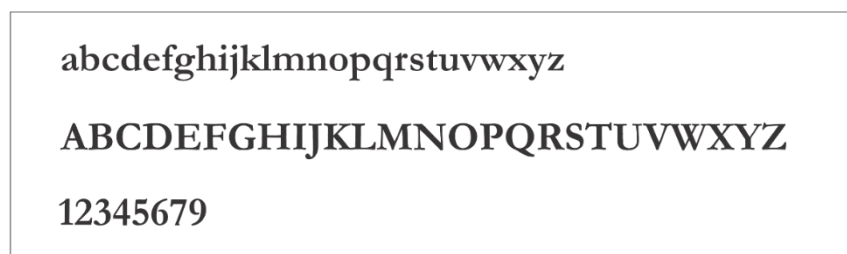
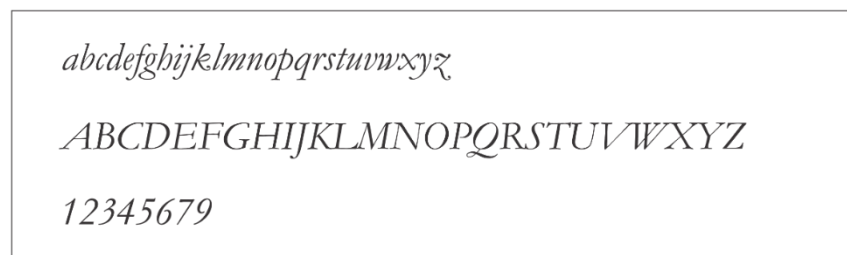
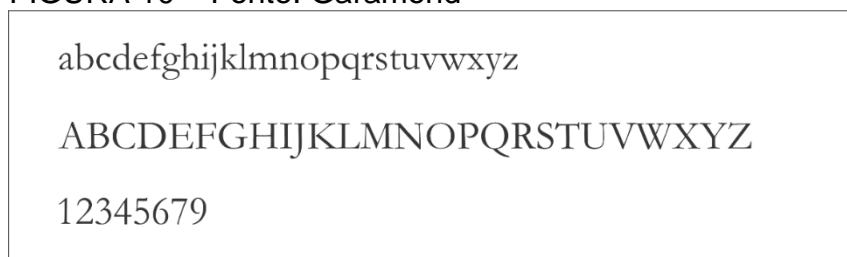
Para Samara (2013, p. 30), um grid só é realmente eficiente “se o designer, depois de resolver todos os problemas literais, vai além da uniformidade implícita em sua estrutura e o utiliza para criar uma narrativa visual dinâmica capaz de manter o interesse ao longo das páginas” (SAMARA, 2013, p. 30).

Outro recurso empregado para a dinamicidade da leitura e complemento da narrativa foram as fotografias dos ambientes descritos e personagens apresentados, tomando o cuidado para que tal técnica não prevalecesse à informação.

Para a edição do livro-reportagem, foram utilizados os softwares Microsoft Word e o Adobe InDesign CC 2015. Quanto ao tipo escolhido, o intuito foi adotar para o corpo do texto uma fonte com serifa. Isso porque tipografias com pequenos prolongamentos ao fim de suas hastes têm maior visibilidade, em função dos caracteres componentes de cada palavra parecerem mais ligados ao outro do que em fontes em serifa. A ideia é facilitar ao máximo a leitura.

Conforme Antonio Celso Collaro (2007), no livro *Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa*, as fontes com essas características têm “um rápido acesso do código ao cérebro, pois os agrupamentos de símbolos facilmente legíveis provocam absorção e resposta” (COLLARO, 2007, p. 9). Desta forma, buscou-se uma fonte clássica, que mantivesse uma média regular entre as larguras de cada caractere, para evitar a confusão de letras. Considerando isto, a escolha foi a Garamond (FIGURA 10).

FIGURA 10 – Fonte: Garamond



Fonte: Adobe InDesign CC 2015

Vários fatores influenciaram a escolha das cores empregadas no livro. Os tons definidos em azul e rosa se aproximam da classificação de pastéis, conforme a ilustração da capa. De acordo com Collaro (2007, p. 17), o elemento cor é escolhido a partir da cultura à qual a publicação está inserida. Embora seja uma cor perpetuada como feminina, o uso do rosa está relacionado aos detalhes presentes na capela de Berta Lucia e não na intenção de propagar estereótipos ou reafirmar conceitos negativos que restringem, desde a infância, a utilização de certas cores por ambos os sexos. O tom foi definido em função da ligação que tem com a forma como a menina é representada: no túmulo, são colocadas centenas de bonecas, fitas e cartas desta cor.

Collaro (2007) também ressalta, em tópico sobre as funções da cor, a ideia de contraste que ela deve oferecer. Na peça, tal contraste se dá pelos detalhes em rosa, escolhidos para abrir os capítulos e perfis dos devotos. Já no caso do azul, que será melhor justificado mais adiante, o autor (2007, p. 27) expõe que, apesar de ser uma cor fria, é dinâmica e nos remete a viagens imaginárias”. Dado isto, as páginas que se seguem logo após a capa são um convite para que o leitor entre no

mundo que será explorado pelo livro e consiga, de forma concreta, se inserir nele intelectualmente e, sobretudo, emocionalmente no contexto das histórias que ali são contadas.

Quanto às colunas que foram inseridas no texto, o objetivo é que o contraste que se forma entre detalhes rosa-fonte em branco x fundo branco-fonte em preto possa servir como uma quebra de assunto. Em outras ocasiões, o retângulo serve também como um preparo quanto à mudança textual que está prestes a ocorrer, a exemplo das páginas 22 e 23 do livro, em que o fim do conteúdo da primeira está formatado no mesmo padrão da página a seguir, a qual apresenta a letra de uma música muito ouvida por Berta Lucia. Em outras páginas, sua finalidade também não é meramente estética. A aplicação do elemento, como na página 42, está explicitamente ligado ao fim da sessão que traz referências longas, que também têm formatação diferenciada em seu recuo.

O fim de cada capítulo é marcado ainda pela representação de uma cruz, que consta no topo da capela da menina e está convencionada como um dos principais símbolos de fé e devoção da Igreja Católica. Diante da cruz, pessoas comuns podem interceder perante Deus por aqueles que ainda vivem em sofrimento. Justifica-se, portanto, a utilização do elemento.

As fotos registradas durante uma visita ao sepulcro, no Cemitério São João Batista, no dia 2 de novembro de 2016, marcam o fim da primeira parte do livro e abrem, emocionalmente, caminho para que o leitor possa conhecer as histórias de fé que estão diretamente ligadas a Berta Lucia, na segunda parte da obra. Nela, o elemento retangular deixa seu caráter extremamente técnico e funcional e passa a servir de apoio estético, de modo que as entrevistas, concedidas por pessoas simples e de poucas palavras, se tornassem mais leves. Tendo em vista a qualidade da fé, que, de acordo com a própria Igreja Católica, não precisa ser explicada ou justificada, os fiéis apenas acreditam que suas bênçãos foram alcançadas por intercessão da menina.

As capitulares, conhecidas pela sua diversidade quanto às tendências artísticas que seguem, são utilizadas, por sua vez, como um marco para a abertura de cada seção editorial.

Com relação ao material, a proposta foi a impressão da capa e contracapa em capa dura, fosca. Nas páginas internas do livro, foi utilizado o papel *couchet* de gramatura média (90 gr). A medida escolhida foi o padrão A4 (21 x 29,7

cm). Segundo Collaro (2007, p. 68), “a forma do livro pressupõe uma série de decisões que influenciam o design e o acabamento de uma página e do volume”. Nesse ponto, a decisão dos autores pela proporção da obra na vertical e no padrão A4 serviu para definir, como o autor nomeia, “o espírito do livro”, além de atender a uma questão estética, que favorece a obra como uma peça colecionável.

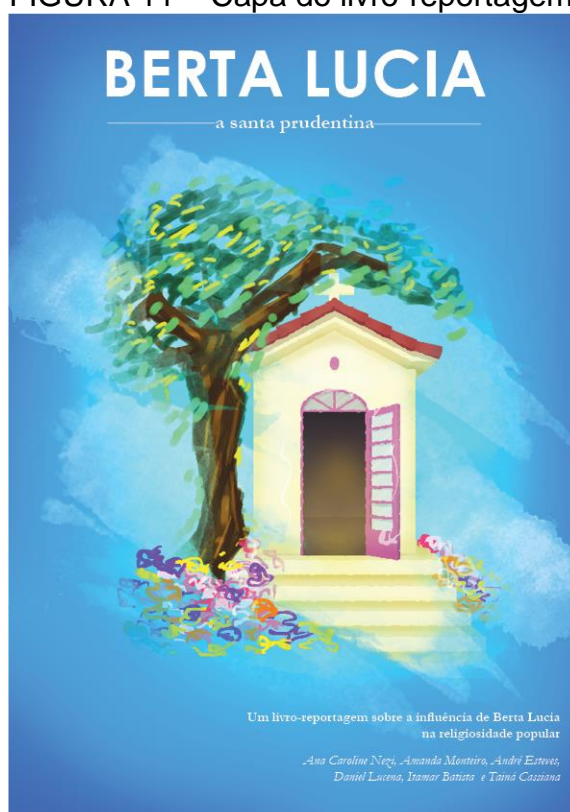
5.8.1 Capa e contracapa

O conceito da capa (FIGURA 11) foi sintetizar o conteúdo abordado no livro-reportagem. A ideia de fazer o uso de uma ilustração surgiu do interesse em retratar a sutileza da infância, haja vista que Berta Lucia faleceu aos quatro anos de idade. Embora o fato tenha ocorrido na década de 1940, a santa continua sendo tratada até os dias atuais como uma menina, que, apesar da juventude roubada pela morte, teve a aparência infantil imortalizada.

Na arte criada pelo estudante de Publicidade e Propaganda, Gustavo Toledo, é destacada a capela de Berta Lucia, que se transformou no símbolo do fenômeno devocional. Fora a ilustração, o restante da composição, bem como a contracapa (FIGURA 12), são produções próprias. Apesar de apresentar uma aquarela de cores, o azul é predominante, pois expressa profundidade, não apenas das manifestações religiosas em torno da menina, como também do livro-reportagem.

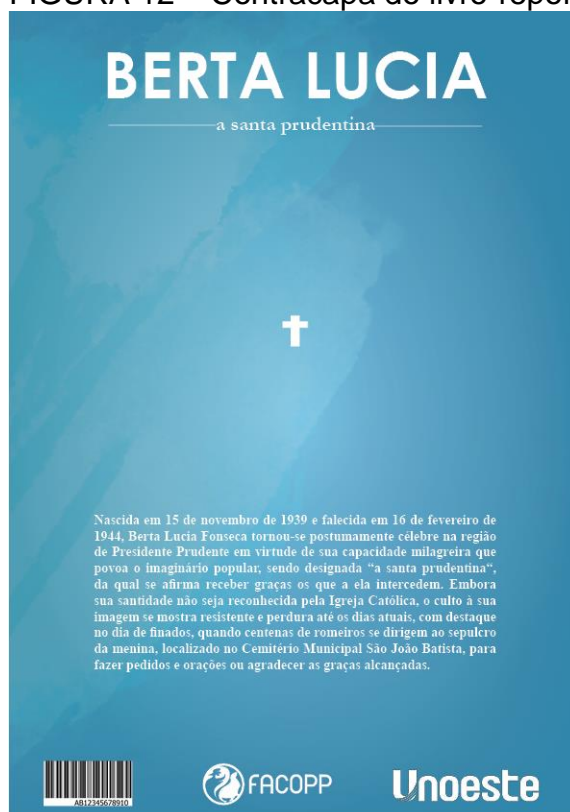
A respeito do emprego desta cor, Collaro (2007) afirma que, mesmo tratando-se de uma cor fria, é dinâmica e nos remete a viagens pelo imaginário. “Os egípcios consideravam o azul a cor da verdade. A verdade, a morte e os deuses andaram sempre juntos na mitologia egípcia, e é por isso que o azul-celeste significa o limiar da separação entre os homens e os deuses que os governam” (COLLARO, 2007, p. 27-28).

FIGURA 11 – Capa do livro-reportagem



Elaboração: Gustavo Toledo e Itamar Batista

FIGURA 12 – Contracapa do livro-reportagem



Elaboração: Itamar Batista

6 MEMORIAL DESCRITIVO

O Trabalho de Conclusão de Curso na área de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, tem como uma de suas exigências a produção de um relato sobre a produção da peça prática. A seguir, serão descritas todas as etapas para a composição do livro-reportagem *Berta Lucia: a santa prudentina*, desde a concepção do projeto até a finalização do produto.

6.1 Concepção

Este percurso começa em meados de julho de 2016, quando um dos membros do grupo, André Augusto Orniz Esteves, entrou em contato pela primeira vez com a história de Berta Lucia. Na ocasião, um dos colaboradores do jornal *O Imparcial* veio a falecer e foi sepultado no Cemitério São João Batista, em Presidente Prudente, na presença dos amigos de trabalho. Durante o trajeto, André, que estagiava no periódico como repórter, passou em frente da capela de Berta Lucia, acompanhado do editor-executivo Leandro Nigre, que lhe explicou brevemente a história da garota e o fenômeno devocional existente em torno dela. Em função do grande número de visitas registrado anualmente no túmulo, justificado pela suposta capacidade milagreira da criança tomada por santa, o assunto era reiteradamente abordado em todo início de novembro nas páginas do jornal.

Na oportunidade, Leandro comentou com André que, embora incessantemente explorada, a história de Berta Lucia, bem como as práticas religiosas decorrentes dela, eram tão curiosas e instigantes que renderiam um livro, o qual poderia compilar, além dos fatos que precedem e mantêm o fenômeno, uma repercussão mais detalhada sobre a sua origem e resistência ao tempo. A sugestão não foi imediatamente aderida. Por outro lado, muito menos descartada.

Em agosto do mesmo ano, foram iniciadas as primeiras discussões sobre o objeto de estudo deste trabalho. Na época, o grupo era formado apenas pelos integrantes André, Amanda Caroline Monteiro Lima, Daniel Vieira de Lucena Souza e Itamar Batista. Em virtude de sua paixão pela literatura e motivado pelo baixo número de livros-reportagem produzidos por graduandos da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, André sugeriu aos colegas de trabalho que investissem nesse veículo, ainda pouco explorado e mais compatível com o

perfil dos autores, que sempre tiveram maior predisposição para a redação de textos. Lembrando-se do seu diálogo com Leandro no cemitério, André decidiu propor o referido fenômeno devocional como a situação-problema deste trabalho.

A proposta foi aceita pela docente responsável pela disciplina de TCC 1, Fabiana Alves Lima. Antes da execução do pré-projeto, o grupo ganhou mais duas alunas interessadas em desenvolver a pesquisa, Ana Caroline Nezi da Silva e Tainá Cassiana da Conceição. A princípio, era necessário recorrer à família de Berta Lucia, considerando que, antes de mais nada, os autores precisavam dispor do aval dos familiares para dar sequência ao estudo. Desta forma, Ana Caroline entrou em contato com o administrador do Cemitério São João Batista, Carlos Alberto Lima, que, gentilmente, lhe passou o telefone de Eliana Galvão Martinelli, a irmã da menina e atual responsável pela capela. A funcionária pública aposentada foi informada sobre o propósito do projeto e, entusiasmada com a ideia, uma vez que sempre desejou que escrevessem um livro sobre a irmã, assentiu que a pesquisa prosseguisse.

6.2 Planejamento

A primeira entrevista com Eliana ocorreu em 16 de outubro de 2016. Neste dia, a mulher foi procurada por Ana Caroline e Itamar, que fizeram as primeiras anotações sobre a história de Berta Lucia. Considerando que o nascimento de Eliana é póstumo à morte da irmã, tudo o que sabia era herança de sua mãe, Ana Fonseca de Oliveira. Naquele período, os autores se esbarraram com o primeiro desafio para o desenvolvimento do corpus teórico, posto que não dispunham de uma fonte que tivesse convivido diretamente com Berta Lucia, haja vista que a existência da garota findara na década de 1940 e grande parte dos que a acompanharam já não estava mais viva.

Ainda que o relato de Eliana fosse escasso, os autores insistiram na validade do trabalho, até mesmo porque ainda não haviam consultado a vasta gama de informações sobre a menina publicadas nos meios de comunicação. Tendo em vista que o dia de finados se aproximava, data em que a religiosidade popular em torno de Berta Lucia se materializava no cemitério, estes pesquisadores decidiram que era o momento de presenciar pela primeira vez a ocorrência do fenômeno. Além

disso, esta era uma oportunidade única aos acadêmicos, dado que, em dois de novembro do ano seguinte, o livro-reportagem já estaria finalizado.

Na manhã do dia em questão, Ana Caroline, Amanda, André, Daniel, Itamar e Tainá se reuniram e ficaram a postos em frente ao túmulo de Berta Lucia, onde não só constataram a autenticidade da prática religiosa, como também puderam realizar entrevistas preliminares com os romeiros (ANEXO B) que se dirigiam ao campo-santo exclusivamente para visitar a construção ou que aproveitavam a ida até o sepulcro de um ente querido para fazer uma passagem pelo de Berta Lucia.

O objetivo com as abordagens era conhecer, de antemão, os discursos que patrocinavam a crença no poder milagreiro da santa. Entre os questionamentos feitos, estavam como conheceram a história da garota, as razões que justificavam a sua fé, por que se encontravam ali naquela ocasião, quais os pedidos feitos ou graças alcançadas, entre outros. Além destas conversas iniciais, o grupo também se propôs a fazer fotografias autorais, as quais, mais tarde, seriam utilizadas para ilustrar o livro-reportagem.

6.3 Indexação

Após a aprovação do pré-projeto, os discentes, junto ao seu orientador, Tchiago Inague Rodrigues, entenderam que o primeiro passo do grupo, antes de escrever a peça teórica, seria fazer a indexação dos jornais que eram mantidos em acervo no município.

Os estudantes verificaram que, em Prudente, somente *O Imparcial* e o *Oeste Notícias* contavam com arquivos completos e, por isso, definiram os dois diários como *corpus* documental para a realização da pesquisa. Posto que a data em que os periódicos começaram a repercutir o fenômeno devocional era incerta, vislumbraram a necessidade de folhear as páginas desde a década de 1940, no caso de *O Imparcial*, a fim de identificar quando a primeira notícia ou reportagem sobre o tema foi veiculada.

Com relação ao *O Imparcial*, o acervo a partir da década 1940 é disponibilizado pelo Museu e Arquivo Histórico “Prefeito Antonio Sandoval Mello”. Enquanto Daniel e Tainá se debruçaram sobre a indexação deste período até o final da década de 1980, Ana Caroline, André e Itamar ficaram responsáveis por analisar

os exemplares a partir da década de 1990, dispostos de forma mais organizada no campus da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista.

O processo transcorreu durante o mês de fevereiro. Ao final dele, os autores diagnosticaram que a primeira reportagem na qual é mencionado o grande número de visitas ao túmulo de Berta Lucia foi em 1976, por *O Imparcial*. A partir deste ano, foram catalogadas 31 publicações que remetem ao objeto de estudo em *O Imparcial* e 16 no *Oeste Notícias* (em virtude do menor tempo de circulação, que durou de 1995 a 2012), totalizando 47 matérias (ANEXO A), entre notícias e reportagens.

Vale ressaltar que, diante do grande período considerado pelos autores para a indexação – de 1944 a 2016 – e levando em conta que o fenômeno devocional é focalizado pela mídia impressa antes ou após o dia de finados, os autores delimitaram a consulta somente às edições do mês de novembro dos respectivos jornais, com exceção da década de 1940, quando se cogitou a possibilidade de o nome da menina ser mencionado em outras épocas do ano.

6.4 Entrevistas iniciais

De modo paralelo à indexação, realizada em fevereiro deste ano, todos os integrantes do grupo retornaram à casa de Eliana no dia 23 para novamente ouvi-la, confirmar informações levantadas durante a análise dos periódicos, esclarecer dúvidas que ficaram pendentes no primeiro contato e conhecer o material que ela dispunha sobre a menina, como fotos, atestado de óbito e um caderno repassado aos devotos, no dia de finados do ano anterior, para que registrassem neles os seus testemunhos acerca dos milagres alcançados.

Durante a conversa, Eliana contou aos autores que uma das primas de Berta Lucia, Nair Fonseca Medeiros, conhecida carinhosamente como dona Naíca, está viva e poderia relatar como a menina era em vida, posto que conviveu com ela antes da morte. Após obterem o endereço, Ana Caroline e André foram até a casa de Nair para colher as suas lembranças sobre a garota, no entanto, identificaram controvérsias no decorrer da entrevista. Por conta da idade avançada, Nair já não recordava ou distinguia o passado com clareza e apresentava confusão na hora de organizar os fatos. Sendo assim, o grupo concluiu que seus testemunhos não poderiam ser considerados, a fim de não comprometer a pesquisa.

Enquanto André escrevia o corte teórico, Ana Caroline se encarregou de fazer outras entrevistas que contribuiriam para a contextualização do fenômeno devocional. No dia 3 de março, ela retornou ao Cemitério São João Batista para conversar com o zelador da capela de Berta Lucia, João de Souza; no dia 22, esteve com o bispo da Diocesana de Presidente Prudente, Dom Benedito Gonçalves dos Santos, que explanou sobre as possibilidades de canonização da santa prudentina, uma vez que sua condição não é legitimada pela Igreja Católica; e no dia 29 do mesmo mês, falou com o administrador do Cemitério São João Batista, Carlos Alberto de Lima.

No dia seguinte, Itamar visitou o historiador Ronaldo Macedo para conhecer qual era o contexto socioeconômico de Presidente Prudente a partir da década de 1940, com o intuito de melhor ambientar a pesquisa e, posteriormente, o livro-reportagem. Na oportunidade, também buscou esclarecer a mudança da localização do cemitério municipal, que, anteriormente, era situado onde hoje está instalado o Terminal Rodoviário Urbano.

No dia 13 de abril, Ana Caroline conversou com o jornalista Altino Correia com a finalidade de conhecer as impressões do profissional sobre o tema, dado que a imprensa foi uma das principais patrocinadoras do fenômeno devocional, ao passo que ele, um dos repórteres envolvidos na cobertura anual das visitas à capela da menina.

Em seguida, os discentes deram início ao rol de entrevistas com os devotos, uma vez que seus depoimentos seriam utilizados para embasar a prática religiosa descrita no trabalho e comporiam uma das partes do livro-reportagem, que se propõe a apresentar, no formato perfil, gênero textual jornalístico, histórias de fiéis que atribuem suas conquistas e superações à crença em Berta Lucia. Do dia 21 ao 24 de abril, foram ouvidos Cristiana Cícera Brito de Sá, Luiz César Teixeira da Silva, Eloisa Aparecida de Freitas Souza e Francisco Ferreira Nobre. Destes, somente os testemunhos de Luiz César e Francisco foram selecionados para o livro.

6.5 Produção

Em agosto, subsequente à aprovação da peça teórica, os acadêmicos começaram o processo de redação do livro-reportagem. Uma vez que cada integrante tem o seu estilo próprio de escrita e com o objetivo de manter a

uniformidade do texto, o grupo, em discussão com o seu orientador, decidiu que apenas uma pessoa deveria redigir a narrativa. Todos consentiram, portanto, que André ficasse responsável por esta função.

Enquanto André definia como o livro seria dividido, os demais membros se encarregaram de entrevistar novos fiéis, cujos nomes foram captados do caderno de testemunhos mantido por Eliana. Nele, constavam as mensagens escritas pelos devotos e seus respectivos telefones para contato.

Com o material em mãos, Ana Caroline filtrou as histórias com potencial de serem empregadas no livro-reportagem e telefonou para essas pessoas a fim de saber se tinham interesse em contribuir com o trabalho. Após obter o devido consentimento, Ana Caroline elaborou as pautas (APÊNDICE A), que, posteriormente, foram entregues aos repórteres para o norteamo das entrevistas.

Estes documentos eram compostos pelo nome completo do entrevistado, proposta, encaminhamento, roteiro (no qual eram indicados data do encontro, horário, local e telefone), sugestão de perguntas e dados, que traziam informações sobre o personagem. Para o registro da conversa, os discentes se valeram de bloco de anotações, caneta e o gravador de voz de seus celulares.

Do dia três de julho até 26 de agosto, foram ouvidos Luisa de Souza e Augustina Martins de Padula, por Ana Caroline; Berta Lucia da Silva, Ivanilda Garcia Fukaya e Olga de Andrade Zaupa, por Daniel; e Alessandra Mataruna, Claudineia da Silva, Sebastião Fonseca e Salatiel Firmino Fonseca, por Itamar. Embora acreditem no poder milagreiro de Berta Lucia, os dois últimos não foram considerados para a parte do livro-reportagem voltada aos devotos, haja vista que fazem parte da família da menina. Feitas as entrevistas, os três encaminhavam as gravações para Amanda e Tainá, que cuidavam da transcrição dos áudios. Após a decupagem, destinavam os arquivos para André, que, por sua vez, fazia a leitura deles e construía os perfis dos devotos.

Ainda a respeito das entrevistas, André viu a necessidade de ouvir alguma pessoa ligada ao médico pediatra José Cupertino D'Arce (*in memoriam*), que firmou o atestado de óbito de Berta Lucia, para descobrir se o profissional comentara alguma vez, em vida, a respeito da criança.

Por intermédio da professora Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, que conhecia a família, Ana Caroline conseguiu o contato da filha do pediatra, Roberta D'Arce. A abordagem, entretanto, foi infrutífera. Roberta alegou que seu pai não

comentava sobre o ofício no ambiente doméstico. Além disso, informou não conhecer nada além das histórias que a maioria já conhece.

Por sugestão do orientador Tchiago, foi necessário também ouvir um profissional médico com o intuito de confirmar se a mortalidade pela meningite é, de fato, rápida, posto que tanto Eliana quanto a mídia impressa relatam que o período de tempo entre a manifestação inicial dos sintomas e o falecimento da garota foi de apenas 24 horas. Para tanto, André ouviu José Eduardo Pinheiro.

Para a nomeação da peça prática, o grupo concluiu que, por se tratar de um livro-reportagem que também tem a finalidade de traçar uma biografia sobre o personagem abordado, seria de bom tom empregar o nome de Berta Lucia no título. Além disso, o nome composto da menina, ainda que popularizado nos cartórios de registro civil após a sua morte, é automaticamente associado a ela quando mencionado e, por esta razão, os autores entenderam que enfatizá-lo tornaria a obra mais atrativa aos olhos de leitores que têm curiosidade pela história da garota.

Como subtítulo, foi eleita a expressão “a santa prudentina”, alcunha por meio da qual Berta Lucia ficou conhecida em Presidente Prudente. A ilustração da capa da obra é de autoria do estudante de Publicidade e Propaganda, Gustavo Toledo, ao passo que a finalização ficou por conta de um dos integrantes do grupo, Itamar. Mais detalhes sobre a arte podem ser encontrados no item PROJETO EDITORIAL constado neste trabalho.

6.6 Estrutura e formatação

A construção da narrativa ocorreu de 26 de julho até 30 de setembro. Para a redação do livro, o grupo utilizou o software Microsoft Word 2016 e empregou a fonte Garamond, tamanho 12 para o corpo do texto e tamanho 18 para títulos. O uso do itálico foi preconizado para nomes de obras e veículos, epígrafes e reproduções. Para a estruturação da narrativa, o grupo optou, predominantemente, pela exposição cronológica dos fatos e, para tanto, se valeu das transcrições do material publicado nos jornais impressos e entrevistas autorais feitas pelo grupo, além de materiais cedidos pela irmã de Berta Lucia, como um recorte do periódico *Notícias Populares* e o atestado de óbito da menina. Embora o livro seja composto, em boa parte, pelos testemunhos de devotos, cujas histórias são narradas sob o

ponto de vista deles, o grupo tomou a cautela de não imprimir à obra qualquer posição religiosa.

6.7 Diagramação

O grupo concluiu o livro-reportagem no dia 30 de setembro, no entanto, a diagramação das páginas já vinha sendo feita desde o dia 25 de agosto, com o propósito de ganhar tempo. À medida que André concluía os capítulos, eles eram enviados para o orientador Tchiago, que analisava o material e sugeria possíveis correções. A seguir, André adequava o conteúdo conforme indicado pelo supervisor e o encaminhava para Itamar, que se debruçava sobre a diagramação. O software utilizado neste processo foi o InDesign 2015.

Além da paginação do texto e a aplicação da cor azul para a abertura das primeira, segunda e terceira partes; e rosa para a abertura dos capítulos, Itamar também fez a incorporação das fotos, que foram fixadas no início de cada capítulo e perfil de devoto e em forma de álbum antes da segunda parte da obra, a exemplo de outros livros-reportagem.

As fotografias utilizadas buscam, além de informar e complementar a narrativa, tornar a leitura mais atraente e dinâmica, oportunizar que o leitor conheça os personagens que compõem a narrativa e enriquecer a estética da peça prática. Os cliques foram feitos pelos membros do grupo em diferentes períodos da produção, desde a visita ao Cemitério São João Batista no dia 2 de novembro de 2016 até a realização das entrevistas.

6.8 Finalização

Itamar concluiu a edição de arte no dia 13 de outubro, com a finalização da contracapa. Após esta etapa, o arquivo foi convertido em PDF e enviado para André, que fez a revisão minuciosa das páginas, a fim de identificar qualquer erro de ortografia, concordância, coesão ou de diagramação que eventualmente passara despercebido.

Vale ressaltar neste memorial que a figura de um diagramador profissional foi dispensada com o objetivo de obter um resultado que fosse completamente autoral e, ao mesmo tempo, por acreditarmos na capacidade criativa

de um membro do nosso grupo, que sempre demonstrou aptidão com softwares de edição de imagem e texto.

Finalizada a revisão, o arquivo foi submetido ao orientador Tchiago, que também fez a análise do material e sugeriu novas correções. Após ser readequado, o livro-reportagem foi enviado, no dia 25 de outubro, para a impressão de três cópias, entregues à banca examinadora no dia 30 de outubro. Os avaliadores fizeram a devolutiva com as devidas considerações e pedidos de correção dentro de 15 dias. Após a revisão final, a obra foi encaminhada, no dia 22 de novembro, para a Gráfica Impress, que disponibilizou 11 exemplares do livro. Destes, três foram encaminhados para a avaliação definitiva dos examinadores e oito ficaram à disposição dos autores.

Em três semestres de produção, com escassas pausas entre uma etapa e outra, o grupo se dedicou de forma árdua à confecção de um livro-reportagem que compilasse em 117 páginas a história integral do fenômeno de fé em torno de Berta Lucia. Muito mais do que dissecá-la, os pesquisadores tiveram a oportunidade de retratar uma prática sociológica que se configura em uma realidade social concreta e, portanto, diz respeito ao campo das ciências sociais, no qual a prática jornalística se insere.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo estudante do curso de Jornalismo ouve, em algum momento da sua vida acadêmica, o mantra de que o jornalista é um contador de histórias. Assim como um romancista, este profissional precisa oferecer ao consumidor uma narrativa bem desenvolvida, com começo, meio e fim. A diferença entre ambos é a realidade com que trabalham: enquanto o autor ficcional escreve histórias oriundas da sua imaginação, ainda que inspiradas por situações e personagens reais, o jornalista se vale de relatos autênticos, narrados sob a ótica dos atores sociais.

Com o advento do *New Journalism*, muitos repórteres encontraram no alinhamento do jornalismo e da literatura a possibilidade de documentar fatos que fugisse do modelo tradicional das redações e se assemelhasse às narrativas encontradas nos livros: sem limite de páginas, mais aprofundadas, com maior riqueza de detalhes e por meio de uma linguagem mais subjetiva. Além das crônicas, dos folhetins e outros gêneros que se destacaram nesta nova forma de fazer jornalismo, o livro-reportagem é ainda hoje um grande produto do jornalismo literário, uma vez que o relato jornalístico se adequa ao livro com o mesmo propósito de um romance: contar uma história, com maior força de perenidade do que aquela difundida nos jornais impressos.

Perenidade é uma característica muito forte na história de Berta Lucia, considerando que as expressões de fé em torno de sua imagem resistiram ao tempo e configuraram-se em um fenômeno de longa duração. Sendo assim, o fato de se tratar de um evento imune ao tempo favoreceu a escolha do livro-reportagem, já que este tipo de veículo deve trabalhar sempre com temáticas de interesse atemporal, diferentemente de fatos do cotidiano, cuja ação do tempo pode torná-los facilmente insignificantes e esquecidos.

O ineditismo do tema e desta plataforma também foram preponderantes para a definição do livro-reportagem como peça prática deste trabalho, haja vista que este produto jornalístico foi objeto de estudo apenas em três Trabalhos de Conclusão de Curso publicados pela Facopp. Não são apenas escassos os trabalhos internos sobre o assunto, como a bibliografia existente. Como pode ser notado neste estudo, os maiores autores brasileiros sobre livro-reportagem são Edvaldo Pereira Lima e Fernando Belo, cabendo a continuidade da ampliação da teoria a graduandos, pós-graduandos, mestrandos e doutorandos. Não é em vão

que Lima (2003) destaca, em capítulo da obra *New Journalism: A reportagem como criação literária*, intitulado *Jornalismo literário: o desafio de agora*, que hoje o maior contato com este segmento ocorre dentro das instituições acadêmicas por parte das novas gerações.

A história de Berta Lucia, por sua vez, nunca foi objeto de estudo científico. Desta forma, os pesquisadores vislumbraram a possibilidade de abastecer o acervo bibliográfico da Unoeste com um estudo de relevância local ainda não trabalhado pela comunidade acadêmica. Fora das instituições de ensino, no entanto, o fenômeno devocional encontra espaço especialmente nas páginas de jornais, sendo mencionado pela imprensa nos dias que antecedem ou sucedem o dia de Finados.

Em função dos *deadlines*, que limitam o trabalho dos profissionais do jornalismo, percebe-se que as reportagens sobre Berta Lucia são, em grande parte, pouco aprofundadas ou uma replicação do que já foi veiculado no ano anterior. A falta de uma apuração mais cautelosa fez com que, ao longo das décadas, muitas publicações prestassem informações errôneas ou controversas que poderiam ser facilmente evitadas se houvesse mais pesquisa. Logo, este trabalho nasceu justamente com propósito de esclarecer as informações equivocadas e também aquelas que foram suprimidas pela imprensa.

Para levantá-las, foi preciso lançar mão em uma metodologia cujas principais técnicas giraram em torno da pesquisa bibliográfica e levantamento documental. A coleta de informações em acervos ocorreu, sobretudo, em dois periódicos regionais: *O Imparcial* e *Oeste Notícias*, que permitiu analisar tudo que já foi veiculado sobre o fenômeno nos meios de comunicação e também ter acesso a informações que não seriam possíveis nos dias atuais em função da morte das testemunhas primárias desta história.

Já a entrevista com as fontes orais possibilitou a contextualização dos fatos, a descoberta de dados nunca mencionados pela imprensa e o resgate histórico dos acontecimentos, acompanhado do esclarecimento e desmistificação de muitos deles. Tal procedimento foi afetado, contudo, por dois empecilhos: o falecimento das pessoas que conviveram com Berta Lucia e que poderiam falar com mais propriedade sobre o assunto; e a idade avançada de muitos entrevistados, o que contribuiu para que muitas memórias se perdessem no tempo ou fossem contadas de forma não condizentes com a realidade.

Além dos familiares de Berta Lucia, os devotos foram personagens essenciais deste trabalho, uma vez que são os patrocinadores da crença e aqueles que a mantêm viva até os dias atuais. Embora o zelador que monitora a capela da menina, no Cemitério Municipal São João Batista, João de Souza, ressalte que a quantidade de visitas seja menor do que aquela registrada em décadas anteriores, o fenômeno permanece resistente e se mostra longe do fim, pois, para muitos fiéis, a visita anual ao túmulo tornou-se tradição no dia de Finados.

Tanto João de Souza quanto a irmã de Berta Lucia, Eliana Galvão Martinelli, evidenciaram que as manifestações populares em torno da menina começaram com um indivíduo que, passando pelo túmulo, fez uma prece à imagem e afirmou ter recebido a graça. Foi o mesmo sujeito que financiou, a princípio, a edificação da capela onde a garota encontra-se sepultada. Apesar disso, estes autores acreditam que o principal discurso que favoreceu a construção da santidade de Berta Lucia foi propagado por Ana Fonseca de Oliveira, a qual não apenas divulgou a história do milagre que sucedeu a explosão de uma panela de feijão, como era bastante conhecida em Presidente Prudente por benzer aqueles que a ela recorriam.

Com o passar do tempo, a capacidade milagreira de Berta Lucia se popularizou por meio da oralidade e configurou aquilo que é denominado religiosidade popular. Esta se distingue da religião, pois enquanto a segunda diz respeito a uma doutrina eclesiástica, a primeira consiste nas manifestações devocionais motivadas pela crença no sagrado, sem a necessidade de haver a legitimação por parte da Igreja, como é o caso de Berta Lucia. A santidade da menina nada mais é do que uma construção popular, no entanto, sob a ótica dos devotos, trata-se de uma condição autêntica.

Além dos milagres apontados, há uma causa preponderante para a garota ser vista como uma santa: o fato de ter falecido aos quatro anos de idade e, na condição de criança, sem pecados, o que, aos olhos dos fiéis e até mesmo da Igreja, automaticamente a transforma em uma santa, um anjo, uma pessoa escolhida por Deus para viver ao seu lado. Como o próprio bispo da Diocese de Presidente Prudente destaca, a comoção gerada pela morte prematura é suficiente para que as pessoas justifiquem a construção da santidade. Já Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta (1999) completa que é uma forma de eternizar a aparência

infantil da vítima e a memória de um tempo que poderia ter sido permeado de grandes alegrias, mas que foi roubado por uma doença.

Ao recorrerem à imagem de Berta Lucia, os devotos vislumbram na menina uma intermediadora entre eles e Deus e, portanto, a ela se apegam, estabelecendo uma relação de troca: caso suas preces sejam atendidas, é feita a retribuição. No caso de Berta Lucia, este pacto é fortalecido por meio da entrega de presentes, que vão desde brinquedos a contribuições financeiras, geralmente destinados, mais tarde, para instituições filantrópicas de Presidente Prudente. Os fiéis também costumam ornamentar a capela com as placas votivas, que são mensagens de agradecimento pelas graças alcançadas.

Tais manifestações ocorrem predominantemente no dia de Finados, data em que os romeiros saem de suas casas para revisitar o túmulo das famílias e amigos e renovar os laços com a santa Berta Lucia. Nesta ocasião, levam novas promessas, cumprem antigas, fazem orações, entregam flores e bonecas e acendem velas. Muitas vezes, a ligação é tão forte que a adoração da imagem ultrapassa os limites do Cemitério Municipal São João Batista, já que há aqueles que guardam santinhos com a imagem da menina e dirigem-se a ela frequentemente, adotando-a como membro definitivo do santoral oficial.

Ao estabelecer a história de Berta Lucia como objeto de estudo desta pesquisa, os principais esforços destes pesquisadores se concentraram em expor uma realidade social que se destaca como um fragmento da cultura popular de Presidente Prudente e, portanto, interfere no modo de pensar e agir de uma parcela da população local. O propósito dos autores não foi, em nenhum momento, compreender a fé ou comprovar a capacidade milagreira de Berta Lucia, mas analisar um fenômeno que gera impactos ao âmbito social e, por esta razão, configura-se em matéria de interesse tanto para a pesquisa científica quanto para a atividade jornalística.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. R. A religiosidade católica e seus santos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH-PE, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364926943_ARQUIVO_ARELI_GIOSIDADECATOLICAESEUSSANTOS.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- ANDRADE; S. R.; VIANA, R. S. Manifestações populares do catolicismo em Maringá: o culto ao “santo” Lô. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 1, n. 3, p. 1-9, 2009. Trabalho científico apresentado no II Encontro Nacional do GT de História das Religiões e das Religiosidades, 2, 1, 2008, Franca.
- ANDREATTA, C. Apontamentos sobre o Contexto Teológico do Vaticano II. **IHU On-Line**, São Leopoldo, v. 12, n. 401, 2012. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.
- ARAGÃO, G. S. A religiosidade popular e a fé cristã. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, Pernambuco, v. 1, n. 1, jan., 2002. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4214/4214.PDF>> Acesso em: 21 abr. 2017.
- AUMENTA o movimento de visitantes no cemitério. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 1 nov. 1994. p. 2.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamento de Metodologia Científica**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- BARROS, J. D. A. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BERNARDES, H. L. **Lugares para vivenciar o tempo às margens da Avenida Brasil**. 2012. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.
- BERTA Lúcia desperta fé no elenco dos milagres. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 2 nov. 1984. p. 5.
- BERTA Lúcia recebe doações na véspera. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 2 nov. 2000. p. 1.3.
- BERTA Lúcia tem legião de ‘devotos’. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 31 out. 1998. p. 1.8.
- BRAGATTO, S. **Jornalismo literário como literatura: o “Novo Jornalismo” de Armies of the night, de Norman Mailer**. 2007. 187 f. Dissertação (Mestrado em

Literatura) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

BRASILEIRO, A. F.; GAMA, D. M. H. L. Jornalismo Literário em revista - uma análise de conteúdo da revista Piauí, **Verso e Reverso**, São José del-Rei, v. 29, n. 70, jan.-abr., 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2015.29.70.05>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CÂMARA NETO, I. A. Diálogos sobre religiosidade popular. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 8, n. 2, jul-dez, 2002.

CAPELA de Berta Lúcia atrai 1,5 mil visitas. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 3 nov. 2007. p. 3-B.

CARVALHO, M. C. M. **Construindo o Saber**. 9. ed. Campinas: Papius, 2000.

CATALÃO JÚNIOR, A. H. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista de Araraquara, 2010.

CEM mil visitam mortos em Prudente. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 3 nov. 1995. p. 3-C.

CEMITÉRIO espera 70 mil no Finados. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 1 nov. 1997. p. 1.5.

CERCA de 150 mil pessoas visitaram o Cemitério. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 3 nov. 1991. p. 4.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002. Disponível em: <http://www.academia.edu/4253494/a_historia_cultural_entre_praticas_e_representacoes_roger_chartier>. Acesso em: 27 mai. 2017.

COLLARO, A. C. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORREIA, I. T. **João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia / MG (1956 – 2002)**. 2003. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

COSTA, Antonio. **Como compreender o cinema**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2003.

CUNHA, E. **Os Sertões**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: Memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em redes sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

ENCICLOPÉDIA DIGITAL DO OESTE PAULISTA. **Saúde**. 2003. Disponível em: <http://camarapprudente.sp.gov.br/historia/hist_oeste/cidades/pprudente/saude.html>. Acesso em: 28 mar. 2017.

ESPIG, M. J. Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 10, 1998. Disponível em: <>. Acesso em:

FARO, J. S. O new journalism e a experiência da revista Realidade. In: SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. **Cadernos de Comunicação**. Rio de Janeiro: 2003. p. 59-64. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em 05 mar. 2017.

FRANCO JR., H. **As cruzadas**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GAETA, M. A. J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 1, 1999. Disponível em: <https://secure.usc.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v20_n1_1999_art_05.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, F. J. S. A Cristandade medieval entre o mito e a utopia, **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n5/2237-101X-topoi-3-05-00221.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

JURKEVICS, V. I. **Os santos da Igreja e os santos do povo**: devoções e manifestações da religiosidade popular. 2004. 218 f. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, E. P. Jornalismo literário: o desafio de agora. In: SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. **Cadernos de Comunicação**. Rio

de Janeiro: 2003. p. 89-94. Disponível em
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em
05 mar. 2017.

LIMA, E. P. Jornalismo literário: o legado de ontem. In: SECRETARIA ESPECIAL DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. **Cadernos de Comunicação**. Rio
de Janeiro: 2003. p. 9-13. Disponível em
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em
05 mar. 2017.

LIMA, E. P. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e
da Literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, I. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

LUPTON, E.; PHILLIPS, J. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac
Naify, 2008.

MATOS, J. S.; SENNA; A. K. História oral como fonte: problemas e métodos.
Historiæ, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em:
<<https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São
Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto,
2008.

MARTINS, L. J. **Aproximações entre jornalismo e literatura no debate sobre a
crise do jornal**: o caso de Eliane Brum. 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado em
Comunicação Social) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação,
Universidade Estadual Paulista, 2010.

MARTINS, L. P. **O jornalismo literário e a crise do jornalismo impresso**:
possibilidades e limites de inserção do gênero no jornalismo tradicional. 2005. 57 f.
Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) –
Faculdade de Ciências Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, 2005.

MILHARES de pessoas visitam hoje o Cemitério “São João Batista”. **O Imparcial**,
Presidente Prudente, 2 nov. 1986. p. 3.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. A.; SOUZA, E. R. S. **Avaliação por triangulação
de métodos**: abordagem de programas sociais. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz,
2005.

MUITA gente no dia de Finados. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 4 nov. 1976.

NEM as fortes chuvas impedem as visitas ao cemitério local. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 2 nov. 1991. p. 2.

NO DIA de Finados: milhares de pessoas no cemitério local. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 4 nov. 1983.

NO TÍTULO de Berta, visitas aguardam milagres e bênçãos. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 1 nov. 1995.

NASCIMENTO, M. R. Religiosidade e cultura popular: catolicismo, irmandades e tradições em movimento. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

O'MALLEY, J. O Concílio do impulso para a reconciliação [setembro 2012]. Graziela Wolfart e Luis Carlos Dalla Rosa. **IHU On-Line**, São Leopoldo, 3 setembro 2012. Revista digital. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf>>. Acesso em 28 mai. 2017.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, J. C. **A eficácia simbólica do sacrifício: estudo das devoções populares**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

PESAVENTO, S. J. **Em busca de uma outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995. Disponível em: <>. Acesso em:

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PICCOLI, T. K. F., Maria Bueno: um diálogo sobre religiosidade católica. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 10., 2012, Maringá. **Anais...** Maringá: DCS, 2012. Disponível em: <http://www.dcs.uem.br/xseminario/artigos_resumos/gt1/x_seminarios_gt1-a7.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2017.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SAMARA, T. **Grid**: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STOCCO, M. **A fotografia como meio de comunicação corporativa**: uma análise das imagens do site da Avon. 2014. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Comunicação Institucional) – Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

TAVARES, T. R. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 35-47, jul.-dez., 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

TÚMULO de Berta Lúcia é o mais visitado. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 3 nov. 2009. p. 1.4.

ANEXOS

ANEXO A
INDEXAÇÕES

REPORTAGENS VEICULADAS EM *O IMPARCIAL* (DE 1976 A 2016)

1. Data de publicação: 4 de novembro de 1976

Edição: 7.920

Além das duas missas celebradas – uma de manhã e outra à tarde – houve concentração de muita gente junto a um coral evangélico e a alguns túmulos como o do saudoso prefeito Florivaldo Leal e de uma jovem sepultada há alguns anos da qual se afirma receber graças os que oram por ela.

2. Data de publicação: 4 de novembro de 1983

Edição: 10.022

O túmulo mais visitado foi de Berta Lucia. Alguns pagando promessas, outros fazendo pedidos.

3. Data de publicação: 2 de novembro de 1984

Edição: 10.321

Berta Lúcia desperta fé no elenco dos milagres

Nascida em Cataguazes, no Estado de Minas Gerais, no dia 15 de novembro de 1939, a criança Berta Lúcia de Oliveira, ainda com tenra idade ficou órfã do pai, quando o seu progenitor faleceu num desastre de caminhão (que transportava ferro) na cidade de Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro. A partir dessa desgraça, a mãe de Berta Lúcia – dona Ana Fonseca de Oliveira, veio para Presidente Prudente e trouxe consigo a “menina” – tratamento especial e carinhoso, que até hoje dedica a Berta Lúcia, toda a vez que faz qualquer referência a falecida garota.

FATOS MARCANTES

Há um pouco mais de três anos vivendo em Prudente, dona Ana – mãe de Berta – tinha visões do seu falecido esposo (pai de Berta) que nas aparições advertia a sua viúva de que viria buscar a “menina” antes que ela (Ana) casasse novamente. Considerando algo sem sentido, dona Ana, ficava impressionada mas não levava muito a sério o que era dito, nas aparições do seu marido morto.

Enquanto isso, a vida continuava e dona Ana trabalhava, para alimentar e sustentar com dignidade a sua “menina”. Certo dia – três dias antes de morrer (um domingo) Berta Lúcia, acarinhando a mãe, disse “mãezinha tenho tanta pena da senhora, a senhora trabalha tanto e eu vou ter que deixar a senhora sozinha...” Dona Ana levou

o assunto para o lado das tolices infantis e não deu muita atenção a fala de Berta. Um dia depois (na segunda – feira) exatamente, ao meio dia – do dia 15 de fevereiro de 1944 – dona Ana estava penteando os cabelos (compridos) de Berta e disse-lhe: “Bertinha, eu estou com vontade de cortar um pouco os teus cabelos porque eles estão compridos e está fazendo muito calor...” A menina, prontamente, respondeu: “Não faça isso mamãe, porque quem vai cortar os meus cabelos será Jesus e ninguém mais”.

Poucas horas depois desse dialogo patético, a menor Berta Lúcia começava a apresentar uma febre elevada e a sua mãe – preocupada e um tanto nervosa – levou a criança para ser examinada pelo Dr. Cupertino Darci e o clínico receitou a pequenina enferma, que 22 horas depois falecia. A causa de sua morte foi atribuída – pelos legistas – como sendo vítima de meningite e colite, fato triste ocorrido no dia 16 de fevereiro de 1944. Dessa forma a pequenina Berta, menina simples que gostava de arroz doce e grão de bico (que chamava de carne de bico) e que também, cantarolava para sua mãe, a música – muito tocada na época – “Sempre no meu coração”, deixou de existir, entretanto, ressurgiu nas intermináveis visões de dona Ana (que tudo indica tratar se de uma vidente) embora confesse não ser espírita ou ligada a qualquer seita Kardecista.

AS APARIÇÕES E OS MILAGRES

Pouco tempo depois de haver morrido a menina Berta começou a figurar nas visões da sua mãe e quando aparecia falava claramente tudo o que desejava ou tinha vontade que fosse feito. Certo dia apareceu para dona Ana e disse “Mãezinha quero que a senhora pegue o dinheiro, vinte mil cruzeiros, e leve para as crianças” (era o dia das crianças). A mãe não tinha o dinheiro, falou para as amigas conhecidas e pouco tempo depois, o dinheiro foi conseguido e as crianças indicadas por Berta receberam o numetário.

Segundo referências de dona Ana, o primeiro milagre ocorrido por interferência da menina foi exatamente nas lides domésticas da sua própria casa. Certo dia, uma panela de pressão explodiu e a tampa indo pelos ares jogou todo o feijão (superaquecido) que estava dentro, sobre uma criança sentada nas proximidades, a menininha Eliana Galvão de Oliveira, irmã de Berta por parte de mãe. Dona Ana desesperada com o acidente, gritou: “Valha-me menininha, eu só tenha está filha, você já foi embora, não deixe minha filha morrer”. A seguir, dona Ana apanhou a criança – coberta de feijão fervendo - levou até a pia da cozinha, lavou-a e Eliana

não apresentava uma bolha de queimadura sequer em todo o seu corpo. Segundo afirma dona Ana, esse fato foi o primeiro milagre feito por Berta, salvando sua própria irmã de uma queimadura de conseqüências imprevisíveis.

Pouco tempo passado, o irmão de Berta, Roberto, foi queimado – com queimaduras do 5.o grau – por uma espiriteira de álcool e também socorrido por Berta, conseguiu sobreviver e não ficar com seqüelas graves.

Desde a morte de Berta Lúcia – fato ocorrido na rua Cassimiro Dias – em Presidente Prudente, dona Ana diz que as aparições e conversas mantidas com a menina milagreira, são constantes e além disso, a mãe da menina resolveu por uma razão inexplicável (por uma espécie de vontade íntima) realizar orações na sua própria casa, onde reúne pessoas amigas e conhecidas para tal prática.

Entre os milagres mais recentes e que podem ser citados, com o testemunho das pessoas que foram atingidas pelos seus benefícios atribuídos à Berta Lúcia, podemos apontar dona Tionila, que durante o último temporal/vendaval que desabou sobre Prudente, ao ver sua casa estar quase sendo arrastada pelo ventarrão, disse: “Salve-me Berta Lúcia e não deixe o vento destruir o nosso lar”. Tão logo pronunciou tais palavras, o vento fez um rodaminho (afirma dona Tionila) deixou sua casa sem o menor vestígio de destruição.

O Sr. Albano Rodrigues, encontrado por nossa reportagem no interior da capela da menina, disse-nos: “O meu filho com 11 anos – Albano Rodrigues Junior, estava possesso, endiabrado, como que tomado pelo demônio. Levei-o à muitos médicos e curandeiros e nada, o menino estava cada vez mais atacado, finalmente, cheguei junto a mãe de Berta Lúcia, expliquei o problema e depois de algumas orações para a menina o meu filho voltou ao normal e nunca mais teve nada”. Segundo o pai do garoto curado, fazem seis anos que o seu filho ficou livre do terrível mal que o havia transformado num verdadeiro monstro.

Os fatos mencionados e apontados como milagres, que foram feitos pela menina Berta Lucia são inúmeros e das mais diversas procedências, não só de municípios vizinhos, como também de cidades distantes. Regente Feijó, é uma das cidades mais atingidas pelos milagres de Berta e onde há grande número de pessoas com graças alcançadas. Presentes, bilhetes, manifestações de fé, no auxílio espiritual da pequena morta, são de tal volume e variedade, que seria tarefa difícil, senão impossível, de registrar numa só reportagem com espaço limitado, embora ampla.

4. Data de publicação: 2 de novembro de 1986**Edição:** 10.923

Além do cruzeiro, um dos lugares de maior visitação é o túmulo da menina Berta Lúcia, que recentemente foi alvo de vandalismo. Centenas de pessoas de muitas partes do país chegam em Presidente Prudente hoje para visitar Berta Lúcia. As razões são curiosidade, devoção e procura de graças; acredita-se que a menina possa conceber milagres.

5. Data de publicação: 4 de novembro de 1988**Edição:** 11.520

A maior concentração de visitantes foi no período da manhã, com a missa de cinco padres no próprio cemitério e na capela de Berta Lúcia. Uma verdadeira romaria de fiéis buscando por algum milagre.

-

Nos últimos anos, o túmulo de Berta, uma construção em forma de templo, recebe um grande número de visitas de pessoas de várias cidades da região; elas fazem fila para entrar na capela.

6. Data de publicação: 4 de novembro de 1989**Edição:** 11.820

A exemplo de todos os anos, a capela de Berta Lúcia foi um dos jazigos mais visitados, onde muitas pessoas vão para orar e pedir graças.

7. Data de publicação: 2 de novembro de 1991**Edição:** 12.422

Mesmo debaixo de chuva as pessoas não deixaram de visitar os túmulos de seus entes queridos no dia de finados. Como não poderia deixar de ser diferente, mais uma vez a capela da menina Berta Lúcia foi um dos pontos mais visitados. As pessoas chegavam a se aglomerar dentro da capela, rezando em silêncio e acendendo velas. No chão, em volta do altar e do quadro de Berta pendurado na parede, há muitas bonecas espalhadas, lembranças do último dia das crianças em que a mãe da menina fez uma festa para cerca de 300 crianças. As mães dessas crianças que levaram as bonecas como forma de pagamento de promessas, e que serão/foram doadas por dona Ana às crianças pobres. Cerca de 300 pessoas

passaram ontem (01) pela capela de Berta, mas a expectativa para hoje (02) é de cerca de três mil pessoas.

8. Data de publicação: 3 de novembro de 1991

Edição: 12.423

O túmulo mais visitado foi o de Berta Lúcia, falecida em 1944, a quem se atribuem muitos milagres. Uma enorme fila se formou do lado de fora da capela da menina, todos queriam entrar onde Berta foi sepultada para fazer preces. Presentes, flores, velas e agradecimentos são depositados no oratório. Há uma torneira do lado de fora da capela, que também é visitada pelos devotos. Eles lavam as mãos, partes do corpo, outros levam um pouco para casa em garrafinhas.

9. Data de publicação: 1 de novembro de 1992

Edição: 12.726

O túmulo de Berta que é muito visitado por pessoas de Prudente e região, estas que depositam sua fé e esperança. No ano passado, milhares de pessoas visitaram seu túmulo, sendo necessário filas para adentrarem a capela.

10. Data de publicação: 4 de novembro de 1993

Edição: 13.024

O túmulo da menina Berta Lúcia, como já é tradição, foi também o mais visitado. Filas enormes foram feitas para que as velas pudessem ser acesas.

11. Data de publicação: 1 de novembro de 1994

Edição: 13.327

Aumenta o movimento no cemitério São João Batista de Presidente Prudente. Da visita, cerca de 70% busca pagar promessas ou fazer algum pedido no túmulo da menina Berta Lucia, sempre o mais visitado. Segundo consta, muito fiéis alcançam graças desde a sua morte em 1944, aos cinco anos de idade, vítima de meningite.

12. Data de publicação: 2 de novembro de 1994

Edição: 13.328

Um dos túmulos mais visitados será o da menina Berta Lucia, onde 70% dos visitantes buscam pagar ou fazer promessas.

13. Data de publicação: 4 de novembro de 1994

Edição: 13.329

Um dos túmulos mais visitados foi o da menina Berta Lucia. Tudo estava pronto para a visitação, desde a pintura, limpeza e até atendimento ao público.

14. Data de publicação: 3 de novembro de 1995

Edição: 13.636

O túmulo da menina Berta Lucia foi o mais visitado. Filas formavam para as pessoas deixar suas orações, flores, pedidos e mensagens. Berta Lucia faleceu quando criança há mais de 25 anos. Pessoas que visitam a capelinha onde se encontra sua sepultura, afirmam que a menina faz milagres. Osvaldo Pessata, de 33 anos, que se encontrava na fila, disse já ter alcançado uma graça de Berta Lucia. “É o terceiro ano que visito o túmulo, acredito que realmente ela faz milagres e gosto de deixar minhas orações e agradecimentos a ela”, afirmou. Edna Borges faz 9 anos que visita a sepultura de Berta Lucia e gosta de vir cedo, por que a tarde disse que o movimento é grande. “Eu acredito que ela faz milagres e vim deixar aqui minhas orações”, declarou. Elisabeth Damaceno Branda, 22 anos está na cidade há dois anos, envio de São Paulo. Apesar do pouco tempo que reside em Prudente. Já teve conhecimento dos milagres de Berta Lucia e foi também acender uma vela para ela. “Vim deixar minhas orações e meus pedidos, acima de tudo agradecer pelas graças que tenho”, disse. Já Maria José Ulian, apesar de morar há muitos anos na cidade, é a primeira vez que foi morar ao túmulo de Berta Lúcia. Na fila, ela conta que ficou curiosa, pois as pessoas falam muito a respeito da menina e das graças alcançadas. “Decidi vir este ano acender uma vela e orar por ela”, contou.

15. Data de publicação: 3 de novembro de 1996

Edição: 13.920

Como já se faz tradição, a comunidade da cidade e região, no Dia de Finados, não deixa de visitar o túmulo da menina Berta Lucia, que faleceu quando criança. Muitas pessoas afirmam conseguir graças. Uma capelinha foi construída em seu sepulcro e filas enormes se formaram desde manhã para a visita. As pessoas querem orar pela alma de Berta Lucia, agradecer e fazer pedidos. Armelinda Maria da Silva, uma das visitantes, disse ir até o túmulo de Berta Lucia para pedir saúde e felicidade à sua

família. Luzia da Silva Santos afirmou que já alcançou graças, pois conseguiu o que mais queria, adotar uma criança. “Sou devota à Berta Lucia e todos os anos venho até aqui acender uma vela para agradecer”, afirmou. Cleide da Silva Borges diz ser a primeira vez que foi ao túmulo de Berta Lucia, pois já ouviu falar em pessoas que alcançaram graças ao visitá-lo. Movida pela fé, Sônia Regina Ramos há 10 anos, no dia de Finados, se dirige à Berta Lucia para agradecer. Segundo ela, já conseguiu muitas graças através da menina. “Já tive minha filha muito doente e graças à Berta Lucia conseguiu se curar”, contou. A mãe de Berta Lucia, Ana Fonseca de Oliveira disse se sentir feliz pelas pessoas que lembram de rezar para sua filha neste dia e agradecer às bênçãos que recebe. Além das visitas, as pessoas levam ofertas como brinquedos, flores, velas e até mesmo objetos pessoais relativos à graça alcançada. “Deixo por um tempo na capelinha e depois recolho; quando há grande quantidade de brinquedos, dão a instituições de caridade”, afirmou.

16. Data de publicação: 2 de novembro de 1997

Edição: 14.228

Como acontece todos os anos, o túmulo da menina Berta Lucia deverá ser um dos mais visitados. Berta morreu em fevereiro de 1944 e muita gente garante que ela faz milagres.

17. Data de publicação: 4 de novembro de 1998

Edição: 14.538

O túmulo mais visitado foi o da menina Berta Lucia, que segundo os fiéis seria responsável pela realização de milagres e atendimentos a pedidos. O número de velas acesas, vasos com flores e orações foi grande durante todo do dia. Nem mesmo o sol forte acabou desanimando os visitantes que durante toda a segunda-feira entravam e saíam do cemitério que funcionou das 7h às 19h.

18. Data de publicação: 3 de novembro de 1999

Edição: 14.837

O túmulo de Berta Lucia foi um dos mais visitados. A missa celebrada, pela manhã, ao lado do Cruzeiro reuniu milhares de pessoas de toda a região. Para garantir maior segurança, a prefeitura colocou carros pipas para o abastecimento de água e duas ambulâncias no interior do cemitério.

19. Data de publicação: 3 de novembro de 2000

Edição: 15.148

Um dos locais mais visitados foi o túmulo da menina Berta Lucia, a quem muitos alegam poderes milagrosos.

20. Data de publicação: 1 de novembro de 2001

Edição: 15.457

Um dos túmulos mais visitados é da menina Berta Lúcia que morreu aos cinco anos em 1994, e que as pessoas dizem receber ajuda. “Eu sempre venho pedir a ela, que está pronta a atender as nossas preces. Nós sempre estamos precisando de alguma coisa e agora acabei de pedir e espero receber em dobro”, disse a aposentada Maria Odete Dalle que sempre que pode visita o túmulo da menina.

21. Data de publicação: 3 de novembro de 2001

Um dos túmulos mais visitados foi o da menina Berta Lucia, que morreu aos 5 anos em 1944, e que as pessoas dizem ser milagreira. “Todo os anos venho fazer um pedido para ela, e sempre sou atendida”, disse a aposentada Irene Silva. Irene também ressaltou que a menina já ajudou muitas pessoas com seus milagres. “Eu mesma já fui agraciada, e algumas vezes durante todo o ano venho visita-la, não é só em Finados não”, conclui.

22. Data de publicação: 3 de novembro de 2002

Edição: 15.768

Mais uma vez, o túmulo de Berta Lucia foi o mais visitado. No interior da capelinha, fotos e mensagens que revelavam as graças e milagres produzidos pela menina. Havia também inúmeros presentes, como bonecas, bichinhos de pelúcia, além de buquês de flores e mensagens escritas, revelando as graças recebidas. Regina Queiróz Ribeiro, moradora em Regente Feijó, estava acompanhada da mãe, Maria Lourdes. Após deixar uma boneca de presente para a “santa” menina, ela explicou o motivo da devoção. “Pedi a ela para que fizesse com que meu irmão, que estava no Mato Grosso do Sul, voltasse para casa e fui atendida”.

23. Data de publicação: 3 de novembro de 2005**Edição:** 16.696

A capela do túmulo de Berta Lucia, garota que morreu aos cinco anos e se tornou conhecida por milagres que alguns devotos acreditam ter recebido, estava bastante movimentada na manhã de ontem. A prima da garota, aposentada, Natalia Fonseca Martins, de 77 anos, garante que a capela é visitada não apenas no Dia de Finados. “Algumas pessoas visitam por curiosidade e outras por devoção. Mas no feriado a capela é ainda mais movimentada. Muitas pessoas passam por aqui. Fazem pedidos, agradecem e trazem flores e brinquedos”, conta. A pensionista Maria Senhorinha dos Santos declara que visitou a capela na manhã de ontem para pagar sua promessa. “Pedi para que Berta Lucia ajudasse minha neta a se recuperar de um problema de saúde e hoje ela está ótima. Sempre acreditei nos milagres da garota. Mas hoje minha fé e minha devoção são ainda maiores”, diz. A aposentada Eudócia Bueno, de 68 anos, garante também ser devota de Berta Lucia. “Já recebi muitas graças. Mas a última foi um pedido de emprego para uma neta que precisava muito”, afirma.

24. Data de publicação: 3 de novembro de 2006**Edição:** 17.007

Segundo fontes, logo que Berta Lucia foi enterrada já começaram a acontecer os milagres. Elas garantem ter um álbum contendo todos os milagres que foram realizados por ela e fotos das pessoas com o qual eles ocorreram, muitas delas até de fora do País, como Japão e Portugal.

25. Data de publicação: 3 de novembro de 2007**Edição:** 17.318

Cerca de 1,5 mil pessoas visitaram a capela da pequena Berta Lucia Fonseca, segundo o zelador do Cemitério Municipal São João Batista de Presidente Prudente. De acordo com ele, a capela da menina é sempre a mais visitada do cemitério. A irmã de Berta Lucia, Eliana Martineli, única familiar viva da menina, diz que Berta Lucia faleceu de meningite aos 3 anos e 4 meses de idade (16 de fevereiro de 1944). Desde então é tida por muitos como “milagreira”. Eliana Martineli conta que não teve a oportunidade de conhecer a irmã, que morreu em um período de 24h, com crises de vômito. Berta Lucia foi levada para um hospital, mas como na época

não existia muito recurso, não teve jeito. Porém, ela já sabia que ia morrer, pois falava que ia morar ao lado do Papai do céu. A menina desde muito pequenina, já apresentava diferenças em relação às outras crianças de sua idade. “Ela falava como adulta. Era muito inteligente para a idade que tinha”, revelou a irmã. De acordo com Martineli, os primeiros milagres que Berta Lucia intercedeu foi em sua mãe. “Depois que a mãe perdeu a filha, ela engravidou pela segunda vez e eu nasci. Eu estava deitada no colchão e de repente a panela de feijão explodiu em cima de mim. Minha mãe rezou muito e orou em nome de Berta Lucia e de Nossa Senhora alegando que não aguentaria a dor de perder mais uma filha. Não aconteceu nada comigo”, ressalta. Os milagres atribuídos a Berta Lucia vão desde localização de pessoas desaparecidas, até ajuda para mulheres que não conseguem engravidar e pessoas que buscam um emprego. “Minha irmã é um anjinho, que ajuda a todos. Mas tudo depende da nossa fé”, acredita Eliana. Segundo o zelador Souza, que trabalha há 15 anos no local, a menina já realizou “muito mais de 1 mil milagres”. “São fatos impressionantes. Muitas pessoas têm seus pedidos atendidos e depois vêm me contar. Recentemente uma mulher foi baleada e a bala não penetrou no corpo dela. Tudo por causa da sua fé em Berta Lucia” salienta. João de Souza informa que a capela da menina foi construída por um descendente de japoneses, como forma de agradecimento por Berta Lucia ter curado o homem de uma doença. “Isso foi há mais de 35 anos. E desde então, a criança ganha muitos presentes como bonecas. Hoje [ontem], por exemplo, a capela vai ficar lotada de brinquedos”, conta. De acordo com Martineli, todos os presentes são doados para instituições filantrópicas. A pensionista Terezinha Franco viajou de Carapicuíba para visitar a capela de Berta Lucia. “Minha mãe acreditava muito na criança. Por isso vim pedir proteção e paz para os que se foram”, afirma a pensionista, que perdeu sua mãe anteontem, e seu esposo na última sexta-feira. “Este é um momento delicado, e vim pedir forças para a nossa santinha”, reforça. Já a aposentada Neusa Giraldi Rodrigues até se emociona quando fala de Berta Lucia. “Meu filho vivia doente. Até os cinco anos de idade ele não saía do médico. Comecei a orar para a menina e ele nunca mais teve nada. Sofreu cinco acidentes de automóvel e nunca teve um arranhão”, enfatiza. Arcanja Pereira Napoleão afirma que visita a capela de Berta Lucia há mais de cinco anos, desde que a menina lhe ajudou a arrumar um emprego. “Estava há muito tempo desempregada. Orei muito para a criança e após três dias estava empregada em um supermercado. Foi mesmo um milagre”, avalia.

Berta Lucia também ajudou o filho da dona de casa Angélica de Oliveira a conseguir um emprego. "Foi muito rápido. Depois que fiz o pedido, meu menino logo estava empregado. Desde então, acendo velas e visito a capela sempre", conta.

26. Data de publicação: 3 de novembro de 2010

Edição: 18.246

Este ano os fiéis encontraram no interior da estrutura, um cartaz solicitando a contribuição de todos para efetivar uma doação para custear a reforma. A capela ainda está em bom estado, mas melhorias serão fundamentais para atender os fiéis. Uma nova pintura, troca do piso e revestimento seriam alguns dos itens planejados. A família da menina Berta, é muito humilde e não tem condições de arcar com a reforma. (...) Muitos, apenas visitam e rezam pedindo a intercessão de Berta Lucia para determinado pedido. A doméstica Maria de Fátima Euzébio relata que todo ano comparece na capela. "Sempre venho no feriado para fazer pedidos especiais, principalmente, relacionados à saúde. É uma tradição da minha família vir aqui que passou por mim", diz. A dona de casa Eva Albertim estava emocionada por um milagre e a lembrança da saudade da filha, sepultada em Estrela do Norte. "Hoje não consegui ir até lá, então, resolvi vir aqui como se estivesse visitando o túmulo da minha filha. Também estou agradecendo porque meu filho estava doente e foi curado, graças à menina [Berta Lucia]", enfatiza. Como publicado, Berta Lucia Fonseca, faleceu de meningite aos três anos e quatro meses de idade, no dia 16 de fevereiro de 1944. Pela crença popular muito milagres, desde então, passaram a ser atribuídos a ela. Frases em cartazes, velas, flores, brinquedos e até doces são entregues em um altar que tem sua foto. A capela foi construída por um descendente de japoneses há quase 40 anos, como forma de agradecimento pela cura de uma doença.

27. Data de publicação: 3 de novembro de 2011

Edição: 18.555

Ela já não está entre os vivos há mais de 40 anos, e mesmo assim continua presente na vida de muitas pessoas em Presidente Prudente e região. Prova disso são os mais de 1,5 mil fiéis que visitam a lápide da menina Berta Lucia, no Dia de Finados. A sepultura, além de ser uma das mais visitadas do Cemitério Municipal São João Batista, é o ponto de doações de brinquedos que alegam a vida de outras

crianças. O túmulo de Berta tem o formato de capela e passou por reformas para receber ainda melhor os devotos da menina. Berta Lucia faleceu aos cinco anos de idade, em 1944, vítima de meningite. Apesar de não se reconhecer pela igreja católica como santa, muitos acreditam nas graças realizadas.

O aposentado Lourival Faustino de Jesus, 72 anos, acredita que Berta Lucia realiza milagres e no Dia de Finados é tradição visitar o túmulo. “Enquanto eu tiver vida e saúde não deixarei de passar por aqui e fazer minhas orações e pedir saúde e paz”. A irmã da menina, Eliana Galvão Martineli, 58 anos, passa o Dia de Finados catalogando pedidos de graças, nomes dos visitantes e recebendo os presentes que depois serão repassados às crianças carentes. “Todos esses brinquedos são doados. Não temos um local específico para entregar. Depois de arrecadar vamos distribuindo para quem vemos que precisa. Hoje é um dia de muita alegria, devoção e fé. Fico imensamente feliz ao ver que as pessoas acreditam Berta Lucia como intercessora do poder de Deus”, diz. Sobre as graças mais solicitadas pelos visitantes, Martineli revela que saúde e emprego lideram a lista de pedidos. “As pessoas pedem a cura quando são surpreendidas por alguma doença mais grave”, pontuou.

Em dias comuns o local também é frequentado constantemente, como contou o zelador da capela João de Souza, 66 anos. “Mesmo quando não é Dia de Finados as pessoas sempre passam por aqui. As visitas e orações são realizadas o ano todo”, conta. Mesmo que não acredita na santidade e nos milagres de Berta Lucia faz questão de passar na lápide. “Eu particularmente não acredito em milagres, mas de vez em quando passo por aqui, pois minha mãe conhecia a menina, inclusive morou perto da casa dela”, revela Ana Rosa Nóbrega.

Acreditando ou não nos milagres da menina, fato é que a tradição e sua santidade de Berta Lucia já ultrapassa os limites do oeste paulista. Segundo o jornalista Altino Correia, 77 anos, ele próprio já produziu matérias para jornais de circulação nacional sobre o assunto. Na data, Correia esteve na lápide para registrar os acontecimentos e também fazer uma visita. “Fico sensibilizado em saber que a chama da fé continua acesa”, finalizou.

28. Data de publicação: 3 de novembro de 2012

Edição: 18.867

Com bonecas e diversos brinquedos de meninas, fiéis compareceram à capela da Berta Lucia para agradecer algum milagre alcançado. Conforme o cuidador do túmulo, João de Souza, 56 anos, que há quase quatro décadas monitora o local, a expectativa era de que até o final das visitas, pelo menos 8 mil pessoas passassem por lá. O cuidador conta que a menina faleceu em 1944 por conta de uma meningite. “Pouco tempo depois, um homem fez um pedido à criança e logo foi atendido. Para agradecer construiu a capela que, desde então, passou a receber constantes visitas”, pontua. De acordo com ele, filas são formadas, na esperança de ter um pedido atendido. “Depois que conseguem o que pediram, as pessoas voltam com presentes”, comenta. Souza relata que a movimentação é tão intensa que não é possível mensurar a quantidade de graças já atendidas pela “santa popular”. “Mas, sei que são muitas, porque é grande a quantidade de brinquedos entregues. Normalmente, as pessoas pedem por saúde e quando são atendidas pagam a promessa todos os anos trazendo bonecas e outras peças”, diz.

29. Data de publicação: 3 de novembro de 2013

Edição: 19.178

Tradição de todo ano na época de Finados é a movimentação de pessoas em torno da capela onde está enterrada a menina Berta Lucia, uma criança prudentina falecida há 69 anos, que os devotos acreditam ser uma santa que realiza milagres. O responsável pelos cuidados da capela, João de Souza, fala que o primeiro milagre que ela teria realizado foi há muitos anos. “Não me lembro quando, mas há muito tempo um senhor, com sérios problemas de saúde, veio ao túmulo da menina e fez um pedido, e segundo o que o povo fala, ele foi atendido. Desde então, essa informação foi passada de boca em boca e hoje muitos acreditam que ela é realmente uma santa, pois já realizou não só esse, mas muitos pedidos”, conta. Segunda Souza, pessoas de toda região e de outros Estados frequentam o local para fazerem pedidos. Devotos que acreditam na história têm o costume de levar brinquedos, como bonecas, até o túmulo da menina quando são atendidos. A aposentada Minalda Roma Rosa sempre vai à capela para fazer pedidos e agradecer os realizados para levar lembranças à menina. “Ano passado eu pedi por um amigo meu que passasse no vestibular e meu pedido foi atendido, hoje ele já

está cursando a faculdade. Logo após a graça alcançada, eu pedi pra ele me dar um presente pra trazer ao túmulo da Berta para agradecer”, conta a devota que frequenta o local e diz sempre ser atendida, pois tem “uma saúde de ouro”. A devota Regina Rita da Silva Santos vai à capela todos os anos e reza pelas crianças. “Desde pequena eu ouço sobre a história dela e todo ano venho para rezar por todas as crianças e jovens, pois hoje se ouve tantas coisas ruins que acontecem com elas, que precisamos sempre estar velando pelos seus cuidados e eu acredito que a santa possa atender meus pedidos”, relata.

30. Data de publicação: 3 de novembro de 2015

Edição: 19.795

O famoso jazigo de Berta Lúcia, mais uma vez, reuniu milhares de pessoas que estiveram no local para pedir bênçãos e agradecer pelos milagres, com flores e brinquedos. Falecida ainda criança, em 1944, vítima de meningite, ela é considerada santa por devotos de toda a região, embora a Igreja Católica não reconheça sua santidade. Segundo o Zelador do túmulo, João de Souza, os presentes são recolhidos e doados para entidades carentes da cidade.

De acordo com os devotos, Berta Lúcia já salvou vidas e curou doenças. A autônoma Aldanira Santos, 52, diz que já teve diversos pedidos atendidos pelo espírito da garota. “Ela atende qualquer tipo de desejo, mas geralmente, as pessoas pedem para auxiliar nas questões da saúde, conquistar trabalho, ou resolver aquele problema que tem incomodado”, explica.

Dirce Alves, 49, vendedora, também foi até o cemitério visitar o túmulo de parentes, mas antes de ir embora, passou pelo jazigo de Berta Lúcia para fazer uma prece. “É uma tradição, uma questão de fé”, conclui.

31. Data de publicação: 3 de novembro de 2016

Edição: 20.105

Capela de Berta Lucia é uma das mais visitadas

Há 72 anos, um dos pontos mais visitados no Dia de finados no Cemitério Municipal São João Batista, com cerca de 15 mil pessoas, é o túmulo da menina Berta Lúcia, que nasceu em 15 de novembro de 1939 vindo a falecer em 1944, após uma forte febre acompanhada de vômito e o diagnóstico de meningite. Muitas pessoas acreditam que ela seja como santa, e de acordo com sua irmã Eliana Galvão

Martinelli, 63 anos, estão levantando testemunhos de graças recebidas para preparação de documentação e pedido de beatificação. Como sempre durante todo o dia filas se formaram para entrar no local em que fiéis demonstram sua fé e devoção.

Como explica a irmã, foi assim que tudo começou. Quando ela nasceu, Berta já havia falecido, mas a mãe sempre lhe contava que como a menina era uma criança de bom coração. E que ela intercedeu por sua vida quando sofrera um acidente doméstico.

“Mamãe disse que certo dia eu estava deitada em um colchãozinho, na cozinha, quando a panela de feijão explodiu e fiquei coberta por todo o líquido e grãos. Desesperada, ela clamou por Nossa Senhora Aparecida e por Berta, pedindo que intercedessem junto a Jesus Cristo por mim. Quando me lavaram, nenhuma marca existia em meu corpo, sequer uma manchinha vermelha”, exclama Eliana.

A luz do céu

A irmã de Berta conta que três dias antes da garotinha falecer, ela disse a mãe que estava indo a Jesus Cristo em busca de, ao seu lado, olhar por aqueles que eram movidos pela fé. “É o que cremos, e o que essas pessoas que acreditam no poder da fé e de oração entendem. Berta foi para Jesus. Ela voltou ao Pai”, denota Eliana. Funcionária pública, Vânia Passareli assim acredita. “Há muitos anos venho visitar a capela. Todas as vezes que oro lhe pedindo qualquer coisa, fui atendida. Estou aqui com minhas filhas, para que elas sigam e tenham essa fé em seus corações”, frisa a funcionária pública.

Saindo da capelinha, a aposentada Lina Rosa da Costa, 71 anos se mostrava emocionada “O poder da fé move montanhas. Se cremos no amor de Deus e em seu poder, tudo é possível”, enfatizou dona Lina.

REPORTAGENS VEICULADAS EM *OESTE NOTÍCIAS* (DE 1995 A 2012)

1. Data de publicação: 1 de novembro de 1995

Edição: 269

No túmulo de Berta, visitas aguardam milagres e bênçãos

O cemitério da Saudade de Presidente Prudente guarda além de histórias tristes, esperanças. Milhares de devotos visitam o túmulo da menina Berta Lúcia Galvão, sobre tudo no feriado de Finados, em busca de milagres. A fama de milagreira se espalhou por causa da mãe, Ana Fonseca de Oliveira, que contou que contou o primeiro milagre.

“Foi uma panela de pressão, que estourou na minha outra filha, Eliana, que tinha oito meses. Arrastei-a pela mão, e invoquei o nome de Berta para que não permitisse que eu perdesse outra filha. Só passei água e ela não teve nenhuma queimadura”, conta. Ela já contabilizou milhares de milagres atribuídos à filha, que morreu de meningite, quando tinha quatro anos.

De lá para cá, até um estrangeiro, que sarou de uma doença incurável ao pedir ao retrato da menina, já visitou o túmulo de Berta Lúcia. “Ano passado ele esteve aqui”, conta a mãe, que chegou a receber uma camionete cheia de bonecas presenteadas à filha, da prefeitura de Mirante do Paranapanema.

Dona Joventina Borges de Oliveira, 78, se diz testemunha do poder milagreiro de Berta Lúcia.

Quase cega há oito anos, Joventina hoje consegue enxergar bem, desde que começou a lavar os olhos com a “água benta” de Berta (um aparador e água com torneira, ao lado do túmulo). “Todos meus pedidos foram aceitos. Ela atende a todos. Para mim, é um anjo”.

2. Data de publicação: 3 de novembro de 1995

Edição: 271

Os pontos mais movimentados foram o cruzeiro, túmulo de Berta Lúcia e portaria. No túmulo de Berta Lúcia as pessoas formavam fila. Muitas traziam presentes, flores e velas. No interior da capela, Ana Fonseca de Oliveira, 80, mãe da menina morta, recebia os presentes e conversava com as pessoas. Ela oferecia fitinhas de cetim, balas e rosas. “Eu providencio as fitinhas todos os anos, hoje foram 300 metros. As pessoas gostam de carregá-las no peito ou guardar. Com as rosas fazem chás,

tomam banhos, são para livrar de algum mal. Hoje um senhor trouxe mil rosas para os visitantes e para enfeitar a capela. Ele deve ter alcançado alguma graça”, informou. Bonecas, flores, dinheiro, brinquedos, entre outras oferendas, estavam na capela. “Os presentes são distribuídos para adultos e crianças carentes. Eu não fico com nenhum em casa”, afirmou Ana. Ao lado do túmulo as pessoas bebem água e passam no rosto. Roseli Ferreira, 36, auxiliar de montagem, aguardava na fila para visitar a capela. “Há cinco anos, trago uma boneca por causa de uma graça obtida”, ressaltou. Cristina Guileti, 33, comerciante, disse que todas as segundas-feiras visita a capela. “Ela me concedeu uma graça, então trago presentes como bonecas, refrigerantes, roupas e brinquedos”, explicou.

3. Data de publicação: 3 de novembro de 1996

Edição: 637

O túmulo mais procurado foi o de Berta Lúcia que morreu aos 5 anos de idade e que, segundo muitas pessoas, realiza milagres. Dejanira Melo Lopes, 56, mora em Prudente há 10 anos e ontem foi pela primeira vez visitar o local onde a menina foi enterrada. “Vim porque minha nora estava muito curiosa”.

4. Data de publicação: 1 de novembro de 1997

Edição: 951

Dos 11.650 túmulos existentes no São João Batista, o da menina Berta Lúcia é o mais visitado. Muitas pessoas atribuem a ela a autoria de milagres. A cabelereira Dirce Gonçalves 47, disse que ontem foi ao túmulo de Berta Lúcia pedir uma graça estimulada pelo depoimento de várias pessoas que já alcançaram milagres através dela. “Nunca deixo de visitar o túmulo dela quando venho ao cemitério rever o local onde meus familiares e amigos foram enterrados”, declarou Dirce. A dona-de-casa Odete Rodrigues, 54, faz a mesma coisa, no entanto, sem qualquer tipo de crença. “Venho aqui porque todo mundo vem. É uma questão de hábito”, afirmou. De acordo com os visitantes Berta Lúcia morreu com câncer em 1944 aos cinco anos de idade. Alguns anos depois, surgiram os primeiros boatos que ela era milagreira. Desde então, centenas de pessoas procuraram pelo lugar onde foi enterrada em busca de auxílio para uma causa difícil. “Acho que ela é um espírito de luz”, definiu Dirce.

5. Data de publicação: 2 de novembro de 1997**Edição:** 952

Túmulo de Berta Lúcia recebe visitas

Ontem, véspera de Finados, muitos prudentinos visitaram o cemitério São João Batista de Presidente Prudente.

No período da manhã, flores, velas e presente foram entregues a Natalia Fonseca Martins, sobrinha de Ana Fonseca de Oliveira, mãe de Berta Lúcia, que faleceu em 1944, considerada milagreira. As oferendas foram doadas para pagam promessas ou pedir graças a Berta Lúcia.

“As pessoas me perguntam sobre dona Ana, que todos os anos está aqui para receber as oferendas, mas pela primeira vez ela deixou de vir, está internada há 9 dias, pois teve um derrame”, lamentou.

A prima de Berta Lúcia salientou que todos os brinquedos são entregues em creches. “A mãe dela sempre ajudou crianças doando os presentes que recebe”.

Na capela de Berta Lúcia muitas pessoas rezavam e entregavam vasos de flores, bonecas e acendiam velas. “Todos os anos rezo para ela porque tenho fé, já alcancei graça”, revelou Basília Rosa de Souza Lima.

Maria Rosa de Souza Também foi levar flores e velas na capela da menina. “Eu vim pagar minha promessa, pois fui atendida no meu pedido.

6. Data de publicação: 31 de outubro de 1998

Berta Lúcia tem legião de “devotos”

No cemitério São João Batista, de Presidente Prudente, o túmulo recorde de visitas é de uma menina que morreu aos cinco anos de idade, há 54 anos.

O nome da criança é Berta Lúcia, considerada santa por realizar diversos milagres nesses 54 anos.

Diariamente, o túmulo da menina recebe visita de cerca de 200 pessoas, segundo cálculos do irmão Roberto. No dia de finados, esse número é incalculável. “Formam-se filas durante todo o dia para passa em frente ao túmulo dela”, disse Roberto.

“Eu venho sempre que posso”, falou a empregada Maria Lúcia Alves de Souza, 55, que conta ser devota há muito tempo e ter recebido diversas graças da “santa”.

Nos momentos de maior dificuldade, ela conta que sempre recorre à santa, que nunca decepciona. “Quando tem uma briga família briga na família, as pessoas

estão exaltadas e parece que vai terminar muito mal, eu rezo pedindo para ela e as pessoas se acalmam”, falou.

Para a professora aposentada Edna Gonçalves Drimel, 51, “é uma coisa que tem que acreditar”. Ela também já fez vários pedidos e sempre foi atendida por Berta Lúcia. “A gente alcança bastante graça”, confirma.

Edna conta que a mãe de Berta Lúcia, Diana Fonseca de Oliveira, Através da filha, adquiriu o poder da cura e da realização de milagres. Segundo ela, Diana benze as crianças e as doenças são curadas com rapidez surpreendente.

Como tudo começou ninguém sabe ao certo. O que se sabe é que a menina morreu em 1944, de difteria, uma doença provocada por bactérias que atacam a laringe da criança, formando placas que comprimem a garganta e evitam a respiração, levando à morte.

As pessoas começaram a fazer pedidos para a menina e as coisas começaram a acontecer. A notícia correu rapidamente e mais pessoas diziam ter sido beneficiadas com os milagres de Berta Lúcia.

Atualmente, ela é considerada uma santa e recebe a visita e o respeito de milhares de católicos que acreditam na realização dos milagres.

FÉ NA MENINA INSPIRA EMPRESÁRIO DE PRUDENTE

A fama da santidade de Berta Lúcia inspirou o empresário Mario José Caseiro, 34, a batizar sua selaria com o nome da suposta santa, em 1980.

“Meu pai já era devoto há muito tempo. Acredito que ela está sempre conosco, nos protegendo”, disse Mario, que se livrou recentemente de um golpe de estelionato e atribuiu a sorte à proteção da santa.

De família católica, Mario não é devoto apenas de Berta Lúcia, mas também de Nossa Senhora de Fátima e Jesus Cristo, como mostram os quadros na parede de sua empresa. “A fé tem que ser constante. Se for assim, ela vai estar junto da gente sempre”.

Para a auxiliar de escrita fiscal Rosa Neide Venturini, 35, o emprego que tem hoje foi uma graça de Berta Lúcia. “Há quatro anos fiz o pedido e arrumei o trabalho logo em seguida”, fala.

Quando estudava também recebeu uma graça. “Estava com umas notas ruins, quase repetindo o ano. Aí pedi para Berta me ajudar e prometi levar uma boneca”.

A boneca só não está mais no túmulo porque a irmã de Berta Lúcia, Eliane, doa as dezenas de brinquedos que são deixados no túmulo da menina para entidades assistenciais da cidade.

Além de brinquedos, o túmulo recebe cartas de pedidos e agradecimentos aos milagres conseguidos. Os documentos são arquivados pela família.

CANONIZAÇÃO DEMORA MAIS DE ANOS

Pelas regras da igreja católica, uma pessoa que já morreu só pode ser considerada santa se for canonizada e ter a santidade autorizada pelo Vaticano, Itália. Segundo o padre Tuti, da paróquia Maristela, o processo de canonização leva mais de dez anos para ser autorizado.

Ele disse que o pedido tem que partir de uma entidade religiosa ou da própria igreja, que realiza um minucioso estudo sobre o caso e busca a comprovação dos milagres pós morte.

7. Data de publicação: 3 de novembro de 1999

Edição: 1.578

Túmulo de Berta Lúcia recebe muitos presentes

Os que foram lembrar de parentes e amigos, não se esqueceram de visitar o túmulo de Berta Lúcia, localizado próximo ao 4º portão do cemitério, na Avenida da Saudade.

Ela morrera em 1944, vítima de meningite, com apenas cinco anos de idade. A devoção à menina é devido a crença de que ela concede pedidos. Todos os anos, a capela onde está enterrada recebe centenas de bonecas que são doadas depois pela família a entidades assistenciais da cidade. Cada um dos brinquedos representa um agradecimento. A estudante Renta Rodrigues Ribeiro, 22, esteve ontem de manhã para levar uma boneca ao túmulo de Berta Lúcia, como gesto de carinho pela graça alcançada.

“Há um ano minha mãe pediu para que eu sarasse da epilepsia. Desde então, nunca mais tive uma crise causada pela doença. Sou muito grata e estou pagando uma promessa”, revelou Renata Ribeiro.

A comerciante Maria Aparecida de Souza, 58, também levou uma boneca até a capela de Berta Lúcia. Ela diz que há muito tempo já repete o feito. “Tenho muita fé nela. A Berta Lúcia é maravilhosa e sempre olha pelas minhas causas”, disse.

8. Data de publicação: 2 de novembro de 2000**Edição:** 1.889

Berta Lúcia recebe doações na véspera

Filha de Ana Fonseca de Oliveira e Evangelista Galvão de Oliveira, Berta Lúcia morreu quando tinha quatro anos, consequência de uma doença na garganta. Seu irmão, que prefere ser identificado apenas como Roberto, explica que a menina não foi enterrada no túmulo onde está hoje. “Ela foi enterrada no antigo cemitério, onde fica atualmente o Terminal Rodoviário. Depois o túmulo foi transferido para o cemitério São João Batista, na frente do cruzeiro central. Nesta época, muitas pessoas já recebiam os milagres de Berta Lúcia, então, decidiram construir a capela, que permanece até os dias de hoje”, explica o irmão.

Ele conta que só no Dia de Finados são deixadas na capela cerca de 300 bonecas, além de flores e dinheiro. “Nós sempre doamos o dinheiro para os mais necessitados. Minha mãe recebe dezenas de cestas básicas por mês, que também são doadas. São muitas pessoas que conseguem alcançar graças após pedir para Berta Lúcia, inclusive eu”, diz Roberto.

Para ele a irmã é mesmo milagreira porque sempre consegue o que pede. “Em todos os períodos difíceis da minha vida peço ajuda a Berta Lúcia e sempre consigo o que eu quero”, frisa o irmão.

As irmãs Sandra e Selma Suniga, que na tarde de ontem estavam no cemitério, contam que todos os anos visitam o túmulo da menina em função de uma graça recebida. “Esse ano trouxe minha filha para conhecer o túmulo. Sempre trago brinquedos e acendo velas para Berta Lúcia, por ter alcançado várias graças”, disse Sandra.

9. Data de publicação: 3 de novembro de 2000**Edição:** 1.890

Túmulo de Berta Lucia teve fila ontem

Como em todos os anos, o túmulo mais visitado no cemitério São João Batista é o da menina Berta Lúcia, que morreu ainda criança, aos quatro anos de idade, vítima de meningite. Desde então a menina é considerada milagreira, pelos fiéis.

Berta Lúcia não foi canonizada pela Igreja Católica, mas em Prudente e região ela é considerada santa milagreira. Segundo as pessoas que estavam ontem no jazigo, suas preces são atendidas.

Muitos devotos passaram pelo túmulo de Berta Lúcia, desde a véspera do feriado de Finados, as pessoas queimavam velas e levavam nas mãos presente, como bonecas e flores, onde por volta das 10h, faziam fila para depositar suas oferendas, fazendo preces e agradecendo conquistas, considerando um ato milagreiro da menina.

Familiares de Berta Lúcia organizavam as pessoas para que todos pudessem ver os retratos, as bonecas e declarações que, agraciados, deixaram cartas no túmulo.

“Sempre rezo por ela, para receber proteção e bênçãos”, Maria Dalpério Spaconi, 56, dona de casa que há algum tempo rezava para Berta Lúcia.

10. Data de publicação: 2 de novembro de 2001

Edição: 2.194

Conhecida como milagreira, Berta faleceu no dia 16 de fevereiro de 1944, vítima de meningite, estava com 3 anos e 4 meses. Segundo uma de suas irmãs, a professora Eliana Galvão Martinelli, são muitas as graças por pessoas que relatam os conhecimentos. O primeiro ocorreu com uma vizinha à procura do filho desaparecido. “Minha teve uma intuição, fez o pedido e o menino reapareceu”. Eliana conta que também recebeu milagres de Berta Lúcia. “Minha mãe fala que quando eu era bebê, a panela de pressão explodiu perto de mim e nada ocorreu. No momento que minha mãe disse que pediu para que Berta intercedesse”. Quando Berta Lúcia morreu foi enterrada no cemitério que ficava localizado onde hoje é o terminal rodoviário. “Com a construção do cemitério São João Batista, seu corpo foi transferido para lá”, conta Eliana. A mãe de Berta, Ana Fonseca tem 85 anos e o pai é falecido.

11. Data de publicação: 3 de novembro de 2002

Edição: 2.503

Túmulo de Berta Lucia é o mais visitado

Durante todo o dia de ontem, como acontece todos os anos no Dia de Finados, pessoas fizeram filas para visitar o túmulo da menina Berta Lúcia que morreu de meningite aos quatro anos em 1944. Segundo a prima de Berta Lúcia, Natália Fonseca Martins, 78, o movimento é grande de pessoas querendo visitar e trazer brinquedos. “Quem passa por aqui é por curiosidade ou mesmo pagar promessa. O que nós da família sabemos é que um japonês fez um pedido para Berta Lúcia e foi

atendido, a partir daí as pessoas começaram a fazer pedidos, acreditando que ela concede graça. No Dia de Finados as pessoas vêm agradecer”, afirma.

A dona de casa, Sebastiana Conceição Martins, não sabe a causa da morte da menina, mas todo ano no Dia de Finados, visita o túmulo. O aposentado José Lopes de Oliveira, 79, todo ano visita o túmulo de Berta Lúcia. “Dessa vez trouxe uma boneca para pagar uma promessa”, afirma. De acordo com a prima de Berta, os brinquedos são doados para crianças de algumas creches.

12. Data de publicação: 3 de novembro de 2005

Edição: 3.427

Crença atrai pessoas ao túmulo de Berta Lúcia

Milhares de pessoas passam pelos cemitérios de Presidente Prudente para homenagear seus mortos. Porém, o túmulo da menina Berta Lúcia, morta aos 5 anos em 16 de fevereiro de 1944, vítima de meningite, continua sendo um dos jazigos mais visitados. O motivo seria pela crença em milagres realizados pela menina. Algumas pessoas como a dona de casa, Irene Alvina de Oliveira, acredita ter sido curado de uma doença no intestino por Berta Lúcia”. Pedia a ela que me ajudasse e ela me ajudou. Não sinto mais nada há 20 anos, por isso venho agradecer-lá. Fiéis acreditam ainda que a água que sai de uma torneira, localizada ao lado do jazigo da menina teria poderes de cura.

Na capela onde fica o túmulo de Berta Lúcia, as pessoas depositaram oferendas, como brinquedos, roupas infantis e guloseimas, em demonstração de fé. Itens este, que são doados posteriormente a entidades filantrópicas da cidade pela família.

13. Data de publicação: 3 de novembro de 2006

Edição: 3.736

Túmulo de Berta Lúcia é destaque

Como normalmente é esperado, a sepultura de Berta Lúcia Fonseca, que faleceu com quatro anos em 16/02/1944 de meningite, é sempre muito visitada e cheia de presentes. Considerada santa por muitas pessoas, a sepultura recebe em dias normais mais de 30 visitas. No Dia de Finados mais de 500. “Depois que a mãe da Berta faleceu há três anos eu passei a cuidar daqui. Nossa família considera muito bonita a aproximação e o carinho das pessoas, é sinal de fé”, diz emocionada a prima da menina, Natalina Fonseca Martins, 82.

A dona de casa, Mirim Aiko Yoshiro, moradora de Tupã, visita o túmulo há 30 anos. Para ela, visitar o jazigo da menina faz parte da tradição de sua família. “Muitas graças foram alcançadas por meus familiares, graças a ela, principalmente na área da saúde. Tenho fé, Berta realmente opera milagres”, conta.

14. Data de publicação: 3 de novembro de 2009

Edição: 4.669

Túmulo de Berta Lucia é o mais visitado

Todos os anos uma das sepulturas mais visitadas no cemitério municipal São João Batista é o da menina Berta Lúcia. E este ano não foi diferente. De acordo com o encarregado geral do cemitério, Carlos Alberto Lima, cerca de oito a dez mil pessoas visitaram o túmulo. Berta Lúcia faleceu aos cinco anos de idade, em 1944, vítima de meningite. Possui devotos de toda a região, embora a igreja católica não reconheça sua santidade.

Desde sábado, milhares de pessoas formam uma fila em frente a capela onde seu corpo está sepultado. Depositam flores e bonecas em forma de agradecimento a pedidos alcançados.

Pessoas como o aposentado Alexandre Martinez, 77, vão todo ano ao cemitério agradecer à Berta Lúcia. “Há 60 anos eu sou devoto e Berta Lúcia, sobrevivi há três desastres de trânsito sem nenhum arranhão, então todos os anos eu agradeço a Deus em primeiro lugar e, em segundo à Berta Lúcia”, afirma.

15. Data de publicação: 3 de novembro de 2010

Edição: 4.977

Túmulo de Berta Lúcia é um dos mais visitados

Todos os anos uma das sepulturas mais visitadas no cemitério municipal São João Batista é a da menina Berta Lúcia. Este ano, desde o final de semana milhares de pessoas formam filas em frente à capela onde seu corpo está sepultado para agradecer as bênçãos alcançadas e renovar seus pedidos. Em agradecimento muitos depositam flores e bonecas.

Acompanhada do marido e dos filhos, Renata Palmeira visita o túmulo de Berta Lúcia. Ela foi levar uma boneca e agradecer pelos milagres realizados em sua vida. Rena conta ter tido uma gravidez de risco e após pedir a intervenção da menina conseguiu gerar filho que nasceu saudável.

Berta Lúcia Faleceu aos cinco anos de idade, em 1944, vítima de meningite. Possui devotos em toda a região, embora a Igreja Católica não reconheça sua santidade. Conforme o zelador João de Souza, responsável pela manutenção da sepultura, todos os anos mais de mil pessoas visitam o túmulo.

16. Data de publicação: 3 de novembro de 2012

Edição: 5.602

E como acontece todos os anos, o túmulo de Berta Lúcia, criança que morreu aos cinco anos, em 1944, lotado de bonecas, vira um ponto de peregrinação. Entre quem acredite em seus milagres e aquelas que não conhecem sua história, o local do seu sepultamento atrai milhares de pessoas, não apenas no dia consagrado aos mortos.

ANEXO B
ENTREVISTAS (EM ORDEM CRONOLÓGICA)

ENTREVISTA: Eliana Galvão Martinelli (1)

JUSTIFICATIVA: Irmã de Berta Lucia

DATA: 16/10/2016

Dona Eliana, a sua mãe veio de Cataguases, Minas Gerais?

Acho que não é bem Cataguases, é Miraí. Pertence a Cataguases. Foi onde ela nasceu. Daí ela veio para cá, era uma pessoa com bastante dificuldade. Ela trabalhava de doméstica, levava a Berta junto. E a Berta tinha um gatinho preto, ela gostava muito dele. Então elas iam para o serviço cedo, chegavam à noite. Então era bem difícil, como para todo mundo até hoje.

A senhora era a irmã mais nova dela?

Não. Tinha o meu irmão mais velho.

Vocês eram em três?

Éramos em três. Apesar de que eu e meu irmão somos do segundo casamento, porque minha mãe veio com ela para cá, ela conheceu o meu pai, agora os dois são falecidos também, e foi nesse segundo casamento que nasceram meu irmão e eu. E eu não cheguei a conhecer a Berta porque minha mãe ficou um bom tempo aqui com ela, viúva, trabalhando, com minha avó... Então quando ela [Berta Lucia] faleceu, foi do jeitinho que ela está no pôster. Aos três anos e quatro meses. Ela era uma criança superativa e então ela faleceu em 1944 e meu pai a tinha como filha também, porque meu pai e minhas primas conheceram a Berta. Daí ela faleceu...

É uma dúvida que a gente tem. Ela faleceu da doença [meningite], certo?

Minha mãe em 24 horas perdeu ela. Começou com uma febre, vômito... E uns dias antes, ela falou para a minha mãe: "olha, mamãe, eu já perdi o papai, que agora está lá no céu e eu vou também junto dele". Então ela tinha isso em mente, que o tempo dela já tinha dado aqui, que ela ia partir. E justo quando ela ficou com essa febre, minha mãe ficou desesperada, porque naquela época não tinha tanto recurso quanto agora. Levou no pediatra e tudo, mas não teve como... Eu acho que tinha que ser o momento dela, né? Não teve jeito de salvar. Daí ela faleceu, ela foi sepultada no cemitério onde é a rodoviária agora. Ela ficou um bom tempo ali e depois foi tirada de lá e transferida para o São João Batista. Daí ela ganhou onde é

o cruzeiro, um pedacinho de terra para minha mãe poder levar os ossinhos dela lá e, até então, minha mãe tinha uma mecha de cabelinho dela que ficou, porque ela era muito linda, ela era um anjinho muito lindo. E depois de lá, onde é o São João agora, ela ganhou aquele terreno que é onde ela está. Foi construído tudo a capela de graça. O meu único erro foi não ter pego, por escrito, as graças recebidas. Eu sei que foi uma família japonesa que deu, que doou aquele pedacinho de terra. Então essa é a parte que eu sei um pouco. Eu não sei muito, porque não convivi, quem saberia melhor seria a minha prima.

Ela é daqui de Prudente?

Ela é. Não sei a respeito das graças, mas ela deve saber mais da vida deles. Ela ainda fala que é a filha de criação dos meus pais, porque ela participou da infância da Berta até três anos. De bebezinho até aí. Ela ainda está viva, meio adoentada, mas viva. Agora de milagres, o que eu sei é de quando eu era bebezinho, que minha mãe colocava aqueles colchonetes, que faziam antigamente, e me colocou deitadinha. Eu já estava começando a engatinhar. E colocou o feijão para cozinhar e a panela explodiu. No que explodiu, ela veio em cima de mim e me cobriu. Eu era miudinha, porque eu nasci muito pequenininha, e minha mãe já veio e gritou para a minha madrinha, que morava do lado, era naquelas casinhas da Fepasa ali. Daí minha mãe gritou por Nossa Senhora de Aparecida e gritou por ela [Berta Lucia]: “ô, minha filha Berta Lucia, Deus já te levou, não deixe que nada aconteça com sua irmã, eu não aguento ficar sem mais um!”. Aí minha madrinha já chegou, no desespero, e disse “calma, comadre! Calma, comadre! Porque não vai acontecer nada”. E aí que começou a me puxar, toda coberta de feijão, e ao me limpar, me colocar debaixo da água, lavando, eu não tinha uma bolha. Essa foi uma das graças. Eu tenho muitos recados e a minha intenção é de levar isso a um processo. Dizem que tinha um vizinho que morava nessa mesma colônia do prédio, chamava-se Marcos, e ele saiu de casa e os pais ficaram desesperados. Aí eles pediram para a minha mãe, que era uma pessoa maravilhosa, orar para que pudessem localizar o Marcos. E a minha mãe tinha aquele dom e ela sentia a Berta desde quando ela partiu e que aconteceu isso comigo, ela sentiu que a Berta era um anjinho e que ela estava ali. E ela disse: “ele vai dar notícias daqui a pouquinho. Vamos fazer oração, vamos pedir para a Berta Lucia que ela vai trazer uma notícia dele o mais rápido possível”. E, graças a Deus primeiramente, ele ligou. E já fazia uns dois ou três dias

que ele havia sumido e ela naquela angústia procurando. E tem uma série de histórias, de tudo o que falam. O que faz é a sua fé, sua confiança, porque ela é um anjinho que intercede a Deus.

Vocês todos são católicos?

Somos. Só que a minha mãe tinha um dom. Ela falava alguma coisa para você e acontecia. Ela benzia crianças e adultos. Tinha bastante. Tinha estudantes que iam lá e minha mãe fazia oração para eles. Tudo por intercessão a ela, o anjinho Berta Lucia e Deus, que é maior do que todos. Mas ela era muito querida... Então era estudante que ia para a medicina... Ela tinha força, era um dom que Deus deu para ela, muito forte e muito bom. E o que ela falava você podia escrever, que acontecia. Mas ela era católica. Tinha aquela fita de Maria, frequentava igreja, nós fomos batizados, inclusive a Berta, tinha os padrinhos, tudo certinho. Mas ela [Berta Lucia] teve uma passagem muito rápida aqui, que acho que Deus quis ela para poder interceder a Ele, para ajudar muitíssima gente, porque você sabe de histórias para fora do país.

Você chegou a conviver muito com a sua mãe?

Convivi. Completei 63 anos. A mãe faleceu em 2003, aos 87 anos. E meu pai aos 90 e ia completar 91. Eu tenho até um álbum dos anos anteriores que minha mãe começou, depois eu dei continuidade, mas parei. Eu deveria ter continuado. Então tem bastante fotos; tem de animais, de pessoas que pediram e foram curadas, de nenéns, tem cartinhas; alguns escreveram no verso. E eu quero também, agora nos Finados, pegar bastante depoimento para dar andamento, porque acho que tem que ir com o bispo para ver sobre o processo de beatificação.

A senhora conhece muitas pessoas com o nome da Berta Lucia?

Era isso o que eu ia dizer. E são graças. Eu tenho um casal, que nós fomos convidados a participar do ECC, Encontro de Casais com Cristo, da turma da Santa Rita de Cássia e, nessa turma nossa, tinha um casal que a mulher tinha o nome de Berta Lucia. Daí me interessou e a gente conversando, porque ficamos muitos dias ali, daí ela falou que a mãe dela não engravidava, então a mãe foi lá e fez o pedido para ela [Berta Lucia], que se engravidasse e fosse menina, receberia o nome de

Berta Lucia. E ela assim conseguiu, correu tudo bem e ela pôs o nome de Berta Lucia. Então tem várias e os nomes delas foram todas graças recebidas.

Todo mundo a presenteia com bonecas. Eu procurei saber e disseram que o motivo disso foi porque ela tinha ficado doente por causa de uma boneca.

É, essa história saiu. E deixa eu te falar, tem uns dois anos faleceu uma senhora que se dizia mãe dela [Berta Lucia]. Eu não tenho certeza, mas acho que foi ela que saiu com essa história. Tá certo que, como eu disse, no início minha mãe tinha bastante dificuldade, mas o cunhado, que era tio da Berta, casado com uma irmã da minha mãe, eles tinham mais condições. Então eles davam tudo o que ela pedia, e ela adorava guaraná. Até na quarta-feira, chegou um casal com uma latinha de guaraná falando “eu posso colocar o guaraná lá no altar dela?” e eu falei que podia. Então a moça entrou e colocou. Quando começou a febre, ela pediu pelo guaraná para minha mãe, daí ela [Ana] pediu para esse cunhado que saiu correndo e foi buscar. Mas essa história aí acho que foi inventada. É popular, eu não tenho conhecimento dela. E diz que essa senhora tinha um quarto bem grande, enorme, até o teto de bonecas. Então, até na época a minha mãe ainda era viva, aí eu disse para deixar isso de lado. Se ela estiver fazendo o bem, tudo bem! Ainda teve uma sobrinha minha que disse: “ah, tia, mas não é justo isso!”. E eu disse: “ah, filha, eu só não quero que ela parte para o lado ruim”. Porque ela [Berta Lucia] é um anjinho, uma pessoa de Deus, nós somos todos do lado bom, não tem nada de complicado e o que é de Deus é perfeito. Mas faz uns dois anos que eu soube que ela faleceu. E eu soube desse boato, foi um tempo que até a gente queria saber se era ela mesmo que estava soltando esses boatos. A família não sabe dessa história.

E isso tomou proporções grandes, porque é como as pessoas retribuem as graças obtidas: presenteando com bonecas.

É, uma vez eu estava lá no cemitério e eles falaram. Mas ela também ganha muita roupa, por ser criança. E ela ganha de uma costureira faz muitos e muitos anos. O João [zelador da capela de Berta Lucia] sabe até, porque ele está ali, ele está convivendo; ela [a costureira] também recebeu graça, mas do que eu já não sei se foi por doença, eu não cheguei a conversar com ela. Todo ano de finados ela está lá, e este ano eu quero ver se eu pego o depoimento dela. Sei que todo ano ela costura e leva dois vestidinhos, mas eu levo para a creche. Teve uns anos que eu

dei para o senhor João dar para as netinhas, porque eles também vivem de dificuldade. Então a gente não fica com nada dela, eu fico com alguma coisinha; minha mãe ficava quando minha mãe falava com ela; ela tinha contato com ela: “essa daqui é para ficar aqui, mãe”. Ou era para dar para alguém. Então ela doava para aquela pessoa.

Dona Ana Fonseca de Oliveira era o nome da sua mãe?

Isso.

Uma das nossas curiosidades é: quem começou com a história?

A história, no início, foi desse rapaz e do feijão comigo mesmo, que minha mãe gritou por Nossa Senhora.

Como que todo mundo começou a rezar pela Berta, a fazer pedidos...?

Por intermediação das orações que minha mãe fazia, porque ela benzia... Eu ia aposentar como adida, mas eu teria que ir para fora e eu não tinha condições. Muita oração, muito pedido... A minha mãe, tadinha, fiquei muito triste porque no ano que ela faleceu, eu aposentei. Então agora que eu ia curtir mais ela, mas Deus não quis... Foi bem doído, porque eu perdi ela em 2003. Ela e meu pai...

Os dois no mesmo ano?

Ele aos 91 anos, mas já estava fraco, porque eram um casal muito maravilhoso. Meu irmão faleceu em 2002.

Antes da mãe?

Isso que levou ela... O coraçãozinho dela já estava muito fraquinho. Ele foi novo... Aos 55 anos. Você mora aqui? Então, ele tinha uma agência de turismo e era muito conhecido o Roberto Galvão. Era dono da Prudentur Turismo. Outra pessoa que pode dar um depoimento bacana é o Senhor Anísio, acho que ele é de Araçatuba e acho que ele tem quatro óticas com o nome da Berta. Ele era de Prudente e foi para lá. Só não tenho certeza se é esse o nome da cidade.

ENTREVISTA: Alessandra Mataruna

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

O que a senhora veio fazer aqui na capelinha da Berta?

Vim pagar uma promessa.

E a senhora pode falar qual é a promessa?

Sim.

Qual é?

Há dois anos, eu tive um cálculo renal muito grave, estava para perder o rim e eu vim aqui num dia que saí do hospital, passei diretamente aqui e fiz a promessa com ela e fui curada.

E como que a senhora soube da Berta?

Da Berta Lucia? Desde que eu me conheço por gente, né. E minha irmã já alcançou milagre com ela e eu alcancei vários milagres com ela, não é o primeiro. Já tive vários.

A senhora traz todo ano boneca aqui para ela ou esta é a primeira vez?

Ah não, é conforme o milagre alcançado. Aí eu faço em devoção em trazer uma boneca para pagar o meu milagre.

Entendi. E a senhora já teve mais de um [milagre]?

Já. Inclusive foi pro meu filho. Porque eu fiz e alcancei. Em menos de um mês foi alcançado.

E seu filho tinha o quê?

Meu filho tinha dificuldade. Ele escrevia o que estava na lousa, mas não sabia ler. Ele tinha essa dificuldade. Passou por psicólogo, neuro... tudo! E ninguém conseguiu. E eu vim aqui e fiz o pedido pra ela e foi alcançado esse milagre. Eu fiz em outubro. Em fevereiro ele já voltou às aulas lendo.

Ah, que graça. E como que é o nome do filho da senhora?

Nathan Daniel de Carvalho.

E com quantos anos ele está hoje?

Doze.

Aí quando a senhora conseguiu o milagre, também trouxe a boneca para pagar a promessa?

Sim.

Então a senhora traz bonecas todos os anos?

Não. É uma forma de promessa. De o milagre ser alcançado e eu estar pagando por ele. É uma troca, né. Então eu venho, faço a promessa, prometo o que dar pra ela, o tamanho da boneca, tudo... Conforme o tamanho do meu milagre, é o tamanho que eu pago.

E a senhora é daqui de Prudente mesmo?

Daqui mesmo.

Outra coisa que eu reparei que bastante gente sai da capela e já lava a mão ali [na torneira]. A senhora sabe alguma coisa sobre isso? A água é abençoada?

É. Onde você tem dor, você passa essa água que realmente você sente alívio.

Sério?

Sério. Tem gente que vem buscar de garrafa pra levar pra casa.

Caramba! Eu vim saber disso hoje que eu vi bastante gente lavando as mãos.

Se você tiver dor de cabeça, você pode chegar e lavar a sua cabeça. Você tem que ter fé, né! Tudo o que você faz, você tem que ter fé! Não adianta eu chegar aqui e pedir pra ela sem fé. Mesma coisa a Deus. Tudo o que você pede a Deus, se você não tiver fé, não é alcançado. Então ela é assim, ela é uma intercessora. Tudo o que você pede pra ela, ela está mais próxima de Deus e ela vai estar levando o seu pedido.

ENTREVISTA: Agostinha Rodrigues da Silva

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

Qual que é a idade da senhora?

Setenta e dois? Dois setes. Mas pode colocar quatorze. [risos]

E a senhora trabalha com o quê?

Eu não trabalho, eu sou aposentada. E estou cuidando de muitos doentes em casa. O marido, a filha e a minha irmã estão com câncer em casa. Ela não aguentou vir aqui, então eu vim pedir pra Berta Lucia o melhor pra ela, que ela melhore, né. Está com dois anos já que ela está operada. E ontem eu saí com ela devagarzinho porque ela precisava de ir na Sabesp. Quase que ela não aguenta voltar de tanta fraqueza.

Então, é que eu vi que a senhora veio aqui só para ver a Berta Lucia, né?

Foi. E pra visitar o túmulo da minha família, porque eu tenho muita família aqui. Tem pai, mãe, irmão, tia, tio, sobrinho. Já passei lá no túmulo deles e tem mais aqui pra baixo, mas eu não aguento por causa do joelho.

E a senhora fez algum pedido para a Berta?

Eu fiz. Eu pedi para que ela ajudasse minha neta para que ele não precise fazer o transplante e o médico falou que ela precisa fazer transplante no fígado.

Ela tem câncer?

Não, a minha filha trabalha, ela é enfermeira e trabalha na Santa Casa. Ela trabalhava com aquela máquina de hemodiálise. Aí, ela no serviço furou um dedo e transmitiu hepatite nela.

E o que a senhora pediu exatamente para a Berta?

Eu pedi para ela curar a minha filha.

E a Berta está ajudando?

Ela está ajudando, ela está melhorando... [voz embargada] E, assim, meu marido também está com problema na mente. Ele não sabe a hora do dia, nem o dia que está. Ele acaba de comer e pergunta se ele almoçou, se ele jantou. Ele não lembra das coisas. É que nem criança.

E a senhora que cuida dele?

Eu que cuido. Eu e meu filho. Eu pedi para Berta Lucia dar uma cura na minha família. Aí eu venho aqui visitar, trazer mais flores para ela.

E há quanto tempo a senhora vem?

Ah, agora faz oito anos que eu estou aqui em Prudente e todos os anos eu venho. Mas eu nunca tive a oportunidade de entrar lá dentro e hoje eu tive.

Ai que bom. E a senhora fez uma prece para ela?

Fiz. Já mandei rezar missa pra ela, pra dona Ana. Eu conheci a dona Ana. Eu conversei, eu ia na casa dela. Naquela época que ela morava pra cima da feira, eu fazia feira. Trabalhava junto com meu marido. Naquele tempo eu estava jovem ainda.

A senhora sabe que a dona Eliana está aqui hoje?

Uma magrinha? Eu conversei com ela.

É, é a irmã dela.

É?

E a senhora conheceu a dona Ana?

Conheci. Conheci demais.

E a Berta?

Aí não. Eu vi até aí só.

Faz oito anos que a senhora mora aqui?

É, eu morava em Tatuí. Conhece?

Já ouvi falar...

Pois é, eu morei lá com meu marido, eu fiz curso para servente, passei em primeiro lugar. Mas depois a gente veio embora pra cá, lá é muito ruim de serviço, de médico, sabe? Lá não tem médico, hospital especializado... E eu trouxe meu marido para fazer uma cirurgia na cabeça dele, a sinusite, e eu também fiz cirurgia no ouvido. Não sarou. Mas eu tenho fé nos milagres da Berta. Com o tempo eu não vou precisar de mais cirurgia não.

ENTREVISTA: Helena Alaíde Ambrósio

DATA: 02/11/2016

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

Por que que a senhora trouxe uma bonequinha?

Porque eu tenho uma promessa, a minha netinha que quando ela nasceu, ela nasceu com um problema, sabe? Uma infecção, né. Então, ela estava assim quase que desenganada, aí eu fiz a promessa e foi válida. Já tem onze anos que eu trago a bonequinha. Ai depois nasceu a outra netinha que também. [Mostrando a filha] Essa é minha filha Silvana, que também nasceu com um problema assim quase igual, né, filha? Também quase que desenganada do médico, aí eu continuei na promessa, eu trago duas bonequinhas porque é promessa das duas netinhas.

E quantos anos elas têm hoje?

A mais velha fez onze anos dia vinte e quatro de setembro e a mais novinha vai fazer sete anos agora dia trinta de novembro, vai fazer sete aninhos. Está maravilhosa, bem, graças a Deus, todos os anos eu trago essas bonequinhas, até o fim da minha vida eu vou ter que trazer essas bonequinhas.

E como vocês tiveram contato com a Berta? Como vocês souberam dela?

Faz muitos anos que a gente mora aqui em Prudente, a gente sabia que ela fazia milagres.

ENTREVISTA: Irmã Aparecida Bariani

JUSTIFICATIVA: Crente em Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

Eu gostaria de saber por que a senhora veio aqui?

Então, a irmã Cecília que está vindo aí, que mora aqui há mais de 40 anos, ela me disse: irmã, você quer conhecer onde a Berta Lucia está enterrada? Ela é uma criança que tem alcançado graça e aí eu vim também pra pedir a graça. É uma criança que realmente deve ter conseguido muito a alegria, presença de Deus. Então é por isso que eu vim, né.

E a senhora acredita que ela realmente realizou graças?

Eu acredito, porque muita gente testemunha isso, né...

Uhum...

Então pelo testemunho das pessoas, a gente acredita que essas graças tenham realmente sido alcançadas.

E a senhora é daqui de Prudente mesmo?

Não, eu não sou daqui. Eu morei em Rondônia, muitos anos. Como a gente tem comunidade aqui, temos a creche Walter Figueiredo, então eu moro aqui no momento, né...

A senhora está morando, passando um tempo aqui?

Isso. É por isso. A irmã Cecília vinha me contando no caminho a história dela e aí a gente chegou aqui até o túmulo.

Ah, então hoje foi a primeira vez que a senhora soube?

Primeira vez.

Entendi, ela sabe a mais tempo da Berta?

É, ela sim. Ela sabe melhor a história.

E ela também acredita?

Ela acredita, porque todo ano ela vem.

Eu gostaria de saber se a senhora sabe informar pra gente sobre o processo de canonização, a senhora sabe?

O processo de canonização passa pela Igreja Católica e o que precisa é a prova de milagres. Milagres é a cura que às vezes a medicina já não consegue explicar.

Uhum...

É, tem também o testemunho que as pessoas falam, que as pessoas alcançaram a graça. É o processo e depois passa pelo Vaticano, tem que ser pelo menos dois milagres, a prova de dois milagres. E aí no caso o Papa atual, ele vai dizer “esse processo aqui está liberado pra canonização ou beatificação”. Porque primeiro é o processo de beatificação, a pessoa é chamada de beato, a Igreja já coloca que já pode ser pedido graças e bênçãos através dessa pessoa. E depois a canonização, que aí é revelado pro mundo inteiro e essa pessoa é considerada santa. Não é mais só pra aquela região onde a pessoa mora, mas pro mundo todo.

A senhora faz parte de qual grupo?

Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus. Nós temos uma irmã também que veio de Malta e faleceu no acidente e está enterrada aqui.

E vocês vieram visitar?

É, isso.

Esse grupo é daqui de Prudente mesmo, né?

Não, esse grupo nasceu em Malta e de lá foi espalhado pelo mundo inteiro. Nós estamos há 45 anos aqui em Presidente Prudente.

Ele [membro do grupo] está tirando uma foto do tercinho da senhora...

Ah sim...

Da cruz, na verdade.

É o tal Franciscano. É o símbolo Franciscano, que nós somos Franciscanos do Coração de Jesus. A gente segue os passos de São Francisco de Assis.

E eu acabei nem pedindo permissão pra senhora, a gente podia gravar?

Não, pode. Não tem problema nenhum.

É porque tudo que a gente está pegando hoje vai ajudar a gente a desenvolver o livro.

Uhum...

E a gente não tem tanto material assim, a gente está tendo que correr atrás de tudo.

Vocês estão buscando, né. Mas muito interessante o tema que vocês buscaram. Porque a santidade é o que Deus deseja pra todos nós e essa menina com certeza vai entrar no processo, de repente...

Isso, a família quer correr atrás da beatificação...

É, pois é.

Mas como é que comprova que uma pessoa fez um milagre?

Então, em geral é por conta de uma cura. Em geral.

É sempre testemunho, né?

É testemunho. E aí a pessoa, por exemplo, “fui curado de um câncer”, a medicina não tinha mais cura e de repente...

A medicina desenganou, por exemplo...

Desenganou. E aí a pessoa pediu essa graça, porque tem que ter o pedido, tem que ter a busca. E aí a pessoa pediu essa graça por intercessão. Por exemplo, no caso da Berta Lucia, pede intercessão e ela alcança essa graça. Aí ela vai testemunhar, vai comprovar por laudo médico e tudo, né...

Ah tá, por laudo...

Tem que ter laudo, tem que ter laudo.

Tem que ter provas, né?

Provas concretas, né?

Ninguém vira santo...

Não, não do nada não. Mas de repente você vai conseguir mais, porque vai ter missa aqui durante o dia. Mas a Irmã Cecília, acho que ela já saiu.

Não, eu acho que ela ainda está lá dentro...

Porque de repente ela poderia ajudar um pouco mais vocês, né?

Tudo bem então, muito obrigada pela ajuda.

Obrigada vocês, boa sorte.

ENTREVISTA: Irmã Maria Cecília Benassi

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

Todo ano a senhora vem aqui visitar a Berta?

Todo ano. Sou muito amiga da mãe dela. A dona Ana, que morreu. Inclusive, agora tem a irmã dela lá, né?

Isso, a gente conversou com ela.

Então, inclusive, essas aqui coisas eles levam pra gente pro Natal. As bonecas, os carrinhos, a roupinha de anjo, então eles dão para a creche.

Ah, então a dona Eliana também leva para a creche?

Leva então, porque a gente, eu sou aqui de 35 anos, né? Então eles costumam levar pra gente. Você não viu as bonecas, né... Cheio de bonecas, né?

Uhum, bonecas enormes...

Então, eles levam pra gente dar pra criança, né? Para os mais carentes, também no Natal. Então a gente é muito amiga. Inclusive, os tempos que tinha a mãe dela viva, a dona Ana, a gente descia. Eles moravam ali subindo a 12 de outubro. Com a gente ia um grupo de crianças, a gente ia no quarto da Berta Lucia, onde ela viveu, ela tinha uma coleção de chaveirinhos de bonequinhas. Quando ela morreu foi uma febre de meningite...

Isso.

Que deu na menina com 5 aninhos, né? Ela morreu dia 17? De fevereiro, né, o ano que eu nasci, 44... A menina morreu, né? Então significa que já faz 72 anos, vai fazer 73 que a menina morreu. E a hora que ela estava morrendo, ela pedia pra mãe, acho que ela tinha muita, muita febre, ela pediu guaraná, Tubaína, que ela queria. E a dona Ana, diz que por milagre achou uma garrafa, né, de vidro, na geladeira e deu pra ela. E quando a gente descia lá pra visitar a dona Ana, ela fazia questão de dar, servir toda a criançada que a gente levava lá da creche com guaraná, homenageando a Berta Lucia.

Isso.

Então, o povo tem devoção obviamente, é uma criança inocente, ela já é uma santa. Não precisa nem ser beatificada, então tem muita gente que alcança a graça e vem olhar, principalmente agora nos Finados. Até a Globo já esteve aí, né, pra ver assim, a devoção e a crença do povo, que a morte não é o fim, é uma vida, né. Começa em Deus, então é bonito, né, da gente lembrar de uma criança tão pequena, que ela intercede pra gente lá no céu.

E a senhora acredita na Berta como uma santa?

Eu acredito, porque uma criança, uma criança é inocente, uma criança é pura, ela não tem maldade. Ela não tem pecado como um adulto, que tem que fazer uma purificação. Então olha, não precisa nem aprovação de Vaticano, ela é uma santinha, ela é uma criança que já está na glória. É um anjo, então eu acredito. E não só eu, mas olha pra você ver a fé que povo tem, o testemunho que eles dão. Até gente evangélica vem pedir graça aqui. Olha, uma senhora lavando o rosto com água pra proteger da vista, ela tem problema de visão. Então, olha, a fé é importante, o que faz a gente viver e crer nesse Deus é a fé. Nós temos que cada dia aumentar, seja qual for a religião ou culto, a gente tem que respeitar a de todo mundo. Então, mas se não tiver a fé é inútil. Então nós temos a fé, então isso que é importante. Então é bonito esse trabalho de vocês, e que vocês também fica no coração de vocês, futuramente vocês serão mães. Terão filhos e aí vocês vão ver, a maravilha né, que Deus age na vida de cada um de vocês, né, como ser humano, como criatura de Deus. E formando famílias né, então é bonito essa... Esse momento de, de... De fé.

E a senhora já chegou a pedir algo pra Berta?

Sim, eu sempre peço. A gente reza por alguma coisa e pela paz do mundo. Nós somos assim, tanta violência, tanta maldade. Hoje na missa então, tem os militares que tombaram, deram a vida em prol da comunidade. Quantas famílias às vezes ficam enlutadas pela violência. Então o que eu peço neste momento é que a Berta interceda junto de Deus pela fé e pela paz no mundo inteiro. Tantos países de guerra, criança sofrendo, famílias. Os desempregados, os 13 milhões aqui no Brasil que nós temos também, tanta gente precisando, doentes, pessoas carentes, então

eu peço muito, muito a graça, que Berta Lucia leve até Deus os pedidos da gente e tenho certeza que Ele vai nos atender.

ENTREVISTA: Ivanilda Garcia Fukaya

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

Por que a senhora está vindo aqui hoje na capela da Berta?

Já faz 23 anos que eu venho.

Todo ano?

Todo ano.

E por que a senhora vem?

Eu tive uma gravidez de alto risco e desde que eu tive essa gravidez eu venho para entregar. A boneca que eu fiz a promessa para mim ter minha filha.

E deu certo a promessa?

Deu certo. Minha filha está com saúde e tudo.

Quantos anos ela tem?

Vinte e três anos.

Vinte e três? E qual o nome dela?

Giovana.

A gente pode tirar uma foto da senhora com a boneca?

A dela é a menor.

A dela é a menor? A senhora vai para algum outro? Visitar outro?

Não, tudo é aqui. Mas para cada um é uma coisa.

Ah, entendi. Então quer dizer que tem uma boneca que representa ela [a filha] e a outra... Quem que representa quem?

Essa aqui é a Giovana. Aí tem a do meu neto, que nasceu surdo e depois conseguiu fazer a cirurgia.

Hoje ele consegue ouvir?

Consegue ouvir, consegue falar. E essa maior é a última, do meu marido, que teve câncer e conseguiu se curar.

E a senhora vem aqui fazer os pedidos da senhora para a Berta?

Sempre, sempre venho.

Como a senhora conheceu a história da Berta?

Ah, a gente encontra, né? Pela minha idade...

Sempre morou aqui?

Sempre morei aqui e conheci. Morava lá perto da mãe dela, né? Então sempre ouvi falar. Ficou assim: eterno, né? Eterna gratidão por ela, então enquanto eu tiver viva eu vou estar [aqui] todo ano...

ENTREVISTA: Luiza de Souza

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

Meu grupo e eu já estamos fazendo o TCC e resolvemos falar sobre a Berta Lucia, porque não tinha muitas fontes documentais. Hoje a gente está aqui pegando depoimentos de pessoas que receberam a graça dela. Então eu quero saber qual foi a sua.

Eu fiquei grávida de gêmeos, estava muito mal, já faz quarenta anos. Então, aí eu fui para a Santa Casa muito mal, ninguém dava vida para o menino, diz que era barriga d'água, os médicos afastando tudo. Aí eu pedi pra ela [Berta Lucia] que a partir desse dia eu ia sempre respeitar me vestindo de preto. O ano passado tiraram foto minha e puseram no jornal. Eu estava toda de vestido, toda de preto. Este ano eu quis pôr assim. Só que esse ano eu ponho tudo novo. Aí eu fiz o pedido pra ela que se eu sarasse eu ia respeitar esse dia vestindo de preto, nunca ia deixar, né? Aí nasceu as meninas, normal. Uma nasceu morta e foi enterrada lá no comecinho. O túmulo dela é bonito. Aí quando fez onze meses, dia de Nossa Senhora, nasceu a neném lá na Santa Casa e eu adotei em nome da Berta Lucia. Hoje ela está com quarenta e um anos.

Quarenta e um anos?

Sim. Simone Aparecida de Souza... De Jesus, né? Porque aí ela casou com o primo, né. É primo da Berta Lucia.

E como a senhora conheceu essa bebê para adotar?

Então, eu fui até a Santa Casa fazer uma visita e eu já estava correndo atrás para ver se eu conseguia para poder pagar a promessa. Fui em Bernardes e em tudo quanto é lugar, mas não achei. Aí eu fui na Santa Casa fazer uma visita para a minha cunhada e tinha essa mulher que tinha duas e estava dando [as filhas].

Ela simplesmente estava doando?

Ela ia deixar lá!

Ela ia abandonar?

Ela ia deixar no berçário. Quem ia adotar era um doutor. Não quis porque não era mestiça e ele era japonês. Aí a outra menininha que estava lá, a mulher levou e essa ficou. Aí eu cheguei às sete horas da noite e quando foi sete e quinze eu já estava com ela nos braços. Aí eu levei a mãe dela na casa dela e, no dia seguinte, nós fomos no fórum.

Para já registrar, né?

Registrou tudo direitinho e a gente criou ela com amor e carinho. Nossa, é minha filha do coração!

E como que a senhora conheceu a Berta?

A Berta Lucia? A Berta Lucia eu conheço há muitos anos...

A senhora conheceu ela em vida?

Não. Só a mãe e a família. A avó dela cuidou de mim quando eu estava grávida de gêmeos. Ela não, mas eu vivia fazendo pedidos para ela. Consegui muita graça com a Berta Lucia. Minha casa, tudo o que eu peço! Agora eu pus na mão dela a transferência das coisas dos meninos. Meu marido largou de mim depois de trinta anos, casou com outra e eu descobri que ele casou, então eu estou atrás. Já está na mão do juiz, só está faltando ele liberar para eu assinar e eu virei trazer o buquê de flores aqui para ela [Berta]. Eu tenho uma boneca em casa ganhada daqui. Eu ponho o nome dela de Berta Lucia. Eu olho no quarto, eu tenho um quarto de bonecas e eu olho para ela e falo “minha Berta Lucia, me proteja!”. É minha boneca.

Então, eu também fiquei sabendo de muitas graças dela.

É, eu tenho muita fé nela, assim como tenho no meu Menino da Tábua.

Menino da Tábua?

Maracáí.

Quem é? Nunca ouvi falar...

Se você for lá fazer um pedido – olha! Chega arrepiar! Não posso falar nele.

Mas ele é daqui de Prudente também?

Não, ele é de Assis. Ele viveu até vinte e um anos. Eu mando rezar missa para os dois, para ele e para ela [Berta].

E o que aconteceu com ele?

Ele morreu assim... Viveu em cima de uma tábua assim, só com água e leite. Aí quando ele faleceu, a mãe foi lá e colocava o leite e a garrafinha de água pra ele no túmulo lá e brotou uma gruta. Então nessa gruta – é em Assis, é pertinho – tem um jazigo bem grandão cheio de milagres que ele alcançou. Ele alcançou muita graça, mas graça pesada mesmo! Eu trabalhava na Unoeste – logo quando eu comecei a trabalhar – e meu filho deu um tiro nele mesmo. Ele pegou o revólver para brincar e disparou nele. Pegou para brincar e virou a ponta e disparou – eu estava trabalhando. Aí foi para a Santa Casa, ficou entre a vida e a morte, na UTI e tudo. Aí foi pro quarto. Era quatro horas da manhã e eu ajoelhei e pedi que o Menino da Tábua limpasse daqueles cocos, daquela sujeira, que estava saindo da sonda para a boca, ele operou o intestino.

E hoje ele está bem?

Hoje ele é o mais bem de vida que tem. Tirou o baço, tirou o pulmão, fez um desastre! Não sentava, não andava. Ele veio andar depois de quarenta dias. Aí com o intestino para fora, o médico falou que quando fizer três meses, iria colocar o intestino dele para dentro. Não precisou. Quatro horas da manhã, dentro da minha casa, o intestino dele voltou.

ENTREVISTA: Marina Balbo

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 02/11/2016

O que a senhora veio fazer hoje aqui no túmulo da Berta?

Eu tenho muita fé nela. Eu acho que ela, com os pedidos que a gente faz, ela atende nós.

E a senhora já fez algum pedido para ela?

Já, já fiz.

Tem algum relato?

Meus filhos passaram em Medicina, conseguiram. Passaram. Vinha muito com a minha mãe aí do lado, a gente passava aí e sempre pedia. E hoje eu vim pedir!

A senhora acredita na Berta?

Eu acredito, viu. Tenho muita fé nela. Eu acredito. E hoje eu vim pedir para ela curar a coluna da minha filha que está muito ruim.

E a senhora tem fé que isso vai acontecer?

Vai, tenho certeza.

Eu vi que a senhora saiu e lavou a mão [na torneira diante da capela de Berta Lucia]. Você acha que a água tem algum poder de cura?

Algum poder de fé.

ENTREVISTA: Eliana Galvão Martinelli (2)

JUSTIFICATIVA: Irmã de Berta Lucia

DATA: 23/02/2017

Dona Eliana, o que a senhora lembra da sua mãe? Como que tudo começou?

Eliana: A minha mãe era uma pessoa maravilhosa, ela tinha um dom de Deus. Ela olhava para você e falava as coisas. Até quando a Berta faleceu, ela disse que sentia que ia perder a filha. A Berta mesmo que falou para ela. Eu sou irmã de Berta por parte só de mãe. Ela saía todo dia cedinho com a minha mãe para trabalhar, a minha mãe trabalhava como doméstica. Minha mãe veio de Minas. A Berta também, a Berta é mineirinha.

Qual cidade de Minas?

Eliana: Cataguases. Ela veio bebezinha para cá.

E quando elas vêm, o pai da Berta já tinha falecido?

Eliana: Tinha. Lá em Cataguases, quando eles viviam, ela falou para minha mãe que tinha perdido o papai, o papai da terra, mas ele estava com o papai do céu e ela também ia.

A causa da morte, a senhora sabe?

Foi acidente.

A trabalho?

Eliana: Sim, trabalhando. Foi assim que passaram para mim. Era o que a minha mãe comentava na época.

A senhora sabe a história de como aconteceu?

Eliana: Não, como foi certinho eu não sei. Eu sei que quando ela veio para cá, primeiro vieram as irmãs dela, que não sei qual a causa também, as filhas com os esposos, filhos, os que tinham, os que estavam solteiros vieram também, e começaram a vida aqui.

Mas vieram em busca de uma vida melhor?

Eliana: Sim. Com certeza. E a mãe com a Berta morava perto de uma outra irmã dela e o cunhado, que era o tio José, ali na Casemiro Dias. Antigamente, onde era a Casemiro Dias era bem pacata, tinha poucas casas, era terra, não tinha asfalto.

Augusto (marido de Eliana): Eu me lembro quando essa avenida aqui da Apea, da Washington Luiz para baixo, era tudo terra.

Eliana: A minha prima disse que ela também morou ali onde é o cemitério agora, lá embaixo. Era chácara. Eles ficaram um tempo lá, morando com a minha outra tia. Depois que passou para cá, a minha tia veio para cá, foram para a Casemiro Dias, mas ela morou um bom tempo em chácaras, aquela região do cemitério era tudo chácara. (Para Augusto) Você se lembra?

Augusto: Não. Eu me lembro quando desmontaram o cemitério da rodoviária. Eu trabalhava na Andorinha, passava direto, via os caixões no barranco.

Uma coisa que a gente ficou com dúvida: ela foi enterrada quando o cemitério ainda era na rodoviária?

Augusto: Ela foi enterrada onde é a rodoviária hoje.

Ela foi enterrada lá e foi transferida?

Eliana: Ela foi enterrada lá e depois foi para o cruzeiro, onde é o cruzeiro. Vocês não são daqui, então não devem lembrar, mas quem é daqui, lembra. O cruzeiro era tudo túmulos e os ossinhos que vieram lá na rodoviária foram colocados ali onde é o cruzeiro. Daí chamaram a família e disseram: “vamos arrumar um lugar para colocar os ossinhos dela”, dela não, de todos os que eram sepultados naquele local. O cruzeiro que eu estou falando é o lá de cima, o central. Não é o da Berta, o dela foi feito bem depois. Desse cruzeiro que ela estava, onde as pessoas haviam sido sepultadas, inclusive a Berta, ela ficou um bom tempo ali, até quando foi a mudança. Aí ela ganhou, dizem que foi graça também, ela ganhou onde é, só que ela ganhou o túmulo normal, com uma gaveta só, então fazia frente com aquele túmulo do Clóvis, que é da rua subindo. Ela ficou um bom tempo ali, ali tinha bastante visitas, só que eu não lembro quanto tempo ficou ali.

Só para seguir a linha cronológica, a sua mãe trabalhava então como doméstica e a Berta acompanhava ela no trabalho. Isso até os quatro anos de idade quando acontece a fatalidade...

Eliana: Certo. Ela estava bem, a semana toda bem. Quando foi no dia 16 de fevereiro, quando ela faleceu, a minha mãe saiu com ela para trabalhar, foi para o serviço e voltou. Quando voltou do serviço que ela começou a sentir mal, febre, pediu guaraná, daí o tio que morava perto foi comprar o guaraná para ela, mas daí começou vômito, febre, daí meu tio catou ela e levou para o médico. Aí o médico falou que era meningite, que ela estava com meningite e que ia fazer o possível. Mas naquela época, não tinha o tratamento de hoje.

A sua mãe também era benzedeira?

Eliana: Ela benzia, sim. Ela benzia crianças, adultos, é um dom que ela tinha, muita gente vinha de fora. Ela fazia oração, mas não era essa coisa de espiritismo, era uma oração, um pai-nosso, uma ave-maria. E ela era uma pessoa muito querida, era um dom muito de Deus, que Deus deu para ela, que ela desenvolvia.

Irmãos são só você e Berta?

Eliana: Não, do segundo casamento eu tive o Roberto, meu irmão.

Que é o mencionado nas matérias [dos jornais consultados]...

Eliana: Ele foi muito conhecido aqui em Prudente, também muito querido, ele tinha agência de turismo. A Prudentur Turismo. Ele fazia excursão para o Beto Carreto, para as praias, então ele era muito querido. Ele acompanhava e era uma pessoa que ajudava muito as pessoas, as pessoas carentes, principalmente quando a Berta ganhava os brinquedos, ele ia e doava, ele ia nos bairros.

Ele era mais novo que a senhora?

Eliana: Não, ele era mais velho.

Ele chegou a conhecer a Berta?

Eliana: Não, não chegou também. Quando a Berta faleceu, a minha mãe casou depois com meu pai. Mas meu pai conheceu a Berta e ela chamava ele também de papai. Conviveu um bom tempinho, agora eu não sei dizer quanto tempo. É a Berta, o Roberto e depois eu. A diferença do Roberto para mim é de sete anos.

E a senhora sabe o ano que o Roberto nasceu?

Eliana: O Roberto nasceu em 1947. Hoje, ele já é falecido, ele faleceu em 2002.

Ele faleceu do que?

Eliana: Aneurisma, ficou na UTI 26 dias, conseguiu sair, foi para o quarto, deram alta, daí começou febre, febre, febre. Minha cunhada e eu levamos ele para o hospital de novo, daí ele pegou infecção pulmonar.

Desculpa, ele morre antes da sua mãe?

Eliana: Foi antes, foi antes. O coraçãozinho dela já estava bem fraquinho também. Estava com 87 anos.

Augusto: O Roberto morreu em 2002. Copa do Mundo no Japão.

Eliana: Foi, foi. E ele estava ali com ela, na casa dele. Sentiu mal lá, aí meu pai ligou para mim de madrugada. Ele estava assistindo ao jogo da Copa. Mas homem é meio deslargo, desculpa eu falar, mas negócio de saúde é, porque não querem saber de médico. Tem que fazer os acompanhamentos. E a vidinha dele era bem agitada, ele não podia ter descuidado da pressão, dos lanches que comia, porque não se alimentava, era só lanche.

E a mãe da senhora, faleceu de quê?

Eliana: Foi do coração. Com 87 anos, em 2003.

Ah, um ano depois...

Eliana: Sim, um ano depois. Ele foi no dia 10 de outubro e a minha mãe dia 31 de agosto e enterrou no dia 1º de setembro.

Dona Ana, né?

Eliana: Ana. E meu pai, o Evangelista, faleceu dia 17 de novembro, no mesmo ano. Foi uma dor bem grandona.

E após a morte da Berta, sua mãe se dedicou a manter a imagem dela viva, né?

Eliana: Sim e sempre como criança. Eu relatei o primeiro milagre comigo, quando eu era bebê, né? Eu tinha uns oito meses, a panela de pressão...

Em uma das matérias fala que a Berta também salvou a vida do Roberto, um acidente com queimadura também...

Eliana: Eu acho que isso deve ter sido, eu não me lembro muito bem, mas eu acho que foi do...

Augusto (interrompe): Que ele tinha sinal de queimadura no braço, ele tinha. Agora como eu não sei.

Eliana: Teve queimadura sim, acho que foi brincando com um gato, ele e um filho da minha madrinha. Acho que pegaram um acendedor, um fogaréu.

Sim, foi brincando. E aí a sua mãe pediu para a Berta e ela intercedeu.

Eliana: É. Agora dessa reportagem do garoto que não enxergava eu não sabia e pelo o que fala aqui é o seu João que cuida até hoje da capela. Ele recordou isso com vocês?

Comentou. Ele falou que logo que soube dos milagres da Berta, ele já trabalhava limpando, ele cobrava para limpar. Mas daí ele soube dos milagres da Berta e começou a se dedicar, ele já era aposentado, então começou a se dedicar de forma gratuita ao túmulo da Berta para manter aquilo limpo, para visitas, e porque tinha prazer em cuidar e tem até hoje. Ele vai uma vez por semana, segundo ele falou para mim, ele tem grande prazer em cuidar...

Augusto: E vai continuar até morrer.

Ele falou que a Berta foi muito boa, que ajudou muita gente.

Eliana: É, ele é uma pessoa que estava mais próximo de tudo. Agora de fora do país, vocês não descobriram nada?

Sim, é citado nas matérias.

Augusto: Que eu sei também, tinha um pessoal dos Estados Unidos. Quem era, eu não sei, eu só ouvi conversa.

Eliana: Mas teve, teve muitos casos. Tem muito caso também de gravidez de pessoas que não conseguiam engravidar e engravidaram. A mãe foi, pediu, engravidou e falou: "vou oferecer o seu nome". Agora, domingo retrasado, uma Eliane veio para deixar o testemunho e o marido registrou. Ela não conseguia engravidar, dava hemorragia, não conseguia completar a gestação, então soube da

Berta, veio, fez o pedido, daí ela conseguiu e falou que se fosse menina, ia chamar Berta Lucia.

Augusto: Daí capricharam melhor, né, aí saiu a criança (risos).

Eliana: Lá vem o Martinelli. Daí ela falou: vou tentar o segundo filho. Veio outra menina. Aí também foi o mesmo problema que ela teve, de hemorragia, não conseguia, perdeu. Daí ela tentou novamente, acho que na segunda tentativa ela conseguiu. É a Maria Vitória. Ela estava comigo. A Berta queria ter vindo para conhecer a gente quando eu falei que era irmã e tudo, daí ela falou que umas amigas iam lá na casa e não deu para ela vir, daí veio a mãe, a bebê de oito meses, lindinha a garotinha, e o marido. Eles falaram que, nossa, para eles a Berta é uma santinha. Eu falei que queria tanto conseguir beatificar, eu sei que é difícil.

Sim. Quando você toma a responsabilidade pela capelinha? Em que ano?

Eliana: Assim que a mãe faleceu. Em 2003. Só que o seu João está na frente.

Augusto: O seu João sempre esteve, né? Mas o que acontece quem resolve é tudo ela [a esposa].

Eliana: Daí ele passa para mim, ele vem aqui, ele liga. Mas agora faz uns bons aninhos que ele está mais assim, sabe? Mas também, graças a Deus, que não aconteceu, porque antes quebrava muito a capela, o vandalismo.

Dona Eliana, uma curiosidade: o senhor que construiu a capelinha, a senhora também não sabe?

Eliana: Não tenho acesso. Sei que diz que foi um japonês.

Sim, um japonês. Eu li na matéria.

Eliana: Mas não cita o nome nem nada?

Não.

Eliana: É que os japoneses são mais reservados.

Diz que passou pela capela, soube que era uma menininha de quatro anos que tinha falecido, fez uma oração lá, diz que o que ele pediu, ele foi agraciado, e construiu a capela. Mas também não falava o nome.

Eliana: A minha mãe sabia a história, mas eu não lembro. Se eu ouvi, eu não consegui guardar.

Augusto: Mas era mais ou menos assim mesmo. A última reforma que a gente fez, eu tive o prazer de acompanhar, então a gente percebia que a capela inteira sempre foi feita aos pouquinhos, então tinha um piso de um jeito, outro piso de um jeito... O povo é que fazia, então cada um ajudava como podia...

Eliana: É, porque na época a gente não tinha muitas condições, a gente só tinha o salário do meu pai, porque a minha mãe não trabalhava, trabalhava em casa só. Então, tinha o Roberto e eu, o Roberto trabalhava fora, eu era ainda pequena, então quando foram falar que ela tinha que arrumar um local, a gente tinha o túmulo da minha avó, que era lá embaixo, onde estão os meus pais e o meu irmão, mas daí não deixaram, falaram que iam arrumar um lugar para ela. Foi tanta coincidência porque aquele rapaz [Clóvis]... que agora estão até destruindo, judiação, eu até reclamei com o gerente, o responsável do cemitério... eles brincavam juntos quando a minha mãe veio para cá... eu até perguntei para o seu Carlinhos se era dos Molina, que é daqui da Justiça, mas ele falou que não é, porque também estava procurando. É uma outra família Molina que não tem nada a ver com essa. Eles brincavam juntos e eles falavam que iam ser namorados. A Berta e o Clóvis. Se vocês forem lá, verão que estão destruindo o túmulo, vai estar lá a fotinho dele.

O Clóvis morre quando?

Eliana: Eu não sei, na pedra deve ter, apesar da pedra estar bem destruída.

Augusto: A última reforma da capela da forma como está lá, vocês conhecem quem foi que fez.

Ah, é?

Augusto: É.

Quem? Que suspense...

Augusto: Agripino.

Eliana: Não tem problema. É o Agripino.

Ah, o Agripino. Ele é bem devoto.

Augusto: É um amigão meu.

Eliana: Outra pessoa que uma vez também deu um testemunho... apesar que agora ele está bem velhinho...

Augusto: É jornalista.

Eliana: É jornalista também, você deve conhecer, porque você [André] trabalha no Imparcial. Ele morou muitos anos na 12.

Barbosa?

Eliana: Não.

Altino?

Eliana: Altino. Se você falar da Berta Lucia, falar que a irmã dela falou, ele vai falar muita coisa. Ele é muito querido, tem a Berta como uma santinha. Ele é querido por ela.

Dona Eliana, em relação à intercessão da Berta, como que funciona? Por exemplo, eu estou com uma dor, aí eu vou e peço a intercessão dela? O que as pessoas relataram para você?

Eliana: Vocês não leram os testemunhos que estão registrados no livro, né? (Eliana pede para o marido ir buscar o caderno de testemunhos) É assim, vai tudo da sua fé. A minha mãe tinha a mania de falar assim para mim: “às vezes você não consegue as coisas, filha, porque você não pede com fé. Você não dobra o seu joelho e faz a sua oração com bastante fé”... porque a Berta sempre foi um anjinho, dizem que ela conversava com as pessoas como um adulto. Ela tinha uma fala que você ficava encantada, quem ouvia ficava encantada com ela. A gente vê, ouve muitos testemunhos, muitos choram de emoções, de saber que conseguiu falar... tem gente até que fecha os olhos e consegue ver ela pertinho, porque eu acho que fecha, põe ela na mente e a pessoa conversa com ela e pede a graça.

Tem gente que carrega ela... A gente conversou com um homem que carrega a foto da Berta na carteira.

Eliana: Sim, tem. Eles carregam, têm em casa o altazinho. Já venderam muita foto da Berta. Só que eles pediram autorização para minha mãe. Minha mãe mesmo falava para as pessoas que iam lá e queriam uma foto da Berta... Minha mãe tem o pôster dela. Tinha o pôster.

É aquele que está no túmulo?

Eliana: Não, aquele ela ganhou também de graça. Tem um aqui que era da minha mãe e está comigo. (Mostrando o caderno de testemunhos que o marido acabara de trazer) Olha só, esses aqui eu consegui tudo no dia de finados.

Funciona como? Você anota os testemunhos das pessoas?

Eliana: Isso, eu peço para as pessoas. Mas só que eu saí para vir para casa fazer almoço e tinha dois, um que eu queria de presenças das pessoas que estavam visitando e outro para que fizessem os relatos e testemunhos, então teve umas misturas. Eu pedi o telefone de todos. E tem de vários lugares.

Primeiro, a senhora está coletando todas as histórias, todas as assinaturas, para depois você entrar com o processo na Diocese...

Eliana: Isso.

O que a senhora sabe do processo de beatificação? O que foi feito até o momento?

Eliana: Nada. Eu não fiz ainda. Minha vida é muito corrida. Eu estava pensando em procurar. Me falaram que primeiro eu tinha que procurar um padre, mas aí o seu Carlinhos falou: “vai direto com o bispo, vai com ele, ele é bacana pra caramba”. Esse era um desejo da minha mãe e eu queria, antes de partir, fazer isso. Se eu não conseguir, estão vocês aí novinhos para fazer para mim. (risos) Olha eu deixando o cargo para vocês. Se Deus quiser, eu vou conseguir sim. Eu tô mais preocupada porque dizem que tem que ser adulto, não pode ser criança para beatificar. Mas é o que eu quero saber com o bispo, por isso eu vou lá.

O município da Berta [Cataguases] conhece toda a história?

Eliana: Eu não sei. Sei que ficou irmão da minha mãe lá, mas acho que vieram tudo embora. Eu não sei se ficou alguma coisa, se tem alguém da família do pai dela. Eu nunca fui atrás.

E quem é Natália, é alguma prima?

Eliana: É Natalía. Ela faleceu também no final do ano retrasado. Ela sabia muita história, porque ela pegou o período da infância da Berta, porque ela era pequena. Tenho a Naica, minha prima, irmã da Natalía. Ela conheceu também a Berta.

A gente achava que a senhora era a única...

Eliana: De sangue sou eu, mas de primos ainda temos e que conheceram ela.

Augusto: A Naica já é bem mais velha do que nós. Deve saber mais coisa do que a gente.

Eliana: Ela gosta de uma conversa. É Nair que ela chama, mas a gente conhece por Naica.

A senhora sabe como se espalhou pela cidade essa fama da Berta?

Eliana: A minha mãe já benzia naquela época. A gente morava na Fepasa e o povo já tinha conhecimento. A minha mãe sentia a presença da filha e ela, por intercessão dela, a minha mãe benzia as crianças, curava, principalmente aquelas que não dormiram a noite. Tinha muita mãe que levava os filhos que não dormiram a noite. Então com a oração, a criança passava a dormir tranquila.

E o primeiro milagre é aquele do feijão, né?

Eliana: Foi, do feijão e depois do rapaz que sumiu e não dava notícia. A mãe estava desesperada, então ela foi lá: “Dona Ana, pelo amor de Deus, faz oração”. Mais ou menos isso. O Milton, eu lembro do nome dele. “O Milton não dá notícias, eu estou desesperada, não sei o que aconteceu, já faz dias que ele está desaparecido”. “Vamos rezar, vamos...”. Foi o segundo caso, depois começou os de gravidez. De gestação. O que a gente sabe é que desde bebezinha ela era especial.

ENTREVISTA: João de Souza

JUSTIFICATIVA: Zelador da capela de Berta Lucia

DATA: 03/03/2017

Primeiro, eu gostaria que o senhor pudesse falar tudo o que o senhor sabe sobre ela [Berta Lucia].

A Berta Lucia faz milagre para muita gente, como você sabe, e milagres muito diferentes para o pessoal aí. Todos os que pedem, alcançam a graça dela... então, eu vejo bastante milagre de pessoal que passa por aqui. E a maioria dessas bonecas que o pessoal traz aqui, são milagres feitos. Então é muito importante esse trabalho que vocês estão fazendo para ela.

E o senhor conheceu a dona Ana, mãe dela?

Conheci.

Como ela era?

Ela era uma senhora forte, gorda... ela que lavava o túmulo aqui, inclusive tem um retrato dela ali dentro.

O senhor não conheceu a Berta em vida?

Não. Quando eu comecei a trabalhar aqui, ela já tinha morrido, aos cinco anos de idade. Morreu de meningite, não é? O primeiro milagre que ela fez foi para um japonês.

E o senhor conhece essa família? A gente gostaria muito de encontrar essa família.

É muito difícil... porque faz muitos que foi feito um milagre para ele. E essa capela, inclusive, foi ele quem fez.

Essa capela foi doada?

Sim, porque ele alcançou um milagre muito grande. O túmulo dela era de cerâmica, dessa pastilha cor-de-rosa, aí depois transformou em capela.

Inclusive, a dona Eliana comentou com a gente que o cemitério não era aqui, certo?

Era na rodoviária.

O senhor sabe o ano em que foi [a Berta Lucia] transferida para cá?

Mas ela já foi enterrada aqui.

Foi enterrada onde agora é o cruzeiro?

Não. Ela foi enterrada aqui mesmo. Não tem o armário dela? Ela foi enterrada ali, em uma carneirinha de pastilha cor-de-rosa, quadradinha.

Mas já neste terreno ou no cruzeiro?

Não. Aqui!

Dona Eliana falou que ela foi enterrada no cruzeiro...

Eu não sei disso não... do tempo que eu trabalho aqui, eu sei que foi só aqui! Até corria uma aguinha debaixo do túmulo dela e a turma pegava, por causa do milagre... eu conheço aqui há mais ou menos uns quarenta anos.

Há quarenta anos o senhor trabalha aqui?

Já... Faz tempo que trabalho aqui.

E desde quando começou a trabalhar aqui, o senhor já tinha conhecimento que era aqui o túmulo da Berta?

Era aqui!

E quando o senhor começou a trabalhar aqui, já era essa capela?

Não era... Era um túmulo, como carneira, revestido de pastilha cor-de-rosa. Aí depois um japonês fez um pedido para ela, foi curado e depois perguntou para a família se poderia fazer uma capela.

O senhor disse que já trabalhava com limpeza de túmulos. Mas antes mesmo de limpar túmulos, o que fazia?

Antes eu trabalhava fazendo limpeza aqui no cemitério.

Então, por vida, já trabalhou no cemitério?

Por vida. Mas aqui, eu ajudava a mãe dela a limpar o túmulo. A mãe dela ficava até dez horas limpando aqui.

O que te fez vir trabalhar para a Berta, sendo que o senhor cobrava para limpar as capelinhas de outras pessoas?

Ah... aqui eu nunca cobre nada não. A mãe dela era uma pessoa muito boa. Me dava tanta coisa, presentes... então, com aquilo, eu nunca quis saber de cobrar. Até hoje eu nunca cobre.

E não pensa em cobrar? O senhor ainda trabalha cobrando de outras pessoas, certo?

Sim. Tantas pessoas ricas, que não têm tempo de vir no cemitério e pagam para a gente para zelar.

E como soube da história dela pela primeira vez?

O primeiro contato foi com a história do japonês mesmo. Quando ela estava enterrada aqui foi que isso começou a se alastrar. Chegou falando para um e para outro. E todo mundo, com aquela fé, vinha.

Mas como que limpou a capelinha da Berta pela primeira vez?

Eu ajudava a mãe dela aqui. Mas depois que a mãe dela ficou doente, eu disse que iria limpar a capelinha dela.

E lembra da primeira vez que limpou aqui?

Ah, é difícil... São muitos anos. Eu aposentei trabalhando aqui para a Prefeitura, como zelador.

Lembro que me falou de um vandalismo que aconteceu aqui. Por que acha que aconteceu isso?

É gente safada! O cara quebrou aqui a capela e roubou todos os bonecos.

E como ele conseguiu entrar?

Ele quebrou a porta! Ladrão é um bicho danado. Quando quer entrar em um lugar, eles entram! Inclusive, a gente já nem deixa tanta boneca mais.

Como o senhor começou como zelador?

Ah, eu gostava também. E o pessoal estimulava muito a gente, pedia para limpar os túmulos e a gente fazia de bom coração. E aos poucos o pessoal foi conhecendo a gente e foi passando túmulos para limpar. Eu tomo conta de uns vinte túmulos no particular.

E a construção desta capelinha, o senhor já presenciou? Fiquei sabendo que foi doação de uma só pessoa...

Sim. O Agripino. Ele que mandou reformar ela. Trouxe os funcionários dele.

Ele quem pagou tudo?

Material, cerâmica... A reforma inteirinha foi ele.

E esse japonês deu só o terreno?

O japonês deu a capela, mas como ela foi ficando velha, a Eliana queria arrecadar dinheiro para reformar ela. Aí o Augusto estava conversando com o Seu Agripino que disse: “pode deixar que eu vou mandar os meus pedreiros lá para reformar”.

Então o Augusto tem intimidade assim com o Agripino?

Não, o Augusto tinha uma oficina para arrumar carros e um dia ele falou: “Seu Agripino, eu tenho umas bonecas para doar e eu queria fazer uma rifa dela para ajudar a reformar a capela”. E ele respondeu: “Não, dê essas bonecas para as crianças pobres que eu vou pagar a capela por minha conta”.

E o que a Berta significa para o senhor, se fosse definir em uma palavra.

Milagrosa. Ela fez milagre para muita gente que já passou por aqui e falou com a gente.

Finados é o dia que mais recebe visitas aqui?

Sim. E presentes também.

E tem algum outro dia que também tenha bastante movimentação?

Não, é mais Finados mesmo. Antigamente, o dia das crianças era um festão, porque a dona Eliana dava bolo.

Ela dava uma festa aqui?

Aqui fora. Dava boneca para a molecada. Mas isso acabou tudo. Hoje, nesse cemitério, se você for andar, não vai ter ninguém aí para baixo. Perderam o amor pelo cemitério. Antigamente não. O dia dos pais era lotado, o dia das mães. Todos os feriados. Agora acabou. Aqui você não vê uma alma aqui dentro. É até perigoso andar sozinho por aqui. É mais fácil achar um malandro aqui do que pessoas boas.

Então nem mais o dia das crianças?

Ah... O dia das crianças aqui acabou. Era para eu abrir a capela aqui até meio dia, mas nem abro mais não. Não vem ninguém! Para que ficar com a capela aberta até essa hora? Antes era muita gente... Era gente para lá e para cá.

E onde a dona Eliana fazia essa festa?

Aqui na frente dessa árvore. Fazia uns bolos em casa, trazia salgadinhos... Era a coisa mais linda!

E quando foi o último ano que ela fez isso?

Quando a mãe dela ainda estava viva. Perdeu a graça para ela. Boneca agora também ganha pouco, só em Finados. Antes ganhava boneca direto. Hoje você vê poucas bonecas.

O senhor saberia falar um número de visitas em um dia de finados?

Ah, passa mais de mil e trezentas, por aí...

Em um dia inteiro, certo?

É... Mil pessoas passam. Só nessa capela. É fila o dia inteiro!

**O senhor conhece alguma história que considera diferente em relação à Berta?
Que ninguém ainda conheça.**

Tem muita gente. Não dá nem para explicar. Tem muita gente que acredita nela. As meninas da Apec, quantas não vêm aqui trazer bonecas porque passou nos exames.

E sobre a sua família? Como lidam com o seu emprego?

Todo mundo é acostumado com a ideia. Trago as netinhas aqui para ver o cemitério e elas ficam doidas para vir aqui na capela.

Elas conhecem a Berta?

Conhecem. Elas ficam doidas para vir aqui. Mas eu não trago muito não, porque criança dá trabalho, não adianta trazer. Toda vez que eu venho, elas querem vir.

E qual o seu túmulo favorito?

O favorito é o dela, né. Mas o do meu pai, primeiramente.

De quantos túmulos o senhor cuida?

Estou tomando conta de quinze túmulos. Desses anos todos que trabalho aqui. Os caras nunca me deixaram largar. Eu queria, porque já não preciso mais disso, mas eles não querem deixar.

E tem mais pessoas como o senhor que cuidam de túmulos?

Tem uma mulher que cuida de cem túmulos. Aquela da barraquinha ali embaixo.

Qual?

Aquela que vende velas. A dona Cornélia.

Como que consegue?

As filhas dela ajudam ela. Mas eu não quero pegar mais não. Isso dá um trabalho...

ENTREVISTA: Bispo Dom Benedito Gonçalves dos Santos

JUSTIFICATIVA: Bispo da Diocesana de Presidente Prudente

DATA: 22/03/17

Qual a diferença entre beatificação e santificação?

Não, é o seguinte: antes de a pessoa ser santa, como o João Paulo II, antes de ser santo, o que que ele é? Beato é quando ele se tornou beato. O que é beato? Beato é quando a pessoa tem um alto grau de santidade, um alto grau de bondade. Santo é a pessoa que Deus passa a desejar que seja seu intercessor. Então toda pessoa, todos, antes de passar pelo processo de beatificação, de santificação. Antes de ser santo, é beato.

Então o primeiro estágio é...

É a beatificação. O que é a beatificação? É reconhecer uma pessoa que teve alto grau de virtudes. Alta comunhão com Deus. Antes de a pessoa chegar a ser santo, a pessoa torna-se beato.

E a Berta já poderia ser considerada beata?

Tem que ter as provas.

E como que é feito...

Não. Uma pessoa só pode ser beata quando canaliza a razão para o bem. A criança só passa a canalizar a partir dos sete anos. Todo mundo que morre antes dos sete anos, por natureza é... [sorriso]

Por natureza já é santo...

Já é santo, porque a pessoa não tem pecado.

Então por isso todos os santos foram canonizados e têm mais de sete anos?

Tem o São Luiz Gonzaga, com doze anos, quinze anos... Tem santo novinho da vida também. Mas, mesmo assim, é a constituição que dá normas para começar o processo de santidade. O homem só é reconhecido santo quando tem o uso da razão. Diante da sociedade, se a Igreja reconhecer e tudo mais, o trajeto é o mesmo. Muitas crianças que morreram antes da Berta em Presidente Prudente do

mesmo caso. A única diferença é que a Berta, não sei, talvez o modo em que era naquela época, a cidade ficava muito emocionada por qualquer coisa.

É que no caso dela, muitas pessoas passaram a acreditar em milagres que ela fazia. Pessoas pediam, rezavam por ela...

Não, mas por que rezavam por ela? Porque viam mais o sofrimento da mãe do que da filha. Ela adoeceu e morreu. Quem sofreu mesmo foi a família. É igual o Menino da Tábua. Quem era o Menino da Tábua? Ele era aleijado, ficava na tábua, ele teve um longo tempo de sofrimento. Ficava na tábua, muito tempo de repouso, uma pessoa aleijada que provavelmente não reclamava, aceitava, alegre e tudo mais, né? Ela era assim e, de repente, pela meningite, faleceu. Entendeu? Quem sofreu mesmo, o que comoveu mais, não foi tanto a morte, mas a reação da mãe. As pessoas vendo a mãe e o sofrimento e tudo mais, sabe? De qualquer forma, toda pessoa batizada, naturalmente, é santa. É um filho de Deus, que não cometeu pecado, logo vai para o céu, porque o pecado que tem é o pecado original. Quando a pessoa é batizada, ela limpa o pecado original.

É expurgado?

E sem o uso da razão, a pessoa não comete pecados, não é? É santa... [sorriso]

Bom, mas tudo bem. Eu não vou mais atrapalhar o senhor. Qualquer coisa, se houver mais dúvidas, eu volto a entrar em contato e a gente marca um horário certinho.

Eu peguei o telefone dela [Eliana] e disse que vou procurar saber a respeito dos santos, das causas dos santos. Mas tenho quase certeza, o primeiro passo para a pessoa ser canonizada é o uso da razão. E ela, como criança, ela faleceu com quatro anos, três meses e um dia. Então estava muito longe de ter o uso da razão. Muito longe.

ENTREVISTA: Carlos Alberto de Lima

JUSTIFICATIVA: Administrador do Cemitério São João Batista

DATA: 29/03/2017

Vocês possuem o número de visitantes que passam pela capela de Berta Lucia anualmente?

Não tem, porque teve uma época que pegou fogo aqui, foi em 1970, coisa assim, na década de 70. Só que eu coloquei para você lá [na resposta para o ofício protocolado pelo grupo]. Peguei a estatística do ano de 2016 de sepultamento e aí cada sepultamento a gente tem uma base de 20 pessoas e deu 22 mil e pouco, aí eu também coloquei que no caso da Berta Lúcia a gente tem uma margem de, pelo que a polícia militar passou, que nos Finados deu em torno de 5 mil.

Por dia?

Não na temporada de Finados, entendeu? E também coloquei a expectativa sempre gira em torno, segundo a polícia militar que informa mim já há muitos anos, tem vez que dá mais tem vez que dá menos em torno de 30 mil pessoas na época de Finados. Do jeito que tá lá, acho que tá legal para você, a única coisa que eu não tenho é noção de onde arrumei (incompreensível) do departamento jurídico. Já está respondido já.

E no caso, existe em algum lugar uma cópia desses documentos?

Acredito que não porque já passou também do Processo. Foi até bom você ter falado perguntado por isso, já passou pela administração pelo o perito e por mim e quando faz isso é porque não tem.

Então, o senhor não saberia de cabeça mesmo informar o ano em que aproximadamente...

Não. O que eu posso dizer para você é que aqui começou a chegar ossada aqui, pelas informações que eu tenho, começou em 1936. O primeiro livro que a gente tem que começou a sepultar pessoas aqui, a primeira pessoa foi sepultada se não me falha a memória, em maio, foi uma mulher, maio de 1937, e a ossada que era do cemitério onde que é a rodoviária hoje, pelas informações que me passam aqui - eu tenho um pedreiro aí que ele já até se aposentou ele, tem uns 40 anos aqui dentro,

seu Valdecir, ele disse que começou em 1936 e também com outras pessoas já veio fazer pesquisa até mesmo através do Imparcial, já conversei com eles falaram que realmente foi 1936 que começou a vir as ossadas para cá. Tinha documentação, mas pelas informações que eu tenho em meados de 1970 pegou fogo.

E o senhor já era administrador aqui?

Não, em 1970 eu tinha... Sou de 66...

E quando que o senhor começou, passou a ser administrador daqui?

A partir de 2001. Não, a partir de 2001 eu vim para o cemitério trabalhar, eu era encarregado operacional, eu passei a ser administrador a partir de 2009 porque até 2008 era o senhor João Aparecido Silva, inclusive é uma pessoa com quem eu aprendi a trabalhar, uma pessoa formidável.

Ele faleceu?

Não, está vivo também.

Será que ele saberia dar detalhes sobre a Berta?

Não, assim porque o que ele vai falar pra você é o mesmo que eu estou falando.

E o senhor saberia qual que seria a família japonesa que deu o primeiro terreno?

Não, porque já tem mais de 40 anos, né...

E não tem nenhum documento?

Não tem nada, não ficou.

Nem de quem deu o terreno para ela?

Não porque é o seguinte, naquela época se trazia aqui com carroça e era tudo vala comum fazia lá o buraco de sete palmos, então não tinha nada. Que nem, hoje se você me pedir uma estatística do Campal eu tenho, se me pedir uma estatística de 2016 eu tenho. Então hoje a gente já tá digitalizando e colocando tudo em pen drive salvando e tal, caso se acontecer alguma fatalidade a gente tem documento. Agora,

até essas épocas de 1936, 1942, 1940, não tem porque o pessoal dessa época que trabalhava aqui, a maioria eu acho que era até analfabeto pelo que eu ouço falar aí.

Vocês possuem documentos, no geral, de quando faz alteração em alguma capela? Passa por vocês essa autorização?

Hoje sim, no passado não. No passado pegava aqui, trocava lá, inclusive isso é uma dor de cabeça que na realidade, só para você ter uma ideia, a estimativa nossa é que tem em torno de umas 83 mil pessoas Sepultadas, mas se você puxar no cadastro meu aqui, você vai encontrar hoje em torno de umas 54 mil cadastradas, com óbito direitinho. Por quê? Porque a gente vem buscando, a gente vem vasculhando. Outros ao invés da gente ir atrás eles vem atrás da gente, aí a gente aproveita que a pessoa veio e já pega as informações e faz a busca. Que nem, tem um cidadão aí, um chinês, que a avó dele foi sepultada aqui, no livro está constando, só que ele não tem a certidão de óbito, não tem nada, só tá no livro; aí ele quer o que quer que eu faça uma declaração para ele. Como? Eu falei não vou fazer ela foi sepultada aqui em 1979, entende? Como eu vou afirmar? E Outra, o livro é papel, tá desmanchando como que eu vou afirmar!? A maior parte das pessoas que vieram para cá, como eu posso dizer para você... são pessoas que bebiam e o cemitério naquela época era um prostíbulo, então hoje você vai ver aí tudo limpinho organizado; lógico o calçamento não tá... E nem tem como, porque desde 1937 a gente ta fazendo manutenção, mas hoje se você cortar uma árvore e for [fala incompreensível] precisa de um engenheiro, precisa fazer avaliação. As coisas mudaram muito.

O senhor saberia informar quem atualmente custeia a capela da Berta? Porque muitos dizem que é o Agripino. O senhor saberia dar essa informação?

Não, pela informação que eu tenho, seria bom se você conversasse com o seu João da Berta Lucia.

É que como o senhor é o administrador sabe muito mais do que muitos, né, na questão administrativa do cemitério.

Então, mas para mim te dar uma informação tenho que te dar uma informação precisa e com certeza, encher linguíça, como dizia minha finada avó, não é minha

praia. Ou eu te falo a verdade, ou eu tenho conhecimento dos fatos ou eu não tenho conhecimento dos fatos.

Então o senhor não sabe informar isso?

Não sei. Porque são coisas que nunca precisei me aprofundar, digo.

Por que não é do interesse do cemitério?

Não, não vou dizer que não é do interesse, mas é uma coisa que lida com a fé das pessoas, então o que eu tenho que fazer é manter a ordem como está hoje mesmo. Se você for lá, eu mandei pintar e mandei limpar em volta, eu tenho que cuidar da manutenção para deixar em ordem porque aqui eu lido com o católico, eu lido com o Espírita, eu lido com umbandista, então nosso país é um país laico. Eu sou evangélico, por exemplo, a hora que eu entro aqui para dentro eu sou o administrador do cemitério. Minha decisão é pautada na lei porque a ordem de Deus fala que nós temos que ser submissos a lei e ser submissos a Deus então eu vivo dessa forma, graças a Deus tem dado resultado, tenho dois filhos e hoje estão bem graças a Deus, e sempre foi dessa forma. Um se formou em Engenheiro Agrônomo, o outro é Doutor em Administração.

E uma última pergunta, o senhor acredita na Berta? Nos milagres que ela tem causado?

[longa pausa antes de falar] Olha, tudo é possível quando se tem fé, entendeu? Porque é assim, às vezes a tua fé ela move ou remove montanha, entendeu? Então e vou dizer pra você o seguinte, dentro da concepção da minha visão de fé em acredito que vai da sua fé.

Sim. O senhor tem fé nela? O senhor alguma vez já fez um pedido pra ela como muitos fazem?

Não, eu nunca fiz porque eu acredito na ressurreição, eu acredito que Cristo é o nosso salvador, Ele veio para nos redimir dos nossos pecados. Para mim se você acredita nela eu vou te respeitar.

Entendo.

Mas a questão de acreditar ou não acreditar, eu já ouvi muitos relatos de pessoas que, segundo elas, foram contemplados através da Berta Lucia. Fizeram lá e a gente recebe bonecas que ficam aqui, depois a gente repassa para o seu João. Todos eles relatam que receberam a graça da Berta Lucia, então eu não estou aqui para questionar nada. A única coisa é que a minha fé é uma coisa pessoal minha. Qual é a sua, por exemplo?

Bom, a minha... Eu sou da religião católica, na verdade eu fui criada na religião católica, mas no caso deste projeto de pesquisa, o nosso maior desafio é achar a família japonesa que iniciou esse fenômeno.

Acho que aí você vai ter que contar com mais um milagre dela [risos].

[risos] Ninguém sabe, né?!

Ainda mais japonês, que é muito reservado e tal, ainda mais esse pessoal antigo, né. Porque já tem acho que mais de 45 anos que ela...

Que ela faleceu, vai fazer 75...

Não, que ela está aqui.

Ah sim, que ela está aqui. Aí eu não vou saber informar, porque a gente ainda irá levantar justamente o dado de quando ela veio pra cá. O senhor sabe quando abriu o cemitério aqui em Presidente Prudente?

Em 1936.

E na rodoviária, quando que foi inaugurado?

Não, eu não sei.

Não?

Na realidade, eu nem era nascido. Porque se você pegar 1936 e 2017 dá 80 anos? [fazendo conta na calculadora] 81 anos! Eu estou com 50...

Mas tudo bem, mas só as respostas do senhor já...

O que eu puder te ajudar... Agora uma coisa é certa, inclusive tem até uma boneca aí que o pessoal trouxe. Traz boneca pequena, grande, traz carrinho e coloca tudo

lá, e depois eles dão para instituição de caridade. Então às vezes a pessoa vem trazer a boneca para mim, depois eu passo pro seu João da Berta Lucia ou os funcionários passam. As pessoas idolatram, recebem graça, “eu tinha problema de coração e recebi uma graça”, “eu não enxergava, voltei a enxergar”. Então eu não vou questionar, entende? É igual nossos comportamentos, eu respondo a minha fé, ela cabe só a mim.

ENTREVISTA: Ronaldo Antonio Barbosa Macedo

JUSTIFICATIVA: Historiador

DATA: 30/03/2017

A sua formação é na área de história?

História na Universidade de São Paulo... Há muitos anos atrás. [risos]

Então, a nossa ideia principal é que a gente tem um buraco no nosso TCC que é sobre a Berta Lucia, que é o motivo pelo qual o cemitério que era ali, onde fica localizada a rodoviária, e foi para onde ele está agora, que é no São João Batista. Você sabe dizer?

É o seguinte: A cidade terminava ali, né? Se a gente pensar, o segundo bairro da cidade é a Vila Nova. A Vila Nova é aquela área que desce da Manoel Goulart até a rodoviária. Então Rua Luiz Cunha que hoje é uma rua de movimento era uma rua quase que rural, vamos dizer assim. Então o cemitério estava numa área rural e os enterros eram a pé, o pessoal descia e a cidade era um quadrilátero. E mais um bairro que era a Vila Nova em 1919. Aí quando a cidade foi crescendo o cemitério ficou dentro da cidade. Então houve expansão em direção à rodovia, aos bairros da Vila Nova abaixo dela tinha a Vila Euclides, depois a Vila Industrial à beira da ferrovia. Você vê que a cidade foi se expandido e o cemitério ficou dentro. E ali era uma área também de fontes, né? Tem uma caixa d'água lá hoje que era de abastecimento. Então você vai ter comprometimento disso. E a ideia qual era? Tirar o cemitério e levar ele para fora da cidade. Numa área mais isolada que era além do Córrego do Veado, onde é o São João Batista. O Córrego do Veado era uma limitação para a expansão da cidade. Só vai começar a ter movimento depois da década de 60, o Bongiovani, daí começa a abrir aqueles bairros e a Avenida Coronel Marcondes é estendida além do Córrego do Veado. Quando se ultrapassa aquilo, é que você vai ter um acesso a uma área que era antes rural. Aquela área da cidade, essa área onde está o museu hoje, essa área toda do shopping era uma área isolada. Não tinha, a cidade não chegava. Tinha um bairro único que era a Vila Liberdade.

E até pouco tempo atrás não era tão desenvolvido, não é?

Não, não... A partir dos anos 60 que começa a coisa a crescer mais rapidamente. Então quando se ultrapassa uma primeira barreira... Duas barreiras que tinha, na verdade: a ferrovia de um lado e o Córrego do Veado do outro. Que era um rio, não era o que é hoje. Hoje é um parque e tal, que se é canalizado o rio. Mas na época era uma barreira considerável. E o que era o Bongiovani? Era a linha férrea, que foi loteada e transformada num bairro nobre, num primeiro momento. Hoje é um bairro dormitório, um bairro de estudante, de repúblicas. Mas aquele momento, quando se ultrapassa essa primeira barreira, então aquela área começa a se desenvolver. Aí vem o povo nos anos 70, no final dos anos 70, que urbaniza tudo aquilo, se cria avenidas, então você vê que há um desenvolvimento naquela área. Hoje o cemitério já está num lugar problemático, já está comprometendo via de abastecimento, ele tá poluindo, então a ideia de limitar o cemitério para ele não crescer. Mais porque ele já tá interferindo em abastecimento. Poluição de água, aquela coisa toda né? Lençol freático e tudo. Mas no momento em que ele foi para lá era uma área não era nada na cidade. Chácara, né? Em volta do rio e ele ficou no alto numa parte isolada. A ideia de tirar do centro também, por quê? Por esse mesmo objetivo: você liberar uma área no centro que aí foi colocada a rodoviária lá. Se levou, tem até umas histórias meio paralelas, meio ruins [risos] que quem tinha condição de transferir os restos mortais para o novo cemitério, a prefeitura ajudou também. Tudo bem, que não tinha foi de roldão. Eles tiraram a terra dali e jogaram na Quintino Bocaiuva, para aterrar a Rua Quintino B. E nessas... Muita coisa deve ter se perdido [risos]. Era um cemitério comum. Não era um cemitério nem de rico nem de pobre. Era de todos. Então: muita gente foi enterrada lá que era simples, não tinha nessas, pode ter ido muita... Conta-se essa história paralela, né? Que não se fala oficialmente, mas existiu. Tiraram aquela terra toda para poder aplainar para fazer a rodoviária ali naquele lugar. A rodoviária era uma... Cheguei ver funcionar ainda era um arremendo [sic] de rodoviária. O ônibus para e tinha umas lojinhas onde você vendia as passagens. Precária, onde é hoje o terminal urbano que melhorou porque derrubaram tudo aquilo, era uma coisa que o ônibus entrava e saía e para uma cidade que estava crescendo aquilo era acanhado, então precisava de uma rodoviária. Hoje a atual já é acanhada, para o tamanho da cidade e pelo o congestionamento que ela causa ali. Mas no momento que ela foi para lá, mais no final dos anos 50, anos 60 né? Você vê que era uma necessidade, então ela foi para o lugar que estava na... Ainda a cidade estava próxima da rodovia que aquela área

não estava tão desenvolvida, hoje o trânsito está impossível, ela congestionada e não só por isso, porque a entrada e saída é Avenida Brasil, sempre foi. A primeira porta de entrada, na verdade era uma estrada né, e agora Avenida Brasil. E hoje ela está com mil e um problemas, é trânsito, veículos e transporte de cargas, é ônibus de longa distância, é carga, ônibus urbano, automóveis, então tudo ali gira naquela avenida. Hoje a rodoviária é um obstáculo naquele lugar, ela deveria sair daí e ir para o lado da rodovia. Colocar linhas de ônibus que rodassem até lá, transportes paralelos como taxi e essas coisas. No momento em que ela surgiu, ela foi importante, daí a ideia de tirar o cemitério de lá que já estava dentro da cidade me funções de todos esses problemas e isolar o cemitério. Hoje o cemitério já tem dois né? Já tem a outra lá, o campal que na verdade é fora da cidade, indo para o Ana Jacinta. Então na verdade a tendência seria essa, ficar fora da cidade. Por que assim, não é por acaso não, porque há uma necessidade, há esse problema de poluição de lençol freático, ele vai crescendo indiscriminadamente como cresceu o São João Batista, que era um cemitério pequeno e hoje ele é imenso e a cidade já não comporta um cemitério daquele tamanho, então tem que desdobrar em outro, não é? Então já não tem mais condição de sepultar.

E o ano certinho que...

Olha, eu não tenho bem certeza, não sei se na rodoviária tem algum registro, mas que eu saiba foi depois dos anos 50 pra 60.

A próxima pergunta era sobre qual era o contexto do município, como a população era constituída, de onde vinha esse pessoal?

Prudente sempre atraiu muita gente de fora, na verdade ele foi construído por gente de fora, a não serem os fundadores que também não eram daqui, mas que vieram para cá, italianos, espanhóis, alemães, suíços, veio sírio-libaneses né? Muitos que têm as famílias aqui até hoje, então na verdade ela foi se constituindo desde os anos 20, como foi à fundação e depois a colonização da cidade, foram famílias de fora, muitas atraídas pelo café e também pelo comércio. Não é à toa que o comércio de Prudente é forte, ele já surgiu num primeiro momento. Do comércio de transformação, indústria de transformação que era beneficiamento de café, cereais de tudo né? E um comércio paralelo para atender armazém, era secos e molhados, era abastecimento da população. Os sírio-libaneses dominaram muito isso no

começo, as primeiras famílias. Aí nos anos 50 começa a vir, a cidade dá uma levantada por causa do algodão, 40, 50 e 60, você que o algodão deu uma mexida na cidade e o que transformou a cidade foi o ciclo do algodão. Indústrias né, Matarazzo, Anderson Cleiton, a Lótus, a Sambra, então começaram a vir para cá e isso daí deu um enriquecimento na cidade e atraiu muito mais gente. Aí vem hospedagem, os hotéis no centro da cidade, a vida noturna no calçadão antigo, que não era calçadão, mais era uma via de acesso. Você tinha casas noturnas, tinha restaurantes, tinha as rádios, auditórios de rádio, faziam shows ali. Então de repente começa a se movimentar, a cidade cresce nesse momento, ela perde aquele ar de provinciana e se torna um centro regional.

E é muito rápido né, o crescimento da cidade?

É rápido, Prudente sempre foi muito rápido desde o começo. É uma cidade que teve uma evolução muito rápida desde o começo, porque cidades levaram cem anos e ela levou vinte, no máximo. Em função do que? De ser, ela congregou para ela assim toda a atividade paralela, então tudo se transformava em Prudente. Prudente era um ponto de recepção e se levar adiante. Então com a ferrovia, com as rodovias que começam a serem construídas e as estradas de acesso. Então você vê que elas se tornam um cento nevrálgico da região inteira, ela absorve tudo e ela também leva adiante tudo o que se transforma aqui, era um centro de negociação, um centro de recepção, um centro administrativo que depois dos anos 70, ela vira uma capital regional, de governo, daí a importância dela para a região inteira. Isso foi muito rápido, em setenta anos ela já era uma capital. A região se acanhando, foi se acanhando, hoje você vê que são cidades que surgiram antes de Presidente Prudente. Indiana, Santo Anastácio, Regente Feijó, você vê tudo isso surgiu antes, Eptácio, de repente se encolheram e Presidente Prudente se expandiu. Até hoje ela atrai, vem gente da região inteira trabalhar inclusive. Então não adianta porque ela alcançou um patamar que as outras não alcançaram em muito tempo, apesar de terem surdido antes.

E às custas desses municípios né? O pessoal saí de lá para vir para cá, vem aqui para fazer compras e tudo mais né?

Sim, inclusive não é à toa que o SESC trouxe uma regional para cá, comércio significativo se não ela não teria vindo. Apesar que o trabalho de trazer, a

Associação Comercial é forte e o comércio que sustenta praticamente a cidade. O comércio, a educação agora com as faculdades, que vem gente do Brasil inteiro para estudar em Prudente, mas assim o comércio é uma atividade forte, não se tem indústrias significativas, se pensar são indústrias familiares a maioria, a Funada, a Liane, você vê que são polos familiares, são indústria pequenas que nem as indústrias automobilísticas, por exemplo, não tem. Já teve a Cica foi embora, esteve aqui até os anos 90. Ela foi uma indústria nacional, o Matarazzo também era uma indústria nacional, também foi embora nos anos 60, 70. Então você vem que há uma imigração por falta de matéria prima, por desinteresse também administrativo de manter esse tipo, então se perdeu mão de obra, a Cica foi interessante aqui, ela foi uma indústria conhecida.

Ela se instalava e depois...

É, depois iam embora porque assim, se faltava tomate por exemplo, deu praga, deu doença, então não tem matéria prima ela vai embora, vai procurar áreas que favoreçam. E foi isso que aconteceu gradativamente, então Prudente não é uma cidade industrial, é uma cidade comercial que é a vocação desde o começo dela.

É interessante você falar, você pegou justamente o que a gente precisava que é nos anos 40, que é na época que a menina morou aqui em Prudente, que a família se mudou, passou pelo Rio de Janeiro e veio pra cá. É interessante mesmo a gente saber e poder utilizar.

A gente tem que pensar Brasil, anos 40, Segunda Guerra Mundial. O que se exportou para fora foi muita coisa, e Prudente pegou justamente, final dos anos 30, quando se incentiva o ciclo do algodão no estado inteiro, exportação de algodão, não só algodão, a menta. A menta era um produto nobre que o fechamento do mercado japonês com a guerra dos Estados Unidos e do Japão, o Brasil abriu uma porta imensa. Então Prudente foi o maior produtor de óleo de menta do Brasil, por isso que ela está na bandeira inclusive, na bandeira não está o café, está o algodão e a menta por quê? Porque ela levantou não só Prudente, Machado, a região inteira. Ameliópolis, por exemplo, era mentolândia lá se plantava muita menta, para você extrair o óleo da menta e exportar para os Estados Unidos, que era para a indústria de aviação e farmacêutica e tinha cotação diária, então era cara, um produto caro para você extrair. Você tinha que ter um alambique de cobre para você tirar, ela

rendia pouco e você tinha que extrair o óleo. Era caríssimo para vender para fora, então Prudente era abastecedor do mercado internacional por questão de seis, sete anos no máximo e depois acabou. Quando acabou a guerra, esse ciclo desapareceu, aí abriu o mercado Japonês de novo. Isso aí é uma tradição japonesa que veio para o Brasil que eles trouxeram e aqui foi desenvolvida. Muita gente faliu, algodão, menta, e você vê o mercado de fora absorvendo, e Prudente foi um grande produtor de algodão, de fibra de algodão, de óleo de algodão, de subproduto que ia para o gado. Então de repente era uma coisa que se transformava aqui que refinava fora, mas o primeiro momento era aqui. Quantas indústrias de transformação de algodão tiveram na cidade? E é nos anos 40, justamente na Segunda Guerra Mundial. Aí vem hotéis, rádio. O rádio começa nos anos 40, a primeira rádio em 1945, se não me engano, por aí, não, antes até, em 45 ela já estava em atividade. Veio uma segunda rádio nos anos 50, jornais, dois jornais em circulação, o jornal na verdade só quem lia era a elite, alfabetizada que a grande maioria era analfabeta. Isso cresce, começa a vir gente para Presidente Prudente, para trabalhar com algodão e nos paralelos, não só algodão. Gera trabalhos, gera comércio, gera capital, então era o momento em que a cidade vai dar uma levantada. 40, 50 e 60, ela dá uma levantada, aí você vê que ela dá uma subida, que aí depois vem a agropecuária que vai empurrar até os anos 80, 90, que também é a capital do nelore e depois da uma caída disso e hoje é comercial.

Legal, era justamente isso que eu precisava Ronaldo. Você conhece a história da Berta Lucia? Já ouviu falar?

Mais ou menos, não fui a fundo não. Sei que tem... Você vai no cemitério tem toda aquela coisa, o pessoal leva brinquedo, leva um monte de coisa. Mas assim, eu não me detive muito não, porque eu achei que era uma coisa que o povo desenvolveu né? Não é porque é uma coisa que o povo desenvolveu, pra cidade em termo de conhecimento, em termo de modificação não traz muita, muita relevância. Tem assim em termos de crença, que a religião em Prudente nunca foi prioridade, se você pensar que isso aqui não é um patrimônio que nasceu em torno de uma igreja, a cidade nasceu e a igreja veio depois da criação da cidade. Tem muito patrimônio no Brasil inteiro, principalmente São Paulo, que se cria uma capelinha e em volta da capelinha gira uma vilinha, que vai virando uma cidade. Aqui não, a cidade surgiu, depois que se trouxe em função da formação do fundador que era católico, essas

coisas, e não só ela como todas as igrejas. Os japoneses trouxeram o budismo, as igrejas evangélicas também chegaram depois, então se vê que é uma coisa que não é a relevância, ela surgiu com um objetivo, venda de terra. Se ela virou uma cidade que depois não era o primeiro momento a ideia de se transformar isso em um centro, mas virou de repente e por isso ela tem uma série de problemas até hoje. Ela não foi planejada, ela foi crescendo. À medida que se havia necessidade se abria bairros, desmatavam, puxavam as estradas que acabaram virando ruas e avenidas. O centro da cidade é congestionado por quê? Porque ela não nasceu para isso, ele nasceu com outro objetivo que cresceu e de repente...

Ele ainda tem as proporções de vilas né?

Exatamente, você vê o centro, você vê o começo da cidade, quatro avenidas e aquele nucleozinho [sic], então é isso que aconteceu. A cidade surgiu com um objetivo que foi se transformando e se perdeu o controle, porque foi muito rápido, ninguém esperava que isso fosse tão rápido, mas foi, foi de repente surgindo os problemas logo no início, e até hoje alguns sem solução, então é isso.

Eu acho que é isso mesmo, muito obrigado viu Ronaldo.

Imagina, se ajudou... [risos]

ENTREVISTA: Altino Oliveira Correia

JUSTIFICATIVA: Repórter de matérias sobre Berta Lucia

DATA: 13/04/2017

O tema do meu TCC é sobre a Berta Lucia, como eu havia explicado um pouquinho para o senhor, só que nós estamos tendo um problema muito grande que é conseguir unir as histórias e saber de fato qual é a verdadeira, porque são muitas histórias sobre a Berta, né...

Eu conheci a história da Berta Lucia, mais ou menos na década de 60, sabe? Ela morreu em 1944, e eu vim para Presidente Prudente, trabalhava em rádio a partir de 1950 e aqui no contato mais diretamente com Presidente Prudente, e aí que eu tomei conhecimento. Foi na fase que os restos mortais tinham sido removidos para o cemitério São João Batista. E o primeiro cemitério de Presidente Prudente funcionou na Praça dos Pioneiros, ali do lado do terminal rodoviário, da Sabesp e tal. Então o cemitério começou ali, mas chegou num ponto que era insuficiente para atender a comunidade, por volta da década de 60, entenderam que havia a necessidade de incorporar outro cemitério para poder acolher os restos mortais da população. E daí decidiu então conseguir a área da implantação do cemitério São João Batista, ali do lado do Bongiovani, na Avenida da Saudade. Decidiram então encerrar as atividades do cemitério na Praça dos Pioneiros. Todos os corpos foram removidos, houve exumação e transferência para o cemitério oficial. Dentre dos que foram removidos, estava os restos mortais de Berta Lucia. Uma menina que morreu de meningite em 1944, ela nasceu no dia 15 de novembro de 1939, e morreu no dia 16 de fevereiro de 1944. Com quatro anos e três meses de idade, ela foi sepultada no cemitério da Praça dos Pioneiros, e depois com a remoção dos corpos que haviam sido sepultados na Praça dos Pioneiros, foi removida para o cemitério São João Batista, onde estão até hoje né? É uma capela construída na sepultura e essa capela está aberta para a comunidade, e ela é a mais visitada no dia 2 de novembro, dia de Finados. Chega formar até uma procissão, são muitas as pessoas devotas que a procuram exatamente para agradecer, para pedir alguma graça, alguma coisa. E aqueles que se consideram contemplados com essa graça deixam um lembrança, que seria um brinquedo, uma boneca, lá nessa capela. E a família dela desde o início reuniu todo o material que foi depositado na capela para atender crianças e creches, orfanatos, instituições ligadas a criança. Então fazem a distribuição, isso é

normal desde quando ela foi sepultada lá no cemitério São João Batista. O cemitério também chegou num ponto que superlotou e não tem mais condições de acolher, aí fizeram a encampação do cemitério Parque da Paz, que era do velório Athia, do grupo Athia, então foi desapropriado e a prefeitura assumiu e passou a sepultar lá. Agora são poucos os sepultamentos no São João Batista, a não ser para quem já tem o espaço reservado.

E como o senhor teve esse primeiro contato com a história da Berta?

Em princípio fazendo rádio há mais de 30 anos, eu entendi que no dia de finados o que chamava a atenção exatamente era esse fato. Primeiro a missa dos mortos, depois a procissão que se formava ali, então isso chamava muito a atenção. Aí então passamos a fazer matérias e levantar alguns dados. Eu fiz muitas matérias para os jornais, fui correspondente da Folha de São Paulo, que a folha tinha uma rede de jornais, incluindo o Notícias Populares, então era matéria que figurava com destaque né? Fiz várias matérias. O que me chamou a atenção foi esse aspecto da fluência muito grande de pessoas.

O senhor realmente acredita que a Berta faz milagres?

Pelo testemunho de pessoas que recorreram a ela, porque a ela são recorridos milagres, então eu acredito que cada um tem a sua fé e sente contemplada, e são essas pessoas que aparecem, levam brinquedos, bonecas, numa demonstração de fé e reconhecimento pela graça recebida. E daí, de ano a ano vai aumentando. Não é o primeiro caso que a gente conhece, não sei se você já ouviu falar do caso do menino da tábuca? Eu fiz matéria para a televisão lá em Maracaí. Nada mais era um garoto que tinha um problema de deficiência física, e daí a família preocupada resolverá criar para ele um carrinho de rolimã, o menino então sentado naquele carrinho de rolimã e saía com o apoio das mãos se locomovendo. Aí começou haver aquele interesse pelo menino, o menino da tábuca, que dava conselhos e ajudava o pessoal a tirar as suas dúvidas em questão de fé, admitiu milagres e então virou história, virou lenda. E eu fui lá fazer matéria, tem túmulo montado em Maracaí.

Tem uma igreja lá também né? Há ainda uma manifestação por essa fé né?

Tem, tem, exatamente. Tem um pessoal muito temeroso, gente simples, tanto que fizeram inclusive uma música. Uma música sertaneja que evidenciava a

personalidade do menino da tábua. As pessoas vinham até do exterior em busca de milagres.

E por que o senhor acha que esse fenômeno que aconteceu, os dois né, mais principalmente focado na Berta, aconteceu há muitos anos atrás. Porque que até hoje tem tanta visibilidade?

Sim, é uma veneração né? Eu conheci outro caso também, mais ou menos similar da Berta Lucia, em Presidente Epitácio. Não se você conhece o cemitério de Epitácio? Chamou-me a atenção e eu fui lá fazer uma matéria, é o Horto da Igualdade. O cemitério tipicamente regional, com muitas flores. Ao invés de túmulos é formado um canteiro de flores. No local do sepultamento consta uma plaquinha com o nome, o dia que nasceu e o dia que morreu. Epitácio começou assim, todas as sepulturas que deveriam ser feitas, eram cobertas de flores, rosas, rosas brancas, rosas vermelhas, um jardim, o Horto da Igualdade, não tem rico e nem pobre, todos são iguais. O que eu posso dizer a você sobre Berta Lucia, é que eu conheci a história narrada pela mãe Dona Ana, que foi muito minha amiga, o Roberto Galvão, que tinha uma agência de turismo, e tinha outra que é viva até hoje e que é funcionária pública, a Eliana Galvão Martinelli. O que eu posso dizer a você é que Berta Lucia é uma figura muito popular, a quem são atribuídos os milagres, muita gente se diz curada ou contemplada com as graças, pela fé e tal, então é essa a história dela. Interessante que eles abriram um esquema no cemitério, que antes era um túmulo e depois alguns com imagens, foram melhorando o aspecto, e eles criaram o esquema que transforma a sepultura em capela, uma capelinha onde deposita as fotografias, lembranças, flores e etc. E daí conserva a tradição e a lembrança da pessoa que é sepultada. Então veja bem, se ela nasceu em 1939, teria hoje 60, 70, quase 80 anos né? 78 anos, a idade da minha mulher. Uma menina de quatro anos e pouco, que perpetuou para a história. Gente que não conheceu, mas que vai levado pela crença, pela fé, pela religiosidade, vai ao cemitério frequentemente, e mais no dia de Finados.

E como jornalista, sua visão como jornalista. Por que os jornais se interessam tanto por esse assunto mesmo depois de anos do acontecimento e todo o dia de finados?

O povo gosta, tem que preencher o espaço do dia a dia, e sempre tem motivação. Nessa questão da Berta Lucia, além de jornal, eu fiz matéria para a televisão. Eu fazia o jornalismo da Globo em Bauru, a primeira emissora de tv da Globo no interior do Brasil, e eles criaram lá na emissora o jornal das sete e eu trabalhei três anos e pouco lá. Então eu fiz matéria no Dia de Finados, lá no cemitério entrevistando as pessoas, mostrando, falando e tal. Isso também fez parte do meu esquema. Depois na TV Bandeirantes, estive lá oito anos, onde também fiz matérias, fiz várias matérias, fiz matérias de igreja, aqui tem uma Igreja que mais despertou interesse, fiz matéria para a rede vida. Uma matéria de muita repercussão, lá em Anhumas, a Igreja de Santa Luzia, uma paróquia de 75 anos, uma das mais antigas paróquias aqui da região. Nós fomos fazer uma matéria dos 75 anos da paróquia, o que mais me chamou a atenção anos anteriores e depois eu reativei a matéria, é o aspecto das telas pintadas lá na igreja. Existiu um pintor italiano que prestou serviço aqui na região, e elaborou muitas telas e nas telas ele mostrava cenas bíblicas, Jesus, Maria, a comunidade, então a Santa Ceia e o padre aparecia junto com a Santa Ceia, além do padre, figuras da época, crianças, jovens, essas pessoas mais ligadas ele colocava nas telas também, na igreja. Está lá até hoje, lá em Anhumas, na Igreja de Santa Luzia, eu vou te mostrar o vídeo, você vai conhecer melhor. Aí eu fui fazer a matéria de 75 anos da paróquia, celebrada pelo Bispo, uma festa muito grande e tal. Nesta matéria eu entrevistei o padre, que era o padre Nivaldo e ai diante da tela pintada o padre de 50 anos atrás, na entrevista eu perguntei se ele estivesse no lugar do Sacerdote que aparece nessa tela, ao lado de Jesus como é que o senhor se sentiria? Ele respondeu com muita fé e consciência, e dois meses depois morreu de câncer. É um negócio interessante né? Eu entrevistei outro padre que era de Venceslau, padre Nicolau. Atuou muitos anos aqui, era italiano. Ele se aposentou e fez a despedida da comunidade, era muito querido lá. Ele se despediu e tal, e eu fui fazer a matéria da despedida dele, ouvi pessoalmente pessoas que ele casou, que ele batizou, o ouvi falando também da despedida e tal, uma festa muito bonita. Aí ele foi para a Itália, já aposentado para viver com a família, e dois meses depois também morreu, então ficou para a história.

Ficou né, tipo o caso da Berta né?

É, é verdade viu. Então com relação à Berta Lucia, o que eu posso dizer é isso que existe uma credence popular num é? E que ela é milagrosa, praticamente se

envolveu com muitas pessoas que acreditavam e atribuíram a ela milagres, verdadeiros milagres. Então a história continua.

E o senhor acha também como jornalista que em algum dia a Berta Lucia vai deixar de virar notícia?

Tudo depende da crença de cada um, se a pessoa acredita eu acho que a fé remove montanhas, então não tem dificuldade nenhuma.

E como que era a dona Ana? O senhor é uma das únicas pessoas que eu sei que a conhecia.

A dona Ana era uma pessoa muito simples, humilde. Uma pessoa bastante temerosa e principalmente simples, vivia na simplicidade. Uma vida bastante delicada, não conheci o marido dela, se era viúva ou o que era, só conheci os filhos que foi o Roberto e a Eliana. Eu não sei se teve netos, também não conheci, não tive a oportunidade de conhecer. Mas devido às matérias que eu fiz, pude conhecer um pouco da vida dela e do Roberto.

E o que os dois falavam sobre a Berta?

Lembravam da saudades, dizendo que foi marcante na vida deles, a vida de pai, de irmão, que ela realmente foi uma figura de muita alegria e que a morte deixou um vazio muito profundo, isso foi então o que a gente pode constatar.

Quando se popularizou a história da Berta Lucia, junto veio um boato de que uma família japonesa havia dado o primeiro terreno para ser enterrado a Berta. O senhor saberia dizer o que foi?

Não, isso aí eu não sei. Como ela foi sepultada na Praça dos Pioneiros, que foi um dos primeiros cemitérios de Presidente Prudente, eu não pude acompanhar. Fui saber quando já estavam os restos mortais no cemitério São João Batista. Em função dessa crendice e dessa informação de que era atribuídos milagres a ela me chamou a atenção para acompanhar as matérias e ouvir as pessoas. Muitos nas filas diziam das alegrias de que alcançaram uma graça, pediram a intervenção dela e ela interviu. Isso daí é uma questão de crença, de religiosidade.

Eu não sei se o senhor já ouviu falar, mas também é um boato que corre na cidade. É de que o Agripino Lima é uma pessoa que crê muito nela, e que é ele quem faz todas as reformas na capelinha, o senhor teria essa informação?

Não, eu desconheço. Pode ter sido feito sim, só o fato de ele ter tido a iniciativa de criar um Santuário né, Morada de Deus, uma capela moderníssima por sinal. Só isso daí já evidencia a crença dele. Depois aquela história dele de que se encontrou com Jesus e tal né? Aquilo provocou um impacto muito grande, mesmo porque foi gravada uma música pela a dupla Teodoro e Sampaio, um material encomendado para contar a história do Agripino Lima e sua crença em Jesus de Nazaré. Então essa música que foi de iniciativa da dupla Teodoro e Sampaio, logicamente foi paga, foi financiada. Ele mandou fazer 25 mil cópias para distribuir gratuitamente para a população. Muita gente tem, eu recebi também um como lembrança, mas não sei onde está. Ele mandou fazer e distribuiu, contando a história dele, do encontro com Jesus e o que levou a construir a Morada de Deus. A informação que ele deu foi que Jesus disse a ele “Você precisa construir uma igreja, você vai refazer sua vida construindo uma Igreja, um Santuário, Morada de Deus, Jesus de Nazaré”. Essa é a lenda, não sei se é verdadeira. Eu fiz várias matérias sobre a via sacra, as visitas, o padre Marcelo Rossi esteve presente e trouxe a imagem de Nossa Senhora da Agonia, que foi doada por uma pessoal de Minas Gerais. Tudo isso fez parte desse Santuário que é praticamente uma atração turística, é um turismo religioso que poderia ser mais bem propagado, mas esta aí como assunto de interesse coletivo, especialmente de Prudente.

Na época que as notícias da Berta começaram a se popularizarem o Imparcial adotava um estilo diferente, os repórteres não assinavam as matérias. O senhor conhece mais jornalistas que tiveram contato com a realidade, que fizeram matéria assim, na época que a dona Ana era viva?

Olha, eu posso dizer o seguinte, eu fiz várias matérias para a Folha, Notícias Populares e essas notícias repercutiram e inclusive em âmbito nacional. Mas depois disso o assunto virou comentário obrigatório de rádio, televisão, de revistas especializadas, revistas religiosas. Então sempre o assunto repercute, a notícia tem a sua origem e depois tem a sua repercussão, foi o que aconteceu com Berta Lucia.

ENTREVISTA: Cristiana Cícera Brito de Sá

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 21/04/17

Quem foi a Berta Lucia para você?

Uma graça que recebi no passado.

Qual seria?

Que pedi pela saúde da minha filha.

E o que ela tinha?

Uma leucemia e os médicos me deram só um mês de vida, mas ela curou minha filha. Hoje ela está com 20 anos, está casada e esperando um lindo bebê.

Que com a graça de Berta Lucia, vai vir com saúde.

Vai ter muita saúde sim. Tenho certeza. É um menino, vai se chamar Bernardo.

E como você soube da Berta Lucia?

Desde criança minha mãe era muito devota a ela.

E ela te contava histórias sobre a Berta?

Sim, todo domingo íamos lá.

Na capela da Berta?

Sim.

E sua mãe também fez pedidos para a Berta?

Sim, mas hoje ela não mora mais conosco. Deus a levou.

Quando ela faleceu? E como se chamava?

Foi em agosto de 2013. Ela chamava Anizia.

Entendi... Sinto muito. A Berta atendeu o que ela pedia?

Sim, mas não me pergunta, porque não sei o que é.

Tudo bem. E fora esse pedido que fez para sua filha, fez mais algum?

Não, agora peço pelo meu neto, que possa vir com muita saúde e que ela ajude minha filha na hora do parto.

E de que forma acha que Berta Lucia te ajudou quando pediu que ela ajudasse sua filha?

A cura que nem os médicos acreditavam.

Como é o nome da sua filha?

Lorrana Policarpo das Neves.

E fora a Berta, você acredita em outros santos?

Sim, mas a confiança nela era mais.

Por quê?

Não sei te explicar.

Pode ser da forma mais simples que conseguir... Tem mais fé nela que em outros santos?

Sim, quando mais precisei ela me atendeu.

E para quais outros santos você rezou?

Para falar a verdade, para mais nem um. Minha mãe sempre ensinou a confiar nela.

Você chegou a agradecer a Berta de alguma forma?

Sim, levei o que tinha prometido.

O que prometeu?

Uma boneca e dizer a algumas pessoas sobre ela.

Por que uma boneca?

Por ela ser criança como minha filha era.

A sua filha ficou mal quando era criança?

Quando tinha seis meses.

E ela foi curada quando?

Ainda bebê.

Pouco tempo depois do pedido feito à Berta?

Sim, mas levou mais um longo tempo de tratamento. Mas hoje está totalmente curada.

Que bom! Fico feliz.

Graças a Deus, depois à Berta Lucia.

ENTREVISTA: Luiz César Teixeira da Silva

JUSTIFICATIVA: Devoto de Berta Lucia

DATA: 23/04/2017

Como conheceu a Berta Lucia?

Em 1997, Eliane me disse sobre a santinha Berta Lucia, logo fomos visitar sua capela.

Quem é Eliane?

Minha esposa, na época era minha namorada.

Ah sim. E como foi essa visita, o que representou para vocês?

Senti que era um lugar onde estava sepultada uma pessoa muito especial, mas no início não tive muita fé, eu tinha apenas 16 anos e pouca fé.

Quantos anos tinham quando fizeram o primeiro pedido à Berta?

Foi no mesmo ano, a Eliane engravidou da nossa primeira filha e teve complicações, teve um sangramento. Eu tinha 16, ela 19.

Foram muitas tentativas de gravidez até conseguirem?

Não, da nossa primeira filha foi só uma vez

Ah sim. O nome da filha de vocês é Berta Lucia, certo?

Sim. Foi uma promessa que minha esposa fez, que se ela nascesse com saúde colocaria o nome dela de Berta Lucia.

Tem mais filhos?

Sim, temos a Maria Valentina com 11 meses.

Tem alguma relação com a Berta?

Sim, quando decidimos ter mais um filho minha esposa engravidou rapidamente. Quando ela estava com dois meses, ela teve um aborto. Foi um momento muito difícil pra nós. Tudo que a gente tinha conquistado perdeu o sentido. Berta, nossa filha, já tinha 18 anos e minha esposa, 38, e não queríamos que a Berta, nossa filha,

ficasse sozinha sem irmãos. Era nossa última chance por causa da idade, tínhamos medo de morrer e a Berta ficar sozinha.

Nossa... Então foi feito um novo pedido a menina Berta Lucia, que foi atendido.

Pedimos pra santinha que nos ajudasse pra minha esposa engravidar de novo. Quatro meses depois ela engravidou. Com cinco meses de gravidez, ela teve um descolamento de placenta, quase que ela perdeu a gravidez de novo. Todo pré-natal que ela ia em Prudente, a cada vinte dias, a gente passava na capelinha e levava uma boneca, fazíamos uma oração e pedíamos pra ela proteger nosso bebê. Hoje, a Valentina tem 11 meses e a cada 30 dias vamos na pediatra em Prudente. Toda vez passamos na capelinha, levamos uma boneca e fazemos uma oração e agradecemos muito, pois temos muita fé. Tem muitas outras coisas que pedimos pra ela e ela nos ajudou, como, por exemplo, Berta, nossa filha, conseguiu uma bolsa integral do curso de pedagogia, coisa que eu não tinha condições de pagar.

Que bacana!

Elas são um presente que a santinha Berta Lucia ajudou a Deus nos dar. Uma vez, eu fiz um pedido e esqueci de cumprir minha promessa. Por um bom tempo fiquei sonhando que eu brincava de bola com uma menina e o campo ficava dentro de um cemitério. Eu não lembrava do retrato da santinha Berta Lucia. Um dia, eu e minha esposa fomos visitar a capelinha e eu olhei o retrato. Era a menina que eu sonhava e tinha prometido levar uma bola e tinha me esquecido. Fico muito emocionado de lembrar disso até hoje, pois já faz uns 10 anos que isso aconteceu e aumentou ainda mais minha fé. Tenho certeza que ela ajudou muita gente, pois se temos fé com certeza ela está do lado de Deus e vai interceder por nós.

O que a fé na Berta significa para vocês?

Sei que ela está ao lado de Deus e quem tem fé e pedir a ela, com certeza ela vai interceder por nós.

ENTREVISTA: Eloisa Aparecida de Freitas Souza

JUSTIFICATIVA: Devota de Berta Lucia

DATA: 24/04/17

Então quem foi Berta Lucia para você, Eloisa?

Berta Lucia foi pra mim uma santa que me ajudou muito, no momento que eu estava precisando muito dela.

E como que você soube dela?

Eu soube dela, é... Eu sempre soube dela, minha mãe sempre me levou na capela dela, desde que eu era criança. Eu sempre soube das histórias da Berta Lucia.

Qual foi o pedido que você fez pra ela?

O meu pedido foi pelo meu filho, que ele teve um problema, uma doença do pânico. E eu precisava muito. Fiquei muito desesperada, e resolvi pedir para ela me ajudar.

E acredita ter sido atendida por ela?

Sim, acredito ter sido atendida por ela. E ele começou a se recuperar muito rapidamente, desde que eu fiz o pedido e eu sou muito grata a ela até hoje.

Como que você acredita que Berta Lucia ajudou?

Acredito que... Que ela me ajudou intercedendo a Deus, como ela é uma santa, ela conseguiu diretamente chegar ao lado Dele e interceder pelo meu filho, que tão pequeno... Precisava dela.

Quando você recebeu a graça pro seu filho, quantos anos ele tinha, Eloisa?

Ele tinha cinco anos. Agora está com 15 anos. Ele se chama Vinícius.

Além da Berta Lucia, você acredita em outros santos? Chegou a rezar por mais algum pelo que precisava?

Sim, acredito, acredito muito em Nossa Senhora Aparecida. É... Não posso te dizer que não pedi também, porque num momento desses a gente acaba intercedendo para quem a gente acredita mesmo, eu acabei pedindo também para Nossa Senhora Aparecida.

ENTREVISTA: Francisco Ferreira Nobre

JUSTIFICATIVA: Devoto de Berta Lucia

DATA: 24/04/2017

Seu Francisco, quem foi Berta Lucia para o senhor?

Eu tenho muita fé nela, primeiramente Deus e depois Berta. Eu peguei o retrato dela e cheguei lá e mandei tirar e coloquei aqui em casa.

Qual foi o pedido que o senhor fez para a menina?

Eu morava fora, e lá fiz um exame que o médico disse que já estava uma ferida, e falou que não tinha cura. Era uma dor no estômago que sentia como se fosse uma gastrite, mas ele disse que gastrite não era e me dava remédio, mas não valia nada. Aí mataram o meu filho e eu fui no cemitério visitar, perto do túmulo dele tinha uma turma lá. Aí eu fui lá ver o que era e um velhinho falou que ali era o túmulo da Berta Lucia. A gente pode estar sofrendo o que for, primeiramente em Deus e depois pede para ela que a pessoa é curada. Aí eu entrei para dentro da capela, me ajoelhei e comecei a pedir e rezar. Uma mulher perguntou se eu estava sentindo alguma coisa, respondi que não. Ela questionou o porquê de estar chorando, e eu estava chorando sem perceber, era aquela fé viva que a gente tem.

Então o senhor acredita que ela atendeu o seu pedido?

Foi, e lá tem uma torneirinha, então eu ia lá e bebia três goles de água e passava a mão molhada em cima da dor. Não foi nem dois meses e aquela dor sumiu, eu balançava e nada, não sinto nada e como de tudo, graças a Deus. Eu vi que eu ia morrer com aquilo.

E o senhor visita a capelinha?

Eu vou direto, direto eu vou lá.

Então o senhor ficou sabendo sobre a Berta lá no cemitério mesmo?

Sim, eu vi aquele monte de gente reunido e ainda pensei que alguém tinha morrido, quando cheguei lá e vi aquele monte de gente com bonecas e brinquedos. Fiz uma promessa que era dar uma boneca e rezar um terço, mas ninguém da minha família não quis ir rezar esse terço comigo. Aí eu pedi para Deus e para ela que toda vez

que eu fosse eu rezasse um Pai Nosso com três Ave Maria e três Santa Maria, nem que passe de um terço, mas eu estou cumprindo a minha promessa, toda vez que eu vou.

E já faz quantos anos que o senhor visita a capela?

Faz tempo, foi logo quando eu vim do Paraná, tem mais de 15 anos. Eu tenho muita fé nela.

APÊNDICES

APÊNDICE A
PAUTAS

PAUTA – 01

PROPOSTA: CONVERSAR COM A PERSONAGEM-CHAVE DA HISTÓRIA, A IRMÃ DE BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: TIRAR AS PRIMEIRAS DÚVIDAS SOBRE QUEM ERA BERTA, QUAIS FORAM OS SEUS MILAGRES E COMO REPERCUTIRAM. ALÉM DE PROCURAR SABER MAIS PERSONAGENS QUE TENHAM ENVOLVIMENTO COM A HISTÓRIA.

ROTEIRO:

DATA: 16/10/2016

HORÁRIO: 15H

LOCAL: RUA ANTONIO ONÉFRE GERBASI, 240, JARDIM DAS ROSAS – PRESIDENTE PRUDENTE

ENTREVISTADO: ELIANA GALVÃO MARTINELLI

TELEFONE: (18) 3222-7461

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUEM ERA BERTA LUCIA?
- VOCÊS SEMPRE FORAM DE PRESIDENTE PRUDENTE?
- QUAL FOI O PRIMEIRO MILAGRE DE BERTA?
- POR QUE BERTA É TÃO PRESENTADA COM BONECAS?
- EXISTE UMA HISTÓRIA DE QUE BERTA ADOECIU PORQUE QUERIA MUITO UMA BONECA E NÃO TEVE, POR ISSO É TÃO PRESENTADA COM BONECAS. O QUE A SENHORA SABE SOBRE ISSO?
- QUEM ERA ROBERTO GALVÃO?
- QUANDO QUE SUA MÃE FALECEU?
- O QUE ELA FALAVA SOBRE A BERTA?
- AS MATÉRIAS DE JORNAIS DIZIAM QUE SUA MÃE ERA BENZEDEIRA. O QUE MAIS ELA FAZIA?

- SEGUNDO HISTÓRIAS POPULARES, O PRIMEIRO RELATO DE MILAGRE REALIZADO POR BERTA, FOI COM UM HOMEM QUE PASSAVA PERTO A SUA CAPELA. QUEM ERA?

DADOS:

ELIANA É A IRMÃ MAIS NOVA DE BERTA LUCIA, UM DOS POUCOS MEMBROS DA FAMÍLIA QUE AINDA PERMANECE VIVA EM PRESIDENTE PRUDENTE. ELA É A RESPONSÁVEL POR MANTER VIVA A IMAGEM DE BERTA LUCIA, INDO ANUALMENTE NO DIA DE FINADOS PARA RECEBER DEVOTOS E OUVIR SUAS HISTÓRIAS DE FÉ.

PAUTA – 02

PROPOSTA: CONHECER HISTÓRIAS DE DEVOTOS QUE ESTARÃO PRESENTE VISITANDO A CAPELA DE BERTA LUCIA NO DIA DE FINADOS.

ENCAMINHAMENTO: ANUALMENTE, O TUMULO DE BERTA LUCIA RECEBE CENTENAS DE VISITAS, SENDO CONSIDERADO O MAIS VISITADO DO CEMITERIO MUNICIPAL SÃO JOAO BATISTA. A PARTIR DISSO,

ROTEIRO:

DATA: 02/11/2016

HORÁRIO: 8H

LOCAL: CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - RUA JOSE BONGIOVANI, 975 – VILA LIBERDADE

ENTREVISTADO: DEVOTOS

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUAL O SEU OBJETIVO AO VISITAR A CAPELA DE BERTA LUCIA?
- VOCE FEZ ALGUM PEDIDO PARA A BERTA?
- QUAL O MILAGRE QUE VOCE RECEBEU DE BERTA LUCIA?
- COMO “PAGOU” ESSA PROMESSA?

- QUAL O SEU PRIMEIRO CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA LUCIA?

DADOS:

ANUALMENTE, O TÚMULO DE BERTA LUCIA, RECEBE CENTENAS DE VISITAS COM OS MAIS DIVERSOS PROPÓSITOS, COMO FAZER PEDIDOS, AGRADECER PELA REALIZAÇÃO DOS MESMOS E ATÉ MESMO PAGAR PROMESSAS.

NO FERIADO DE FINADOS, OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DA CIDADE VOLTAM SUA ATENÇÃO PARA O TÚMULO DA MENINA QUE TEVE UMA MORTE PRECOCE, DEVIDO A POPULARIDADE PELOS SEUS PODERES DE CURA. E, DENTRE AS MAIS DIVERSAS FORMAS DE PAGAR PROMESSAS, AS MAIS FREQUENTES SÃO PRESENTEAR BERTA COM BONECAS E HOMENAGENS COM SEU NOME.

PAUTA – 03

PROPOSTA: COMPARAR INFORMAÇÕES OBTIDAS POR MEIO DOS PERIÓDICOS E PROCURAR NOVOS RUMOS PARA A PESQUISA.

ENCAMINHAMENTO: SABER COMO FOI A INFÂNCIA DE BERTA E DE ELIANA. DISCERNIR O QUE É VERDADEIRO DAS TANTAS INFORMAÇÕES DISPOSTAS NOS JORNAIS DURANTE TODOS OS ANOS INDEXADOS.

ROTEIRO:

DATA: 23/02/2017

HORÁRIO: 20H

LOCAL: RUA ANTONIO ONÉFRE GERBASI, 240, JARDIM DAS ROSAS – PRESIDENTE PRUDENTE

ENTREVISTADO: ELIANA GALVÃO MARTINELLI

TELEFONE: (18) 3222-7461

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- VOCÊS SÃO EM QUANTOS IRMÃOS?
- COMO FOI A SUA INFÂNCIA?
- QUEM É NATALÍA?

DADOS:

ELIANA TEM 63 ANOS E É FILHA DO SEGUNDO CASAMENTO DE ANA. O QUE SABE SOBRE A IRMÃ, É O QUE SUA MÃE LHE FALAVA, ENQUANTO VIVA. ALEGA TAMBÉM QUE O PRIMEIRO MILAGRE ATRIBUÍDO PELA MENINA FOI UM ACIDENTE DOMÉSTICO ENVOLVENDO ELIANA E UMA PAINEL DE PRESSÃO.

PAUTA – 04

PROPOSTA: SABER O QUE UM DOS PRINCIPAIS PERSONAGENS DA HISTÓRIA CONHECE SOBRE O ASSUNTO.

ENCAMINHAMENTO: ENTENDER POR QUE JOÃO CUIDA VOLUNTARIAMENTE DO TUMULO DE BERTA, SENDO QUE ESSE TRABALHO É O QUE AJUDA A COMPOR A RENDA.

ROTEIRO:

DATA: 02/03/2017

HORÁRIO: 16H

LOCAL: CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - RUA JOSE BONGIOVANI, 975 – VILA LIBERDADE

ENTREVISTADO: JOÃO DE SOUZA

TELEFONE: (18) 3221-2230

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUAL FOI O SEU PRIMEIRO CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA?

- POR QUE ESCOLHEU O TUMULO DE BERTA PARA CUIDAR ASSIM, VOLUNTARIAMENTE?
- O QUE RECEBE EM TROCA DESSE TRABALHO?
- VOCÊ ACREDITA NOS MILAGRES DE BERTA LUCIA?
- COMO CONHECEU ANA?

DADOS:

JOÃO É APOSENTADO PELA PREFEITURA DE PRESIDENTE PRUDENTE E GANHA UMA RENDA EXTRA CUIDANDO E LIMPANDO CAPELAS DO CEMITÉRIO MUNICIPAL. UM DOS TUMULOS QUE FICA RESPONSÁVEL É O DE BERTA LUCIA, PORÉM SEM COBRAR NADA POR ISSO.

TINHA CONTATO COM ANA E A AJUDAVA NOS CUIDADOS DA CAPELA, MAS, DEPOIS DO FALECIMENTO, TOMOU A RESPONSABILIDADE E SOZINHO, SEMANALMENTE, VISITA E MANTÊM ORDEM NO JAZIGO DA MENINA.

PAUTA – 05

PROPOSTA: ENTENDER QUAL O POSICIONAMENTO DA IGREJA CATOLICA SOBRE A MANIFESTAÇÃO DA FÉ EM SANTOS POPULARES, COM FOCO EM BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: FALAR COM O REPRESENTANTE REGIONAL DO CATOLICISMO, O BISPO DOM BENEDITO, PARA ENTENDER O PROCESSO DE CANONIZAÇÃO E SANTIFICAÇÃO DE UMA PESSOA, TENDO COMO PRINCIPAL FOCO A BERTA LUCIA. E APROVEITAR O ENSEJO DE QUE ELIANA TAMBÉM IRÁ CONVERSAR COM O BISPO SOBRE DUVIDAS PARA DAR ENTRADA NO PROCESSO.

ROTEIRO

DATA: 29/03/2017

HORÁRIO: 15H

LOCAL: DIOCESE DE PRESIDENTE PRUDENTE – CURIA. RUA JOÃO GOERTZ, 400, JARDIM ESPLANADA

ENTREVISTADO: DOM BENEDITO GONÇALVES DOS SANTOS

TELEFONE: (18) 3223-3753 (CURIA)

SUGESTÃO DE PERGUNTA:

- QUAL A DIFERENÇA ENTRE O PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO, DE SANTIFICAÇÃO E DE CANONIZAÇÃO?
- O QUE É PRECISO PARA DAR ENTRADA NESSES PROCESSOS?
- NO CASO DA BERTA LUCIA, É POSSIVEL ELA SER RECONHECIDA PELA IGREJA CATÓLICA?
- COMO FOI A CONVERSA COM ELIANA?
- ELA TEM MUITAS EXPECTATIVAS SOBRE ESSE PROCESSO PARA QUE A IRMÃ SEJA RECONHECIDA PELA IGREJA CATÓLICA. QUAIS AS CHANCES DE ISSO SER CONCRETIZADO?

DADOS:

O BISPO BENEDITO É A AUTORIDADE DA DIOCESE DE PRESIDENTE PRUDENTE, TAMBÉM CONHECIDA COMO CURIA DIOCESANA, SENDO REPRESENTANTE DA IGREJA CATÓLICA NA REGIÃO.

ESTÁ NO CARGO HÁ OITO ANOS E UMA DE SUAS FUNÇÕES É ESTUDAR E LEVAR CASOS COMO O DE BERTA LUCIA PARA AS DISCUSSÕES INTERNAS ENTRE OS REPRESENTANTES DA IGREJA PARA SABER O POSICIONAMENTO E SE O CASO ENTRA NAS REGULAMENTAÇÕES PARA O INICIO DE UM PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO.

PAUTA – 06

PROPOSTA: COLHER DADOS OFICIAIS QUE MOSTREM A MUDANÇA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL E DETALHES SOBRE O TÚMULO DE BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAR COM O ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO, CARLOS ALBERTO, UMA FONTE OFICIAL, PARA FAZER LEVANTAMENTOS DOCUMENTAIS QUE CONFRONTE COM OS RELATOS COLHIDOS ATÉ ENTÃO.

ROTEIRO:

DATA: 29/03/2017

HORÁRIO: 16H

LOCAL: CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - RUA JOSE BONGIOVANI, 975 – VILA LIBERDADE

ENTREVISTADO: CARLOS ALBERTO DE LIMA

TELEFONE: (18) 39083644

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUAL O ANO EM QUE O CEMITÉRIO MUNICIPAL FOI INAUGURADO ONDE HOJE É LOCALIZADO A RODOVIÁRIA?
- POR QUE HOVE A MUDANÇA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL?
- QUANDO FOI FEITO A MUDANÇA DO LOCAL DO CEMITÉRIO?
- O QUE VOCÊ CONHECE DA HISTÓRIA DE BERTA LUCIA?
- VOCÊ SABE DIZER SE É VERDADE O QUE DIZEM DE QUE O AGRIPINO LIMA É QUEM FAZ AS REFORMAS NA CAPELA DE BERTA LUCIA?
- EXISTE ALGUM DOCUMENTO QUE FALE SOBRE O PRIMEIRO RESPONSÁVEL QUE DEU TERRENO ONDE A BERTA FOI ENTERRADA NO ANTIGO CEMITÉRIO?
- QUANTAS PESSOAS PASSAM PELO CEMITÉRIO NO DIA DE FINADOS?
- E NO TÚMULO DE BERTA LUCIA? EXISTE ALGUM DADO QUE INDIQUE O TANTO DE PESSOAS QUE VISITAM?

DADOS:

CARLOS ALBERTO É ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO E POSSUI DADOS OFICIAIS QUE PODE INFLUENCIAR NO RESULTADO DA PESQUISA, POIS

ESSE TIPO DE INFORMAÇÃO NOS AMPARÁ EM FONTES COM FUNDAMENTO, COMPROVANDO QUESTÕES E HISTÓRIAS QUE POSSAM ENTRAR EM CONTRADIÇÃO.

PAUTA – 07

PROPOSTA: SABER O CONTEXTO DE PRESIDENTE PRUDENTE NO MOMENTO EM QUE O CEMITÉRIO MUNICIPAL FOI TRANSFERIDO DA RODOVIÁRIA PARA A SUA ATUAL LOCALIZAÇÃO.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAR COM O HISTORIADOR RONALDO, QUE PRODUZIU UM RESGATE HISTORICO DE PRESIDENTE PRUDENTE, SOBRE OS POSSÍVEIS MOTIVOS QUE POSSAM ESCLARECER A MUDANÇA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE LUGAR.

ROTEIRO:

DATA: 30/03/2017

HORÁRIO: 9H

LOCAL: MUSEU DE PRESIDENTE PRUDENTE - RUA DR. JOÃO GONÇALVES FOZ, 2179 - JARDIM DAS ROSAS

ENTREVISTADO: RONALDO ANTONIO BARBOSA MACEDO

TELEFONE: (18) 32734861 / (18) 99106-4757

SUGESTÃO DE PERGUNTA:

- QUAL O CONTEXTO DE PRESIDENTE PRUDENTE NA DÉCADA DE 40?
- QUAL FOI O ANO DA MUDANÇA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL PARA O SÃO JOÃO BATISTA?
- QUAL O MOTIVO PARA ISSO?
- QUANDO ELE FOI INAUGURADO NA ANTIGA RODOVIÁRIA?
- NESSA MESMA DÉCADA, COMO ERA CONSTITUIDA A POPULAÇÃO PRUDENTINA?

DADOS:

RONALDO É UM HISTORIADOR, FORMADO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), QUE GANHOU TÍTULO PRUDENTINO, EM 2011, APÓS APRESENTAR UM PROJETO DE RESGATE HISTÓRICO DE PRESIDENTE PRUDENTE. ATUALMENTE TRABALHA NO MUSEU MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE.

PAUTA – 08

PROPOSTA: RECOLHER INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOB A ÓTICA DE UM JORNALISTA, QUE TEVE CONTATO DIRETO COM HISTÓRIA DE BERTA LUCIA NO MOMENTO DA SUA POPULARIZAÇÃO.

ENCAMINHAMENTO: ALTINO CORREIA CONHECEU ANA, A MÃE DE BERTA, E PODE CEDER MAIS DETALHES DE UMA ÉPOCA EM QUE NÃO SÓ VIVEU, COMO FEZ COBERTURAS JORNALÍSTICAS ANUALMENTE NO DIA DE FINADOS.

ROTEIRO:

DATA: 13/04/2017

HORÁRIO: 17H

LOCAL: EDIFÍCIO ARAPONGAS - RUA VISCONDE DE BARBACENA, 20, 7º ANDAR – PARQUE DOS PÁSSAROS

ENTREVISTADO: ALTINO OLIVEIRA CORREIA

TELEFONE: (18) 99771-4878

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- COMO O SENHOR TEVE CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA LUCIA?
- VOCÊ ACREDITA QUE ELA POSSA, REALMENTE, FAZER MILAGRES?
- POR QUE VOCÊ ACREDITA QUE UM FENÔMENO QUE COMEÇOU HÁ TANTO TEMPO PERSISTE ATÉ HOJE?

- COMO JORNALISTA, POR QUE VOCÊ ACREDITA QUE OS JORNAIS SE INTERESSAM TANTO PELO ASSUNTO, JÁ QUE ANUALMENTE ELES MENCIONAM A MENINA NO DIA DE FINADOS?
- VOCÊ CHEGOU A FAZER MATÉRIAS SOBRE A BERTA LUCIA. CONTE MAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA.
- VOCÊ ACREDITA QUE VAI CHEGAR UM DIA EM QUE A BERTA DEIXARÁ DE SER NOTÍCIA?
- QUAL A IMPORTÂNCIA DOS JORNAIS REGISTRAREM ESSA HISTÓRIA?
- COMO ERA A DONA ANA, MÃE DE BERTA?
- O SENHOR, POR ACASO, CONHECE A FAMÍLIA QUE DOOU O TERRENO PARA A BERTA? DIZEM SER JAPONESES.
- NA ÉPOCA, OS REPÓRTERES NÃO ASSINAVAM SUAS MATÉRIAS. SABERIA INDICAR OUTROS JORNALISTASQUE TENHAM CONHECIDO ANA?

DADOS:

AOS 82 ANOS, ALTINO É UMAS DOS JORNALISTAS E PERSONALIDADES MAIS CONHECIDAS DE PRESIDENTE PRUDENTE, PASSANDO POR DIVERSOS MEIOS E DONO DE UM CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIA DE MERCADO INIGUALÁVEL, JÁ TENDO PASSADO PELO RÁDIO, TELEVISÃO, IMPRESSO E, ONDE ESTÁ ATUALMENTE, NA ASSESSORIA DE IMPRENSA E NO SEU BLOG.

ALTINO COBRIU, POR DIVERSOS ANOS E PARA DIVERSOS VEÍCULOS, O DIA DE FINADOS E TEVE CONTATO COM A FAMÍLIA DE BERTA LUCIA.

PAUTA – 9

PROPOSTA: CONVERSAR COM DEVOTOS PARA TER CONHECIMENTO DE SUAS GRAÇAS RECEBIDAS E POR QUE ESCOLHEM BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: TOMAR CONHECIMENTO DAS GRAÇAS RECEBIDAS PELOS DEVOTOS E COMO FOI O PRIMEIRO CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA LUCIA.

ROTEIRO:

DATA: 21/04/2017

HORÁRIO: 16H

LOCAL: RUA MARACANA, 230 - VILA LIDER - PRESIDENTE PRUDENTE

ENTREVISTADO: CRISTIANA CÍCERA BRITO DE SÁ

TELEFONE: (18) 99762-0752

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUEM FOI BERTA LUCIA PARA VOCÊ?
- COMO SOUBE DELA?
- QUAL FOI O PEDIDO QUE FEZ?
- E ACREDITA TER SIDO ATENDIDO POR ELA?
- COMO ACREDITA QUE BERTA LUCIA TE AJUDOU?
- ALÉM DA BERTA LUCIA, VOCÊ ACREDITA EM OUTROS SANTOS? CHEGOU A REZAR POR MAIS ALGUM PELO QUE PRECISAVA?

DADOS:

CRISTIANA FEZ UM PEDIDO EM NOME DE SUA FILHA, POLIANA, QUE ESTAVA COM ANEMIA E QUE A MÉDICA HAVIA DADO POUCOS MESES DE VIDA. HOJE POLIANA FOI CURADA E A MÃE CONCEDE O TÍTULO À BERTA LUCIA.

PAUTA – 10

PROPOSTA: CONVERSAR COM DEVOTOS PARA TER CONHECIMENTO DE SUAS GRAÇAS RECEBIDAS E POR QUE ESCOLHEM BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: TOMAR CONHECIMENTO DAS GRAÇAS RECEBIDAS PELOS DEVOTOS E COMO FOI O PRIMEIRO CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA LUCIA.

ROTEIRO:

DATA: 24/04/2017

HORÁRIO: 19h00min

LOCAL: UNOESTE CAMPUS II

ENTREVISTADO: ELOISA APARECIDA DE FREITAS SOUZA

TELEFONE: (18) 99634-1695

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUEM FOI BERTA LUCIA PARA VOCÊ?
- COMO SOUBE DELA?
- QUAL FOI O PEDIDO QUE FEZ?
- E ACREDITA TER SIDO ATENDIDO POR ELA?
- COMO ACREDITA QUE BERTA LUCIA TE AJUDOU?
- ALÉM DA BERTA LUCIA, VOCÊ ACREDITA EM OUTROS SANTOS? CHEGOU A REZAR POR MAIS ALGUM PELO QUE PRECISAVA?

DADOS:

ELOISA FEZ UM PEDIDO EM NOME DE SEU FILHO, VINICIUS, QUE, AOS CINCO ANOS DE IDADE, DESENVOLVEU TOC (TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO) E SÍNDROME DO PÂNICO. DISSE QUE, COM A AJUDA DE BERTA LUCIA E COM AUXÍLIO DE ESPECIALISTA, O FILHO FOI CURADO.

PAUTA – 11

PROPOSTA: CONVERSAR COM DEVOTOS PARA TER CONHECIMENTO DE SUAS GRAÇAS RECEBIDAS E POR QUE ESCOLHEM BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: TOMAR CONHECIMENTO DAS GRAÇAS RECEBIDAS PELOS DEVOTOS E COMO FOI O PRIMEIRO CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA LUCIA.

ROTEIRO:

DATA: 23/04/2017

HORÁRIO: 17H00

LOCAL: UNOESTE CAMPUS II

ENTREVISTADO: LUIZ CÉSAR TEIXEIRA DA SILVA

TELEFONE: (18) 3282-2301 / (18) 99136-3075

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUEM FOI BERTA LUCIA PARA VOCÊ?
- COMO SOUBE DELA?
- QUAL FOI O PEDIDO QUE FEZ?
- E ACREDITA TER SIDO ATENDIDO POR ELA?
- COMO ACREDITA QUE BERTA LUCIA TE AJUDOU?
- COMO ACREDITA QUE BERTA LUCIA TE AJUDOU?
- ALÉM DA BERTA LUCIA, VOCÊ ACREDITA EM OUTROS SANTOS? CHEGOU A REZAR POR MAIS ALGUM PELO QUE PRECISAVA?

DADOS:

SEGUNDO O RELATO DE LUIZ, ADQUIRIDO POR MEIO DO CADERNO DE VISITAS DA CAPELA, NO DIA DE FINADOS, O MESMO AFIRMA TER RECEBIDO DIVERSAS GRAÇAS DE BERTA LUCIA. A PRIMEIRA ENVOLVE DIVERSAS TENTATIVAS DE ENGRAVIDAR SUA ESPOSA, QUE RESULTARAM EM FRUSTRADAS TENTATIVAS, QUE TAMBÉM COLOCOU A VIDA DA ESPOSA EM RISCO, DEVIDO A ABORTOS NATURAIS QUE A MESMA SOFRIA. MAS, AO PEDIR A AJUDA DA MENINA SANTA, FINALMENTE CONSEGUIE QUE UMA GRAVIDEZ FOI BEM SUCEDIDA, NOMEANDO, ASSIM, A FILHA DE BERTA LUCIA. A FAMÍLIA É DE TEODORO SAMPAIO.

PAUTA – 12

PROPOSTA: CONVERSAR COM DEVOTOS PARA TER CONHECIMENTO DE SUAS GRAÇAS RECEBIDAS E POR QUE ESCOLHEM BERTA LUCIA.

ENCAMINHAMENTO: TOMAR CONHECIMENTO DAS GRAÇAS RECEBIDAS PELOS DEVOTOS E COMO FOI O PRIMEIRO CONTATO COM A HISTÓRIA DE BERTA LUCIA.

ROTEIRO:

DATA: 24/04/2017

HORÁRIO: 15h00

LOCAL: Rua Paulo Zacarias, nº 70 – Jardim Santa Mônica

ENTREVISTADO: FRANCISCO FERREIRA NOBRE

TELEFONE: (18) 99647-7748

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUEM FOI BERTA LUCIA PARA VOCÊ?
- COMO SOUBE DELA?
- QUAL FOI O PEDIDO QUE FEZ?
- E ACREDITA TER SIDO ATENDIDO POR ELA?
- COMO ACREDITA QUE BERTA LUCIA TE AJUDOU?
- ALÉM DA BERTA LUCIA, VOCÊ ACREDITA EM OUTROS SANTOS? CHEGOU A REZAR POR MAIS ALGUM PELO QUE PRECISAVA?

DADOS:

FRANCISCO É UM DEVOTO, TEM 88 ANOS E PEDIU A INTERCESSÃO DE BERTA LUCIA, POIS TEM PROBLEMA COM GASTRITE. ESTEVE NO CEMITÉRIO ONDE BERTA É ENTERRADA E VISITOU A SUA CAPELA, DEIXANDO SEU DEPOIMENTO NO LIVRO DE VISITAS, ORGANIZADO PELA IRMÃ DA MENINA, ELIANA.